

UNIVERSIDADE ABERTA



Dissertação de Mestrado em Português Língua Não
Materna

**Expectativas do E-learning na Política de Língua
do Ensino do Português no Estrangeiro**

Isabel Cristina Rodrigues Heleno Silva

**CICLO DE ESTUDOS CONDUCENTE AO GRAU DE MESTRE
EM PORTUGUÊS LÍNGUA NÃO MATERNA**

2013



Expectativas do E-learning
na Política de Língua do Ensino do Português no Estrangeiro

Isabel Cristina Rodrigues Heleno Silva

Dissertação Apresentada na Universidade Aberta para a
Obtenção do Grau de Mestre em Português Língua Não Materna

Orientador científico

Professor Doutor Ricardo Salomão

Nice, Setembro de 2013

“ ...o espírito científico só pode progredir criando métodos novos”

Bachelard (1975)

Agradecimentos

*Dedico este projeto à minha família em especial aos meus filhos,
Ricardo e David,
por terem sido uma inesgotável fonte de apoio e entusiasmo.
Aos meus pais, um sinal de reconhecimento e gratidão.*

Neste importante momento de minha formação, agradeço sobretudo a Deus, por acompanhar e dirigir os caminhos da minha vida.

Ao Professor Doutor Ricardo Salomão, orientador da tese, pelas indicações precisas, metódicas e sistemáticas para a concretização deste trabalho.

Aos professores que deram a conhecer o estudo aos seus aprendentes, nomeadamente o Professor Adelino Sousa, à Professora Maria da Luz Santos Silva, à Professora Eva e a Professora Carla Wess são dirigidos os agradecimentos pela amabilidade, cooperação e autorização na utilização da recolha de dados aos seus alunos.

À Sra. Coordenadora do Ensino Português França, Doutora Adelaide Cristóvão pela autorização concedida para a recolha dos dados divulgando assim a todos os professores no ativo em França. Assim como, à Senhora presidente da associação (A S C F P), a atenciosa Doutora Maria Romano pela sua amabilidade, cooperação e disponibilidade para realização da recolha dos dados aos associados que participam nas aulas de português em Paris.

Finalmente para todos os aprendentes que frequentam o 1º ciclo, 2º ciclo e 3º ciclo na Europa em Português Língua Estrangeira (**PLE**), pela sua voluntariedade, cooperação e disponibilidade em participar no estudo.

Enfim à toda minha família, em especial à minha irmã Lília Heleno, amigos e professores que me apoiaram durante essa caminhada.

Resumo

O presente trabalho de investigação, enquadra-se no decurso da formação, ao nível do Mestrado em Português Língua Não Materna, tendo como principal objetivo na compreensão e reflexão dos modelos pedagógicos em contexto de educação via **E-learning**, centrado nas expetativas dos aprendentes, face a novas políticas de língua do ensino do português no estrangeiro e sua problemática perante um conjunto de fatores associados.

Deste modo, para desenvolvimento deste estudo, contou-se com a colaboração de cento e cinquenta e seis aprendentes e optamos por utilizar como metodologia de recolha de dados na aplicação de questionário on-line, feita aos aprendentes do português língua estrangeira, no ensino primário e secundário da rede escolar na Europa.

Posto isto, salientamos que os aprendentes apesar de terem uma enorme motivação no uso das novas tecnologias com recurso à Internet, na aprendizagem do português língua não materna, ainda assim não desejam abdicar da presença indispensável do professor dentro de uma sala de aula. A resistência à modalidade **E-learning** é notável, quando apontam falhas na aquisição e desenvolvimento das competências linguísticas, mas pretendem fazer uso destas ferramentas virtuais, num cariz lúdico e dinâmico tornando as aulas mais apelativas. Por outro lado, a modalidade via **E-learning**, segundo os aprendentes apresenta-se como uma opção viável, para os que não têm acesso à rede escolar do português língua estrangeira, baseados num modelo pedagógico enriquecido, com ferramentas de videoconferência (Skype, MSN, ...) cumprindo com objetivos do ensino **PLE**.

Pelas razões apontadas, acreditamos que este trabalho é bastante elucidativo, os resultados obtidos permitir-nos-ão conhecer melhor as expectativas destes aprendentes. Para além disso, apontaremos algumas estratégias pedagógicas, para uma melhor performance do sistema via **E-learning** na aprendizagem do **PLE**, servindo como objeto de reflexão relacionada com temática.

Palavras-chave: *E-learning, Política de Língua, Planeamento Linguístico, Desenvolvimento da Linguagem, Português Língua Não Materna*

Abstract

The present investigative study, it fits the educational study on a Master's Degree in Portuguese not Native Language, with the goal of understanding and reflection of the teaching models in context of education by **E-learning**, centered on the expectations of learners in the presence of new language policies of the teaching Language Foreigner Portuguese and their problems face a set of associated factors.

Thereby, for the development of this study, we can count on the collaboration of one hundred and fifty-six learners and we chose to use as a data collection methodology in applying *online* questionnaire, applied to the Portuguese learners a foreign language in primary and secondary education of the teaching of Portuguese foreign language in Europe.

Therewith, it was shown that learners despite having a huge motivation in the use of new technologies using the Internet, learning the Portuguese not native language, still doesn't want abdicating essential presence of teacher in a classroom. Resistance to **E-learning** mode is remarkable, when point failures in the acquisition and development of language skills, but intend to make use of these virtual tools, a playful and dynamic nature making lessons more appealing. On the other hand, the mode via **E-learning**, learners presents itself as a viable option for those who do not have access to school network of Portuguese foreign language, whose use based on a pedagogical model, enriched with videoconferencing tools (Skype, MSN, ...) complying with objectives of education in Portuguese foreign language.

For the reasons mentioned, we believe that this study is very pertinent; the results obtained will allow us to understand better the expectations of learners. In addition, we consider some pedagogical strategies, for better system performance by **E-learning** in learning (Portuguese foreign language) serving as the subject of reflection related to theme.

Keywords: *E-learning, Language policy, Linguistic Planning, Language development, Portuguese No Native Language*

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BAC- Exame Acesso à Universidade

CPLP - Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

LMS - Learning Management System (Sistema de Gestão de Aprendizagem)

LP - Língua Portuguesa

L2 - Língua Segunda

MOODLE - Modular Object Oriented Dynamic Learning Environment

PL - Política Linguística

PLE - Português Língua Estrangeira

PLNM - Português Língua Não Materna

PLP - Política da Língua Portuguesa

QECR -Quadro Europeu Comum de Referência

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

ÍNDICE

Agradecimentos.....	4
Resumo.....	5
Abstract	6
Índice de Figuras	10
Índice de Gráficos	11
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO.....	13
1.1.Contextualização do Estudo	13
1.2.Motivações da investigação.....	15
1.3.Problema e Objetivos do Estudo	17
1.4.Organização da Dissertação	18
CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	22
2.1. O PAPEL DO E-LEARNING NA EDUCAÇÃO EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS	22
2.1.1 As TIC e a Educação de Línguas Estrangeiras.....	22
2.1.2. Conceito de E-learning	23
2.1.3. Forças que impulsionaram o E-learning	28
2.1.4. Modelo de Sistema de Gestão E-learning	30
2.1.5.Pontos fortes e pontos fracos no processo de aprendizagem <i>em E-learning</i>	33
2.1.6. Expectativas do E-learning no ensino do PLNM.....	37
2.1.7. Ensino E-learning versus Ensino presencial na aquisição de segunda língua.....	39
2.1.8. Meios tecnológicos que reforçam espaços virtuais de aprendizagem	44
2.1.9. Estudo de caso - Aplicações <i>online</i> de aprendizagem de PLNM.....	53
2.2. ANÁLISE DA ESTRATÉGIA DA POLÍTICA LINGUÍSTICA.....	57
2.2.1 Política da Língua Portuguesa na Europa e no Mundo	59
2.2.2. Política linguística: esforços na definição	67
2.2.3. Planeamento linguístico	71
2.2.4. Problemas das políticas linguísticas	75
2.2.5. Intervenção Quadro Europeu Comum de Referência face ao ensino do PLE	77
2.2.6. Competências do Quadro Europeu Comum de Referência.....	81
2.2.7.Violação das Normas Europeias e do QECR	85
2.2.8. Diretrizes do Ministério Educação no desenvolvimento da competência comunicativa	88

2.3. DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM	90
2.3.1. Componentes Linguísticos do Desenvolvimento da Linguagem	90
2.3.2. Componente fonológica – dos sons às palavras	91
2.3.3. Componente lexical e semântica –dos conceitos e das palavras	93
2.3.4. Componente sintáctica – das palavras às frases	96
2.3.5. Componente pragmática – linguagem em contexto	99
2.3.6. Análise dos componentes presentes no ensino via E-learning	101
CAPÍTULO III- METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO.....	105
3.1.Abordagem Metodológica.....	105
3.2.Materiais e Métodos	106
3.3.Definição do objeto de estudo.....	108
3.4.População e Amostra.....	108
3.5.Pertinência e objetivos da investigação.....	109
3.6.Formulação de hipóteses	110
3.7.Instrumentos de recolha de dados e sujeitos de investigação.....	111
3.8.Etapas da recolha dos dados.....	113
CAPÍTULO IV - ABORDAGEM DOS RESULTADOS	116
4.1.Apresentação, análise e interpretações dos resultados obtidos	116
4.2.Discussão dos Resultados	131
CAPÍTULO V - CONCLUSÕES GERAIS.....	136
5.1.Conclusões	136
5.2.Limitações	142
Bibliografia	143
Anexos	147

Índice de Figuras

Figura 1 – Modelo em Linha

Figura 2 - Componentes da definição de educação **E-learning**

Figura 3 – Formas de utilizar o vídeo no ensino-aprendizagem

Figura 4 - Aplicação *online* da Mosalingua

Figura 5 - Aplicação *online* do LiveMocha

Figura 6 – Centro Virtual de Camões

Figura 7 - Instituições do estado com competências na política cultural externa

Figura 8 - Medidas criadas pela Comissão Europeia

Figura 9 – Estimativa N° de Falantes de cada uma das principais Línguas Europeias

Figura 10 – Estimativa N° de Falantes nível mundial

Figura 11 – Modelo com a articulação da Política de língua e com Planificação linguística

Figura 12– Dialeto regionais em França

Figura 13 – Competências do Quadro Europeu Comum de Referência

Figura 14 – Ensino do Português no Estrangeiro

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Distribuição dos inquiridos por sexo

Gráfico 2 – Distribuição dos inquiridos por intervalos etários

Gráfico 3 - Distribuição dos inquiridos por Escolaridade

Gráfico 4 – Nº Anos de aulas de português no estrangeiro

Gráfico 5 – Utilização do computador em casa na aprendizagem do português

Gráfico 6 – Utilização do computador em contexto sala de aula

Gráfico 7 – Utilização das ferramentas em contexto sala de aula

Gráfico 8 – Perceção da facilidade de aprendizagem usando Internet

Gráfico 9 – Frequência de utilização da ferramenta da Internet

Gráfico 10 – Monitorização do modo de utilização de Internet

Gráfico 11 – Pretensão do uso da Internet na aprendizagem do português

Gráfico 12 – Pretensão do uso da Internet na aprendizagem do português sem professor

Gráfico 13 – Pretensão das diferentes tecnologias da Web na aquisição do **PLE**

Gráfico 14 – Pretensão em aderir ao ensino **E-learning** na aquisição do **PLE**

Gráfico 15 – Motivações individuais dos aprendentes na aquisição do **PLE**

Gráfico 16 – Contribuição **E-learning** na aproximação das Comunidades de Língua Portuguesa

CAPÍTULO I

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

1.1. Contextualização do Estudo

Uma sociedade de comunicação como a emergente, com exigências cada vez mais profundas no domínio tecnológico, não pode ficar indiferente ao papel do **E-learning** no ensino de línguas estrangeiras na atualidade. No ensino de línguas, as Tecnologias de Informação e Comunicação (**TIC**) constituem um desafio pela introdução de novos instrumentos que abrem novas possibilidades na forma como se tem acesso à informação na “aldeia global”, mais conhecida por Internet.

Mas sua introdução pressupõe uma nova filosofia do ato educativo, alargando os objetivos curriculares tradicionalmente considerados e exigindo aos professores e aprendentes o desenvolvimento de novas competências do domínio tecnológico, impondo assim, a eficiência e eficácia dos processos e dos recursos humanos. Qualidades como mobilidade, autonomia, centralidade do aprendente, e a exigência da aprendizagem ao longo da vida, tornaram-se conceitos estruturantes desta mutação no paradigma educacional que visa a integração com os requisitos de uma sociedade do conhecimento num contexto de globalização.

As instituições de ensino que promovem a aprendizagem do **PLE** devem assumir um papel ativo, isto é modernizar-se com medidas inovadoras integradas no cenário europeu, com a possibilidade de usufruir dos recursos tecnológicos que podem cooperar no ensino.

Para além dessas medidas, existem implicações mais relacionadas com a arquitetura de políticas que regulam e norteiam o ensino/aprendizagens de línguas estrangeiras na Europa. Nesse âmbito, a Comissão Europeia (2008) definiu como Política Linguística uma diversidade linguística em que se promove a aprendizagem de línguas conforme a seguinte citação:

“As políticas da UE no domínio das línguas destinam-se a proteger a diversidade linguística e a promover o conhecimento de línguas, por razões de identidade cultural e de integração social, mas também porque o multilinguismo permite tirar um maior partido das oportunidades de ensino, profissionais e económicas resultantes de uma Europa integrada. O objectivo é uma Europa onde cada pessoa fale, pelo menos, mais duas línguas para além da sua língua materna.”

Por outro lado, o ensino do **PLE** apresenta novas perspetivas no futuro, o atual Governo que lidera o Estado Português anunciou pela comunicação social visando uma nova Política de Língua do Português (PLP) que futuramente poderá ser implementada como veículo dos conteúdos linguísticos o “ensino à distância tutorizado/e-learnig tutorizado” substituindo a rede escolar em funcionamento por toda a Europa. *Fonte: http://sol.sapo.pt/inicio/Sociedade/Interior.aspx?content_id=47206 visitado 12/02/13 Jornal Sol editado 18/04/2012*

No contexto deste projeto em que acreditamos que a transmissão de informação e conhecimento, com base no auxílio complementar dos recursos tecnológicos, em que o aprendente se deverá constituir como o epicentro, envolvendo assim a participação dos professores como mediador no processo, havendo assim uma preocupação de fornecer ao aprendente instrumentos e fontes de informação que os próprios possam usar na descoberta de conhecimento, num contexto de ensino-aprendizagem colaborativo.

Esta investigação pretende contribuir para a compreensão das expetativas dos aprendentes, face a um novo panorama de ensino, o designado **E-learning**, em conjunto com as medidas existentes da Política de Língua ao deparar-se com o desafio enraizado do ensino do **PLE**, com a utilização dos meios tecnológicos existentes, redefinindo novos objetivos educativos, as novas metodologias a enfrentar e as devidas dificuldades sentidas neste processo. Assim sendo, tendo em conta estas transformações políticas no ensino **PLE**, deve-se interrogar-se como deverá se preparar os aprendentes corretamente, sem comprometer qualidade do ensino fazendo uso correto desta ferramenta *online*, na edificação de uma

verdadeira sociedade europeia do conhecimento de línguas estrangeiras e para o exercício efetivo de uma cidadania europeia.

1.2.Motivações da investigação

O interesse em pesquisar o tema sobre o papel do **E-learning** na aprendizagem/ensino não nasceu repentinamente, pelo contrário, influenciado por diversos fatores no âmbito profissional da investigadora. Mas deve-se essencialmente às novas medidas de “Política Linguística” aprovadas pelo Governo, promovendo a língua portuguesa no estrangeiro, culminou, sem dúvida o atual tema desta investigação. À luz de uma leitura hermenêutica e crítica, lançou-se um olhar diagnóstico do campo empírico buscando identificar, analisar e compreender o contexto do ensino via **E-learning** do idioma **PLE**.

Ao longo de muitas e variadas experiências que têm marcado a minha vida profissional quer no ensino presencial na Universidade de Nice e em diversos centros de formação de línguas estrangeiras, como na preparação de materiais didáticos na área de Português Língua não Materna, quer em situações de formação à Distância, destinados aos aprendentes do **PLE** quando se preparavam para os exames de acesso à Universidade, o designado BAC, na região do sul de França, na qual faço parte como júri nos exames nacionais.

Outro motivo extremamente forte, que levou à realização desta ambição profissional, está intrinsecamente ligado com a progressão na carreira em concorrer ao cargo de leitor, resultante da própria curiosidade e interesse da investigadora por novos desafios, associado com a própria experiência pedagógicas na área de **TIC**, em conjunto com reflexão advinda das unidades curriculares do Mestrado em **PLNM**, na parte curricular frequentada no ano precedente, num cruzamento de saberes essenciais à formação de docente destaco o:

- Desenvolvimento da Linguagem;
- Política de Língua e Planeamento Linguístico;
- Metodologia do trabalho científico em **TIC** aplicadas ao **PLNM**

No seguimento destas experiências pedagógicas, face a um “mar de perguntas” na qual se sentiu a curiosidade em dar resposta, assomaram numa problemática particularmente interessante: o desenvolvimento da competência comunicativa em língua portuguesa com recurso ao ensino via **E-learning** do ensino primário e secundário em toda a Europa.

A motivação principal desta investigação assenta na determinação de elementos do ensino com uso da plataforma **E-learning** na difusão do **PLE**, depreende-se pelo facto de tentar perceber até que ponto as mesmas são ou não eficazes, influenciando positivamente a promoção da difusão do ensino do português, no mundo mais precisamente na Europa. Trata-se de uma investigação exploratória, tendo como objetivos de investigação: analisar as características sociodemográficas dos aprendentes que frequentam o 1º Ciclo, 2º Ciclo e 3º Ciclo das aulas de português língua não materna, designado doravante **PLNM**, ou então, que já frequentaram as aulas referidas.

Importa também neste contexto, analisar as distinções entre o ensino presencial e o ensino com uso da plataforma **E-learning**.

Carece, então, refletir sobre os pontos fortes e pontos fracos do sistema com uso da plataforma **E-learning** tirando partido na investigação, de cada ponto de vista dos aprendentes. Paralelamente, importa conhecer as expectativas dos aprendentes face a este sistema de ensino com uso da plataforma **E-learning** e avaliar a proficiência das atuais medidas da política de língua a implementar no ensino **PLE**. Por fim, convém determinar alguns problemas emergentes na aplicação destas novas medidas de política de língua.

1.3. Problema e Objetivos do Estudo

Na grande maioria, um estudo de natureza científica pressupõe o conhecimento do contexto de investigação em que se insere, no caso específico de um projeto de investigação-ação, devendo se planificar estratégias possíveis de se aplicar no campo de investigação

Numa perspetiva generalizada, parte-se do pressuposto de que aprendizagem de um idioma como **PLE** com base numa efetiva exploração das ferramentas tecnológicas via **E-learning** permite de um modo geral:

- A promoção e divulgação da língua portuguesa serão feitas num ambiente mais autónomo e centrado no aprendente;
- A flexibilidade de horários e o conforto possibilitará uma maior motivação;
- A adaptação e respeito aos diferentes ritmos de aprendizagem segundo o perfil dos aprendentes.

Da assunção destes pressupostos anteriormente faz despoletar o problema de investigação que foi formalizado na questão:

- Quais são expetativas dos aprendentes na difusão do E-learning no Ensino do Português no Estrangeiro.

Delineadas as questões orientadoras do estudo, prossegue-se com a definição dos objetivos que permitiram operacionalizar o presente projeto. São objetivos gerais deste estudo:

- Avaliar o grau de familiarização dos aprendentes com a Internet, bem como a sua utilização ou expectativas de utilização das mesmas no contexto educacional no âmbito da língua portuguesa no estrangeiro;
- Avaliar as perceções dos aprendentes face a um novo panorama de ensino na adesão à plataforma do **E-learning** por parte da rede escolar face a intervenções futuras do **PLE** na Europa.

Quanto aos objetivos específicos, estes serão abordados com detalhe no capítulo III, no seguinte tópico, a (Pertinência e objetivos da investigação).

1.4. Organização da Dissertação

Com vista à consecução dos objetivos enunciados e o tratamento do objeto do estudo delimitado, na obtenção de respostas às questões de investigação e verificação das hipóteses colocadas, esta dissertação organiza-se em cinco capítulos, resultado de um trajeto reflexivo e continuamente construído, num longo processo de investigação, enraizado às questões aglutinadoras que o orientam.

O **capítulo 1** é composto pela *Introdução* que explicita e apresentação do estudo e da relevância que atribuímos, na descrição das motivações e enumeração dos problemas e objetivos previstos durante a investigação.

O **capítulo 2** é organizado pelo *Enquadramento Teórico*, traçando o quadro em que a investigação se insere, relativamente à possibilidade de integração do fenómeno **E-learning** na rede escolar do **PLE**, com a respetiva fundamentação teórica, ou seja, as perspetivas que se adotaram para realizar a análise das expectativas dos aprendentes.

No sentido de facilitar esta espiral analítica, este trabalho encontra-se subdividido em três partes distintas: o **Enquadramento Tecnológico**, no que concerne ao destaque dos sistemas de ensino à distância e sua descrição generalizada; de seguida apresentamos o **Enquadramento da Política Linguística**, onde se realça alguns aspetos das medidas aplicadas em torno do ensino do português como língua estrangeira; por último, o **Enquadramento Linguístico** que salienta alguns componentes que visam compreender o processo do desenvolvimento da linguagem na aquisição/aprendizagem do **PLNM**. Resumidamente, neste capítulo compõe-se pela revisão da literatura sobre os vários conceitos implícitos no estudo, assim como alguns estudos empíricos ligado ao ensino com uso da plataforma **E-learning** em funcionamento do **PLNM**.

No **capítulo 3**, aborda-se a *Metodologia de Investigação*, apresentamos a caraterização dos inquiridos e como a seleção dos instrumentos de recolha de dados e etapas decorridas para o desenvolvimento do trabalho de investigação, apoiada em dimensões e categorias suportadas pelos referenciais teóricos e pela prática observada.

Posteriormente, no **capítulo 4**, apresenta-se *Abordagem dos Resultados*, na qual consta a análise e interpretações dos resultados obtidos, e a discussão dos resultados obtidos.

Por fim, no **capítulo 5**, apresentam-se as *Conclusões gerais*, numa reflexão final sobre o cumprimento dos objetivos propostos, dando-se a conhecer a resposta às questões de investigação, realçando os aspetos inovadores do projeto empírico desenvolvido em torno das expectativas dos aprendentes face ao novo desafio do ensino pela modalidade via **E-learning** do **PLE** e elaboram-se propostas para o ensino-aprendizagem do modelo apropriado de aprendizagem no domínio da **LP**. Em suma, tecem-se várias considerações conclusivas tendo em conta a problemática do estudo, os objetivos e as questões de investigação que centram a nossa problemática havendo, ainda, espaço para referenciar as principais limitações do estudo.

Segundo Fortin (2009), a revisão de literatura é a função de apoio e de lógica em relação ao problema de investigação que estabelece o estudo no interior de um contexto e lhe dá significação particular, ou seja, uma forma de perceber o fenómeno em estudo. Representando a organização dos conceitos determinados no momento da enunciação do problema para sustentar teoricamente a análise posterior do objeto em estudo. Neste sentido vamos proceder à apresentação da revisão da literatura.

Assim, para apresentar o universo do estudo fulcral desta investigação, teremos de efetuar uma abordagem teórica como base sólida de diversos especialistas relacionados à área de educação, tecnologia e política de língua, interligados ao universo de focalização da temática selecionada. A restante bibliografia servirá apenas como um apoio suplementar.

No que diz respeito à educação, destacamos o livro “Desenvolvimento da Linguagem” de Inês Sim-Sim (1998) sendo nesta investigação uma referência fundamental. Em relação à área da tecnologia, teremos ao livro “Nuevas Tecnologias Aplicadas a la Educación” de Almenara (2007). Por fim, na área de Política de Língua, foi selecionado com rigor, um livro que abordasse de forma sintética os pontos em investigação, daí apresentaremos o livro “Politique et Aménagement Linguistiques” de Jacques Maurais (1987).

CAPÍTULO II

CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1. O PAPEL DO E-LEARNING NA EDUCAÇÃO EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Na aprendizagem de línguas estrangeiras, há muitos recursos específicos para que os professores/tutores que desenvolvem modalidades de aprendizagem e conteúdos educativos possam aderir e tirar partido do seu contributo, tornando assim a formação mais dinâmica. Aprendizagem é facilitada pelo uso de ferramentas digitais, num ambiente de modalidade **E-learning** na aquisição de conteúdos linguísticos. Tipicamente, envolve alguma forma de interatividade, podendo incluir interação *on-line* entre os aprendentes e seu professor/tutor. A seleção das tecnologias em multimédia na aprendizagem de línguas estrangeiras é uma questão importante, pela vastidão de possibilidades oferecidas no mercado. Nesse sentido, damos primazia nesta investigação, à análise detalhada de algumas dessas ferramentas virtuais e focalizar a importância do papel do **E-learning** na aquisição do **PLE**.

2.1.1 As TIC e a Educação de Línguas Estrangeiras

No contexto dos avanços tecnológicos, e conseqüentemente, dos diversos meios fazendo uso da Internet, sobressai o uso das **TIC**, que potencializaram o ensino via **E-learning** surgindo assim a alternativa de formação/educação, vencendo assim as barreiras de espaço e de tempo podendo interligar contextos distintos, afetando os intervenientes (professor e aprendente) com as práticas pedagógicas necessárias na propagação do conhecimento nomeadamente de idiomas estrangeiros.

A capacidade de comunicar em línguas estrangeiras utilizando os meios em Multimédia é referida, pela Comissão Europeia, como refere a seguinte expressão:

“The report of the Finnish experience demonstrated that the media can motivate people to learn languages in ways that are beyond the methods available to formal education” (Commission of the European Communities, 2007, p. 12).

Dessa forma, a Comissão Europeia evidencia a importância dos meios virtuais na motivação na aprendizagem em Línguas Estrangeiras (**LE**), de maneira que coloca a disposição outros métodos distintos da educação formal, ou seja, mais conhecida por educação tradicional ou presencial. Nesse sentido, seguirá esta investigação em causa, abordando características respectiva do ensino **E-learning**, tirando daí, algumas conclusões convergentes nesta aprendizagem colaborativa online.

2.1.2. Conceito de E-learning

O conceito de **E-learning** não é tão evidente e simples, pois podemos destacar uma grande variedade de definições existentes entre as quais vamos realçar algumas com a objectividade no assunto direccionado à educação. Contudo, podemos afirmar, que o **E-learning** engloba muitas tecnologias e metodologias diversas.

Nos últimos anos, o conceito de **E-learning** ou mais conhecido por educação/formação à distância, conforme afirma (Moore, 2003), tem vindo a engrandecer e a ser considerada de grande importância estratégica para uma gestão do conhecimento. É frequentemente associada como a educação moderna, conhecida como **E-learning** (designação inicialmente utilizada pelas empresas dos Estados Unidos), permitindo incrementar a eficácia e eficiência no processo ensino- aprendizagem.

Para o mesmo autor, este meio de aprendizagem visa diminuir as desigualdades sociais, abrindo novas oportunidades, utilizando conceitos pedagógicos que redireccionam para os estudantes algumas tomadas de decisões de forma individual e a autoridade que

tradicionalmente pertenciam aos professores em contexto de sala de aula. Na visão de Moore (2003), ele sustenta que utiliza um conjunto de princípios e métodos, que facilitam a interação, repensando as políticas educacionais e a forma de organizar recursos tecnológicos e o trabalho orientado pelos professores/tutores para criar um sistema mais eficiente.

De facto *E-learning* é considerado um conceito complexo, por poder englobar muitas tecnologias e metodologias em sintonia. Entende-se por **Electronic learning** ou simplesmente *E-learning* o processo ensino-aprendizagem à distância, com o uso das Novas Tecnologias da Comunicação (TIC), em particular, no uso de *software*, na Internet, no uso do Cd-Rom, Dvd ou qualquer outro meio eletrónico, conforme sustenta a afirmação de Nagarajan & Jiji (2010:37)

“E-learning is essentially the computer and network enabled transfer of skills and knowledge. E-learning refers to using electronic applications and processes to learn. E-learning applications and processes include Web-based learning, computer-based learning, virtual classrooms and digital collaboration.”

Certos autores, como (Almenara, 2007:207) enquadra o conceito **E-learning** nas situações de ensino-aprendizagem, em que o modelo comunicativo à distância, utilizaria as redes telemáticas de acordo com o esquema de “modelo em linha” conforme a Figura nº1 demonstra:

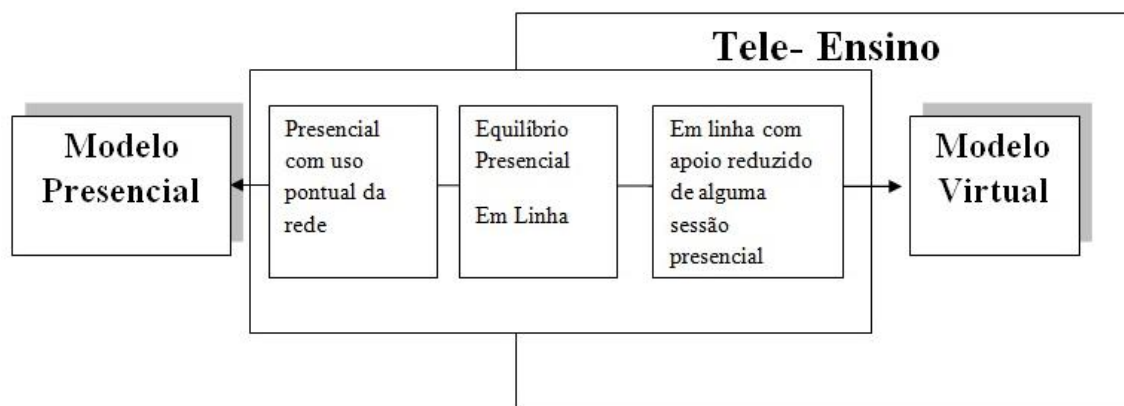


Figura 1 – Modelo em Linha

Fonte: Almenara, 2007– Nuevas Tecnologias Aplicadas a la Educación, pág 207

Conhecida por aprendizagem *on-line* ou simplesmente como aprendizagem baseada na Web. O impulso inicial deve-se ao uso de computadores pessoais na educação, designada “aprendizagem mediada pelo computador” foi o precursor inicial da noção de **E-learning**.

Para Dias (2004:9) o anglicismo **E-learning**, resulta de uma aprendizagem eletrónica e define-se como “*uma forma de educação e formação baseada num conjunto de ferramentas de aprendizagem electrónica, um processo que permite aproximar pessoas com diversas experiências, ou não, tendo como objectivo a troca e apreensão de novos conhecimentos*”

Nesse sentido, os autores Simonson et al (2000) definiram o conceito **E-learning**, de uma forma subdividida em quatro domínios que estão patentes no processo da educação à distância. Assim, descreveram a sua associação fulcral baseando-se nas **Instituições**. Por outro lado, evidenciaram a **separação física efetiva entre o aprendiz e professor** exigindo assim, uma **interatividade a nível do uso das telecomunicações** presente no processo de aprendizagem.

Por fim, importa também realçar o papel da **partilha de conteúdos, nomeadamente na apresentação de áudio e vídeo**, de forma a estimular os aprendentes, conforme indica a (Figura 1).

No sentido de facilitar essa análise, este trabalho fará uma abordagem sucinta do esquema visualizado na figura que se segue.

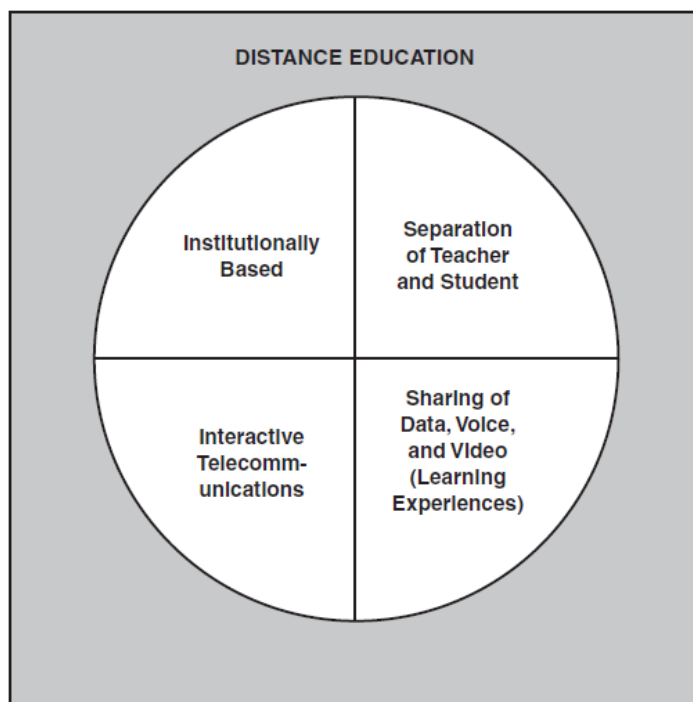


Figura 2 - Componentes da definição de educação E-learning

Fonte: Simonson et al – Teaching and learning at a distance, página 32

Pode-se observar que este modo de educação começa a ser cada vez mais utilizado, pelas mais distintas instituições de Ensino, tanto privado como público, nomeadamente na incrementação de cursos de **PLE** ao público mais jovem.

No entanto, sustentando efetivamente, que o ensino-aprendizagem com recurso ao **E-learning** nem sempre significa ausência do espaço físico contrariando a teoria anteriormente descrita. Outras modalidades provenientes do **E-learning**, tal como o **b-learning**, ou mais conhecido por **blended-learning**, bastante frequente nas instituições de ensino quando se utiliza as (TIC), na apresentação de conteúdos em formato digital e servindo de apoio dentro da sala de aula combinando eventos *on-line* com sessões presenciais. O uso frequente de wikis, blogs, fóruns e sites da internet que contêm dicionários *online*, tornando assim a

aprendizagem mais enriquecida, em informação e dinâmica em contexto escolar.

De acordo com Santos (2000), no sistema de educação **E-learning** a comunicação pode ser **síncrona** ou **assíncrona**, estando ambos os intervenientes geograficamente distantes, utilizando formatos variados, em texto, áudio e vídeo, ou então, uma combinação desses elementos, designadamente doravante no conceito “**multimédia**” ou “**hipermédia**”, caracterizados pela capacidade de integrar diferentes tipos de média.

A modalidade **síncrona** acontece quando aprendiz e professor estão ambos presentes a interagir neste processo de ensino-aprendizagem, no mesmo período temporal (tempo definido) ao utilizar os diversos meios tecnológicos à nossa disposição no mercado.

A modalidade **assíncrona**, que é a tipicamente utilizada na Universidade Aberta, não requer a participação em simultâneo de professores e aprendentes, havendo uma flexibilidade de tempo e os conteúdos são distribuídos de acordo com a calendarização do programa inicialmente apresentado no curso, cujas tarefas se devem realizar com base num conjunto delimitado de regras a cumprir.

Importa também neste contexto, diferenciar dois tipos de ensino à distância, podendo esta ser de forma total ou parcial.

Quando se trata de parcial temos o **blend-learning**, referindo-se este ao modo de ensino-aprendizagem misto, na qual parte do processo de ensino é mediado na sala de aula e outra parte é desenvolvida fora de sala de aula. Acontece quando a instituição opta por introduzir, na organização pedagógica e curricular uma modalidade semi-presencial, em que parte do processo inclui métodos e práticas de ensino-aprendizagem que incorporem o uso integrado das **TIC** para a realização dos objetivos pedagógicos, sem abdicar totalmente da aprendizagem presencial do ensino tradicional.

Em suma, na tentativa de conceptualizar uma definição do termo **E-learning**, podemos afirmar que se trata de uma estratégia educativa, devendo ser organizado e didático, utilizando métodos adequados neste processo educativo tão complexo, correspondendo a uma formação à distância cujo papel do aprendente é centralizado e sua interação permitirá a construção de um saber numa determinada área de conhecimento com recurso às **TIC**.

Dentro do contexto do **E-learning** os conteúdos são transmitidos pela rede, isto é, pela Internet, no uso de plataformas de aprendizagem (como por exemplo a Moodle), com projeção de audiotextos, videotextos e uma diversidade no uso de Multimédia, tal como aponta (Bidarra,2009:1), temos inúmeras opções viáveis, numa convergência de tecnologias de base digital que suporta quatro linguagens essenciais tais como:

- “*Audiográfica (o som, a música, o silêncio)*
- *Videográfica (a imagem em movimento)*
- *Scriptográfica (o texto, o gráfico, a fotografia)*
- *Infográfica (a imagem sintética e a animação 2D, 3D)*” Fonte: Bidarra (2009:1)

2.1.3. Forças que impulsionaram o E-learning

Com o rápido crescimento da rede Internet, no início da década de 1980, no surgimento de várias redes montadas por provedores particulares de serviços da Web, fornecendo ferramentas pedagógicas essenciais surgindo como força impulsionadora do ensino **E-learning**.

A tendência da utilização do ensino **E-learning** tem vindo a aumentar gradualmente, proporcionando de um modo generalizado uma economia substancial, tanto dos recursos financeiros como do fator tempo. Ao nível do aprendente, a maior força impulsionadora no interesse da adesão a este meio de ensino, refere-se evidentemente à redução de custos que este meio de ensino-aprendizagem possa proporcionar, visto que não precisará de se deslocar e investir em livros em formato papel.

A nível das instituições também existe uma economia substancial de recursos humanos, em que um tutor consegue acompanhar um volume superior de aprendentes, sem mencionar a economia dos recursos físicos tais como (salas de aulas, equipamentos informáticos e mais variados recursos didáticos exigidos numa aula presencial).

Provavelmente esse interesse tem vindo a aumentar gradualmente pela constante necessidade de renovação e aquisição de um novo conhecimento, numa determinada área, na propriamente dita formação profissional de um indivíduo, especialmente em línguas quando pretendemos enriquecer o “Curriculum Vitae”, face às exigências do mercado de trabalho e da competitividade subjacente. Neste contexto, urge a necessidade da aquisição de línguas estrangeiras, pelos mais diversos motivos, sendo este processo de aprendizagem mais prático. A utilização das TIC, na vida quotidiana das pessoas, tem despertado o interesse dos profissionais da educação, no sentido de construir e utilizar a potencialidades, desses recursos no trabalho pedagógico.

Por outro lado, nas instituições de ensino modernizadas, o ensino **E-learning**, começa a fazer parte da oferta formativa, na existência dessa possibilidade em que não existe rigidez de tempo e nem de lugar, a tão almejada flexibilidade proposta por este meio de ensino.

Como não poderia deixar de ser, oportunidades como esta, em que podemos associar as **TIC** na aprendizagem de uma língua estrangeira aproximando uma comunidade lusófona, espalhada pela Europa e no Mundo inteiro, torna-se numa ferramenta com grande potencial no futuro para os aprendentes. Nesse sentido, far-se-á uma abordagem ao sistema de gestão de **E-learning** que se pode explorar no universo do desenvolvimento do **PLE** na alínea seguinte de forma sucinta.

2.1.4. Modelo de Sistema de Gestão E-learning

Nos últimos anos, tem sido grande o investimento por partes de instituições de ensino em aderir a novos sistemas de gestão de ensino-aprendizagem à distância, como solução viável a uma educação com qualidade e flexibilidade tanto para os aprendentes como para quem leciona.

Os Sistemas de Gestão de Aprendizagem (SGA) são vulgarmente designados por plataformas de **E-learning** ou “aplicações multimédia” conforme defende (Ribeiro, 2007:49) *“sendo esta a aplicação que controla a combinação e a apresentação dos conteúdos de vários tipos de media ao utilizador final”*.

Na mesma linha de pensamento e como exemplo descritivo nesta investigação, iremos destacar a plataforma de aprendizagem à distância baseada em *software* livre, isto é, continua a ser desenvolvida por programadores espalhados pelo mundo. Com base num estudo de caso do Instituto Edumed, o investigador Renato Sabbatini fez uma abordagem elucidativa do Moodle, explicada com mais detalhe a seguir retirada da fonte: <http://www.ead.edumed.org.br/file.php/1/PlataformaMoodle.pdf>.

O **Moodle** (Modular Object Oriented Dynamic Learning Environment) que representa nada mais que um ambiente por módulos de aprendizagem dinâmica orientada a objetos. Em síntese, o **Moodle** é um sistema Open Source Curso Management (CMS), também conhecido como Sistema de Gestão de Aprendizagem (LMS) ou um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Permitindo aceder à documentação partilhada pelo tutor/professor, acompanhamento e relatórios de programas de formação, na sala de aula e em eventos *online*, com programas de **E-learning** e de treinamento de conteúdo. Além disso, é um sistema gratuito e de código

aberto. Basicamente foi projetado para ajudar os educadores a criar cursos *on-line* com foco na interação e construção colaborativa de conteúdo, disponibilizando a aprendizagem a qualquer hora, em qualquer lugar.

Com dados retirados do estudo mencionado anteriormente de 2007, revela que o **Moodle** é um sistema, que possui mais de 4 milhões de aprendentes de 155 países, onde se inclui inúmeras universidades internacionais, nomeadamente a *Open University* de Inglaterra também já adotou aos seus 200 000 aprendentes, sendo visível diariamente seu crescimento e com resultados espantosos.

Um aspeto relevante do sistema **Moodle** é a sua capacidade de centrar a atenção no aprendente, de uma forma construtiva, significando que o conhecimento é construído na mente do aprendente pela interação mediada pelo professor num ambiente colaborativo, em novos meios de partilha como wikis, e-livros, fóruns, chat, etc. Como não podia deixar de ser e tendo em consideração aos menos experientes em tecnologia, é simples de utilizar e possui um ambiente muito amigável e intuitivo.

Para o professor a potencialidade do **Moodle** é notável pois para além das inúmeras potencialidades da plataforma, permite obter rapidamente os relatórios estatísticos de acesso e participação nas atividades de cada aprendente, podendo desta forma, ser mais justos na aplicação da classificação da nota no final de cada tarefa estipulada. Além de poder marcar trabalhos e atividades de forma regular e gerir grupos de trabalhos motivando-os passo a passo.

De forma a resumir em poucas palavras, o **Moodle** é uma das ferramentas em modalidade **E-learning** usada em todo o mundo, indicado para utilizadores que não têm experiências nem competências informáticas avançadas. Universidades, comunidades, escolas e professores servem-se dela para comunicar e transmitir informações para a educação das

comunidades. Conforme indica o site oficial (<http://moodle.com/hq/>), O **Moodle** foi desenvolvido por Martin Dougiamas, sendo um sistema com características tecnológicas, ganhando diariamente muitos utilizadores e muitos são os programadores que trabalham colaborativamente com vista ao seu aperfeiçoamento. O grande sucesso deste sistema de ensino deve-se ao fato de ser um sistema aberto, fornecendo a programadores a oportunidade de fazer novas contribuições, com novas aplicações, tornando-o um dos mais amplamente utilizado na distância de cursos.

No contexto desta investigação, parece-nos que a integração de tais sistemas merecem uma atenção especial e devendo ser incluída em contextos educativos, apesar de todas as limitações e constrangimentos, que valem a pena ser mencionados neste estudo, tais como a dificuldade do seu acesso, quando as ligações são muito lentas, ou que os servidores não podem suportar a informação face à presença de muitos utilizadores, ou porque não há nenhuma disponibilidade de computadores com ligação à Internet.

No que respeita ao **E-learning**, como já vimos anteriormente no exemplo concreto do **Moodle**, este tipo de aprendizagem poderá ser realizada com recurso a uma Learning Management System (**LMS**), em português significa plataforma de gestão de aprendizagem. Existem inúmeras **LMS**, mas todas elas proporcionam a possibilidade de criar um ambiente virtual de aprendizagem em modalidade **E-learning**, designadas classes virtuais ou semi-presenciais, com a disponibilização de conteúdos de aprendizagem e recursos ao alcance de todos os aprendentes e professores que entre si interagem e comunicam mediante recursos tecnológicos dessa **LMS**. Podem ser síncronos ou assíncronos, efetivamente o interessante neste modo de ensino é que poderão ser um suporte vital ao processo de aprendizagem, permitindo planeá-la, implementá-la e avaliá-la.

Barbas (2006:18) refere que o LMS integrado num formato b-learning, é “...um espaço multimodal e flexível de aprender e ensinar em presença e a distância”. Todavia na modalidade via **E-learning** podemos optar por tirar partido dos recursos tecnológicos existentes na Internet, que atualmente possibilitam a partilha e interação entre aprendentes e professores de forma colaborativa, como no caso de (glossários, wikis, blogues, fóruns, skype, chats, etc) construindo um saber consolidado e mais aprofundado, partindo da motivação dos aprendentes.

2.1.5. Pontos fortes e pontos fracos no processo de aprendizagem E-learning

Em comparação ao ensino tradicional o processo de ensino-aprendizagem **E-learning** revela uma **flexibilidade** incomparável, permitindo ao aluno explorar os conteúdos sem restrições de horário e de lugar estimulando a autonomia e reflexão. O **E-learning** tem sido uma alternativa para quem não pode frequentar o ensino presencial, permitindo a quem ensina e a quem aprende estar fisicamente separados no tempo, no espaço ou em ambas as dimensões.

São inúmeras as vantagens do **E-learning**, nas quais importa distinguir as principais características em destaque no processo de aprendizagem. Destacamos algumas delas, mencionadas por Anaraki (2004:59) que enfatiza a importância das mesmas no processo de aprendizagem. A lista que se segue revela esses **pontos fortes**, nomeadamente se destaca:

- **Interatividade** - entre professores e aprendentes num modelo de aprendizagem;
- **Flexibilidade** – aprendizagem pode acontecer em qualquer hora e lugar;
- **Conectividade** – acesso ao conhecimento em todo o momento e sua atualização imediata;
- **Autonomia** – promove a autonomia do aluno sendo útil no futuro profissional quando manifesta liberdade para decidir o quê, como e quando explorar um aspeto a descobrir;

- **Colaboração** – aprendizagem colaborativa é facilitada pelas mensagens instantâneas, no fórum e conferências;
- **Economia** - para as instituições do ensino e também para o aprendente;
- **Independência** – menor dependência do professor e a atenção centralizada no estudante;
- **Motivação** – ao usar recursos de multimédia (vídeos, música, áudio...) pode ser uma aprendizagem aliciante e divertida para o aprendente mas exige uma boa gestão de tempo e dedicação adequadas na participação das diversas atividades;
- **Novas oportunidades** – mostra novas formas de abordagens da aprendizagem.

Nesse sentido, outro aspeto a focalizar num ambiente virtual, em que os aprendentes possam trabalhar em grupo é a aprendizagem do espírito de equipa, na partilha de resultados obtidos, com uso de páginas *Web 2.0*, em que se pode editar e inserir dados com vista a uma construção sólida de conhecimentos em colaboração com todos intervenientes (aprendentes e professores).

Antes de surgir a *Web 2.0.*, o utilizador era um mero utilizador passivo pois apenas podia consultar as páginas e ler seu conteúdo sem poder incluir quaisquer alterações. Com a entrada da configuração das páginas *Web 2.0*, o papel do utilizador sofre uma modificação total, em que o mesmo passa a ser um ator ativo, podendo partilhar ficheiros, trabalhar em colaboração em que a ideia principal se apoia na inteligência coletiva trabalhando numa interface interativa.

Na aprendizagem de LE, existe a possibilidade de surgir algumas complicações, por vezes, quando se trata da partilha de informação, os aprendentes manifestam uma determinada angústia ao visualizar o grande volume de informação, cedida pelo seu professor/tutor. Nesse momento, o professor/tutor deve colaborar para que os aprendentes se sintam guiados e

confiantes na exploração da temática proposta, e forma a apropriarem-se dos assuntos que se pretende aflorar.

Por outro lado, os professores/ tutores devem assegurar que a discussão centra-se na descoberta e na exploração do conhecimento, de problemas e questões relacionados com a temática em exploração. A apresentação e relacionamento de dados/informação, de análise e ideias de forma interessante, estimulando a partilha de informação produtiva e construtiva. Nesta abordagem colaborativa, as características mais importantes a serem desenvolvidas pelos aprendentes, dever ser a autonomia, a disciplina e organização, para que todos participantes se sintam integrados e encontrem no mesmo estágio de estudos, proposto pelo professor/tutor.

Efetivamente, considera-se visível uma crescente adesão das instituições de ensino às práticas do **E-learning**, por diversas razões, entre as quais se destaca: um potencial economia de custos proporcionando maior diversidade da oferta de formação, na possibilidade de abarcar novos públicos afastados do cenário de ensino presencial pelo facto de estar geograficamente distante da instituição, ou pura e simplesmente, a fim de conciliar com atividades familiares e profissionais.

Apesar da crescente aceitação das práticas de educação via **E-learning**, temos uma série de obstáculos que poderão estar associados neste processo mostrando assim um panorama menos positivo. Reforçando a afirmação do autor Anaraki (2004:59) na qual menciona que existe um crescimento nos sistemas de ensino-aprendizagem via **E-learning**, mas muitos deles apresentam limitações impedindo a melhoria da eficácia e potencial da sociedade, na aquisição do conhecimento.

Alguns destes **pontos fracos** são:

- Material de aprendizagem baseada em texto torna-se enfadonho para o aprendente;
- Falta de conteúdo enriquecido favorecendo a boa compreensão dos aprendentes;
- Insuficiente interatividade ou flexibilidade;
- Instruções multimédia não estruturadas e isoladas;

Para além dessas, convém acrescentar mais algumas que prejudicam a eficácia do ensino **E-learning** sugeridas nesta investigação, sendo apresentadas na seguinte lista:

- Falta de motivação do aprendente pelo desejo de aprender;
- Demora no recebimento de respostas;
- Falta de metas a alcançar ficando os aprendentes desnorteados;
- O professor fica numa posição de consultor para tirar dúvidas e por vezes é inacessível;
- Falta de formação pedagógica dos cursos on-line por parte do professor;
- Exclusão digital por problemas de literacia digital e/ou com custos de equipamento e dos serviços acesso à web;
- O isolamento pode inibir a comunicação provocando a principal desistência dos aprendentes;
- A falta de atenção que o aprendente precisa num momento exato pode levar ao desinteresse;

No que se refere à exclusão digital, com vista à integração dos intervenientes na modalidade via **E-learning**, existe uma necessidade de assegurar condições de uma alfabetização digital segundo o autor (Oliveira, 2005) que proporcione os conhecimentos e competências básicas para uma vivência ativa no mundo digital. No caso concreto dos aprendentes do PLNM na Europa, deveria se primeiramente alfabetizar digitalmente os aprendentes do PLE. Para além disso, convém mencionar que uma grande percentagem de aprendentes, entre os 6 anos aos 9 anos, identificaram que não tinha permissão de utilizar

computador, sem presença dos progenitores e entre quais, ainda haviam muitos que nem acessos têm à Internet.

Por vezes, verifica-se uma falta de formação em competências do uso dos recursos tecnológicos, à disposição tanto por parte dos professores, como dos aprendentes, que encaminhará uma resistência a adesão da modalidade via **E-learning**. Tal situação poderá ser solucionada pelas instituições, com a introdução de um período inicial de ambientação às ferramentas com a formação guiada por um formador, assim como se verifica no exemplo concreto da Universidade Aberta, no início do ano letivo em que se frequenta determinado curso ou inclusivamente uma formação nas ferramentas TIC para combater essas lacunas tecnológicas.

2.1.6. Expectativas do E-learning no ensino do PLNM

A proliferação do uso da Web e uso das **TIC** no nosso quotidiano, na sua diversidade de recursos por ela oferecida em prol da aprendizagem do **PLE**, deixa em aberto o questionamento sobre a utilização ou não dessa ferramenta no processo de ensino-aprendizagem, em parcialidade ou totalidade na rede escolar do ensino do **PLNM**. Levanta-se nesta investigação a questão de «como» utilizá-la em prol dos aprendentes da Lusofonia (conjunto dos falantes de português - Porto Editora).

Parte-se do princípio que os aprendentes são confinados à aprendizagem do **PLNM** sendo esta língua “...*não nativa do sujeito e por ele aprendida com maior ou menor grau de eficiência...*” como refere o autor (Mateus e Xavier, 1990: 230).

Os professores do **PLE** têm por hábito utilizar como ferramentas de trabalho os manuais escolares, incluindo um conjunto de livros pedagógicos entre as quais se destacam: livro do aluno, livro do professor, caderno de exercícios e gramáticas. Para além dessas também se apresentam os dicionários ou enciclopédias.

Contudo num ambiente de sala de aula e neste novo paradigma de ensino via **E-learning** serão confrontados com a adoção das novas tecnologias **TIC**, sendo um desafio para alguns que não detém essas habilidades ou que não têm meios de possuir equipamentos tecnológicos.

Adicionalmente, para além disso, devem reconsiderar os conceitos pedagógicos até então utilizados. Portanto, os professores precisam de aprender a lidar com novas ferramentas virtuais para fazer face ao desafio. Ganham novas ferramentas que possibilitam um acompanhamento e monitorização à distância, de forma mais eficiente para a aprendizagem dos aprendentes do **PLE**.

As pessoas aprendem línguas estrangeiras pelas mais diversas razões. Alguns fazem-no pela sua carreira, para viajar, por simples interesse ou por prazer. Seja qual for o motivo, é inegável que os aprendentes de uma língua aumentam a cada dia devido ao fenómeno da globalização e da própria emigração.

Mas o público-alvo aqui tratado nesta investigação, possui uma razão suficientemente motivadora para começar a aquisição da língua, influenciados pela pátria de seus pais, uma questão de identidade pessoal e cultural, tal e qual como referia o poeta Fernando Pessoa: *“Minha Pátria é minha língua”*.

Impulsionados na maioria das vezes pelos seus progenitores, os lusodescendentes que residem por toda a Europa, começam por frequentar aulas de português a partir do 1º ciclo, quando essa oportunidade lhe é proporcionada com a proximidade de um centro de línguas promovido pelo (Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, IP).

No entanto, ainda se assiste uma grande percentagem que não tem acesso às referidas aulas de **PLE**, e nesse caso como agir e qual estratégia da política a aplicar, com vista a desenvolver a linguagem oriunda dos seus progenitores? Neste caso, a expectativa de

aprender o **PLE** via **E-learning** é crucial e considerada numa mais-valia que será mais desenvolvida como questão central nesta investigação.

2.1.7. Ensino E-learning versus Ensino presencial na aquisição de segunda língua

Agora com os novos avanços em tecnologia, não há uma obrigação de proximidade física com um professor de uma língua estrangeira, oferecem-se assim alternativas modernas para aprender um novo idioma.

Descurando da utopia de uma fórmula perfeita, seria de todo impensável apostar apenas no ensino presencial como o ideal, ou então na modalidade **E-learning** como a mais indicada, pois existem determinados fatores condicionantes a ter em conta no perfil do candidato a analisar, como já vimos no capítulo anterior. Apenas visamos com este tópico reforçar algumas ideias existentes nos dois meios de ensino e defender com a argumentação bem fundamentada nos estudos empíricos e com os resultados da investigação a modalidade de educação/formação mais adequada ao novo mundo escolar.

Alguns aprendentes encontram as aulas em grupo sendo algo frustrante e difícil, pelo facto de serem pessoas demasiado tímidas para falar na frente de outros, recusando vivamente essa prática vital. Por outro lado, a intervenção face a face, é por vezes embaraçante quando estamos na presença da turma e do professor, em que se fazem juízos de valores em relação a características físicas (voz, aparência física, altura, idade, etc.), mais agravante quando se fazem discriminações a nível do índice social (estatuto social, racismo, pronúncia, etc.). Outros aprendentes querem muita atenção individual, mas deparam-se com um professor que não tem tempo suficiente para atender às suas necessidades. Por vezes, temos aprendentes que já possuem uma determinada idade excluindo de todo em participar nas aulas da rede escolar promovidas pelo (Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, IP).

Será que os Cursos via E-learning fornecem ao aprendente uma boa solução aos objetivos da expetativa do aprendente?

Para acrescentar, uma maioria de muitos de nós, prefere desfrutar do conforto de casa e prefeririam ter aulas no sofá acompanhado de um café, em vez de uma sala de aula fria sentado numa cadeira de madeira dura. O estímulo de se presenciar num ambiente confortável e seguro, permite ao aprendente relaxar, poder tirar proveito a 100% do curso via **E-learning** e se concentrar mais na retenção dos conhecimentos do **PLE**.

No ensino **E-learning** a distribuição do material didático é feito em formato digital evitando desta forma gastos dispendiosos, ao contrário do ensino presencial que requer sempre a compra do manual, dicionários e outros materiais dispendiosos. Além de que, neste ambiente, a colaboração e discussão *on-line* traz bons resultados no sentido de criar um à vontade enorme, por parte do aluno face ao professor, quebrando as possíveis barreiras de estar presente numa sala de aula, melhorando o feedback entre intervenientes do ensino.

Outro aspeto a considerar, no ensino **E-learning** é a tendência da mudança do conceito de “aluno”, em que este torna-se ativo na contribuição da construção do conhecimento da aprendizagem do **PLE**.

A comunicação em dois sentidos, permite aos aprendentes realimentarem o sistema, aumentando assim a sua bagagem de conhecimentos a nível lexical. Para além disso, na aprendizagem colaborativa *online*, apuram-se qualidades incríveis no amadurecimento do aprendente, tal como o estimular o espírito crítico e a capacidade de reflexão sobre as matérias já estudadas do **PLE**.

No sentido de se fazer uma comparação dos dois tipos de ensino, importa realçar que o ensino presencial adota uma abordagem de transferência de forma mais passiva de

informação, contrasta com o ensino **E-learning** em que a interatividade e a construção de um saber conjunto, passam a formar uma comunidade baseada em novas normas, valores e maior liberdade de expressão. No entanto, convém remarcar de que estudar à distância é uma atividade isolada e independente e quando se trata em aprender um idioma estrangeiro a desmotivação poderá surgir repentinamente.

Nesta investigação realçamos a importância do ensino via **E-learning**, assim como o autor (Watking, 2005:2) quando afirma que as diferentes tecnologias disponíveis, como os fóruns, chats, emails, skype e entre outros, trazem grandes benefícios, nomeadamente, promover a participação dos aprendentes de forma a alcançarem os objetivos de aprendizagem definidos, sendo um ensino interativo e animado.

“...on-line courses can effectively use Internet Technologies to facilitate E-learning is exciting, interactive, purposeful, and beneficial for online learners.”

(Watkins, 2005:2)

Muitos são os autores que defendem a eficácia e eficiência do processo de educação virtual, tal como refere Masetto (2004:137) que entende por novas tecnologias em educação:

“...o uso da informática, do computador, da Internet, do CD-ROM, da hipermídia, da multimídia, de ferramentas para educação a distância – como chats, grupos ou listas de discussão, correio eletrônico, etc. – e de outros recursos e linguagens digitais de que atualmente dispomos e que podem colaborar significativamente para tornar o processo de educação mais eficiente e eficaz”.

Mas o papel do professor em sala de aula é fundamental. atrevemo-nos a afirmar que por vezes é imprescindível, pois permitirá aplicar diversas avaliações, que poderá por em prática face a um grupo específico de aprendentes.

Quando se trata de lidar com aprendentes lusodescendentes, o nível de cada aluno difere, de um modo personalizado de aluno para aluno, quando se presencia níveis diferentes.

- Projeta e implementa os termos adaptados aos objetivos da sequência.
- Usa ferramentas e métodos para habilitar os aprendentes a identificar o seu conhecimento e verificar os erros a corrigir.
- Usa os resultados das avaliações para adaptar o seu ensino.

Uma tarefa complexa, mas que normalmente traz resultados visíveis, apesar do ensino presencial evidenciar a memorização e a exposição oral, em contexto sala de aula.

Nesse sentido, Chaves citado por Siqueira, considerava que a “ *a Educação e a aprendizagem são processos que ocorrem dentro da pessoa...não há como possam ser realizados à distância*”. Focamos neste estudo o aspeto comunicacional, visível no ensino presencial em que os aprendentes revelam as suas expressões faciais em conjunto com a linguagem gestual ao professor numa interação presencial, são de facto de grande importância no processo de ensino-aprendizagem de **PLE**, com vista a descodificar a mensagem.

Contrariamente ao ensino **E-learning**, a dificuldade aumenta ao aplicar uma avaliação *online*, sujeita a parâmetros ligeiramente diferentes quando se trata de aprendentes com as mesmas características comuns na aquisição de Língua Segunda (**L2**). Sem uma correção exata e precisa, na construção de um saber merecido pelo esforço do aluno e da colaboração da interação do professor, o objetivo do desenvolvimento da linguagem em **PLE** sai infrutífera.

Inclusivamente o autor Almenara (2007:210) menciona algumas mudanças radicais no professor do futuro, que utiliza a modalidade **E-learning**, em que o mesmo, passa de um mero transmissor e detentor de conhecimento para um facilitador de aprendizagem, trabalhado em modo colaborativo com os aprendentes num processo que junta sinergias, guiando como um

tutor e participante neste processo e deixando que o mesmo assuma sua responsabilidade apresentando diversas opções de escolha aos aprendentes.

Como conclusão, podemos constatar o benefício do novo desafio do sistema educativo via **E-learning**, com a expansão da Internet nestas últimas décadas e o uso frequente das Tecnologias de informação e Comunicação (TIC) vieram afetar as dimensões sociais, alterando as modalidades de trabalho, questionando a forma mais eficaz de chegar ao conhecimento e respeitando as relações interpessoais. Esta nova forma de aprendizagem não se limita à apresentação de conteúdos programáticos, mas deve ter em conta a variedade de contextos e a própria interação, podendo interligar-se no decorrer destes novos ambientes educativos (Gaspar, 2007). Efetivamente, a aprendizagem colaborativa é uma opção vital neste contexto, pois substitui o foco centrado apenas no aprendente, pelo foco centrado num grupo de atores que interagem positivamente na aquisição do **PLE**.

Num futuro próximo, a possibilidade de proporcionar aos aprendentes de **PLE** via **E-learning**, requer uma transformação no modelo educativo na convergência de paradigmas, a integração do uso intenso das TIC.

Tal como Moore, citado por Siqueira, consideramos vital que o **E-learning** seja uma aprendizagem bem planeada, “...requer técnicas especiais de desenho de curso, técnicas especiais de instrução, métodos especiais de comunicação através de eletrónica e outras tecnologias...”

Considerando todos os factos, efetivamente, o professor/tutor não pode ser o único detentor e fonte do saber, mas sim um orientador, um guia, fornecendo os mecanismos necessários à construção do saber, de forma ativa, dinamizadora e atrativa. Por sua vez, o aprendente deve ser um construtor e não um mero recetor de conhecimentos transmitidos pelo professor/tutor, no contexto da aula virtual.

2.1.8. Meios tecnológicos que reforçam espaços virtuais de aprendizagem

Como se pode verificar com a informação apresentada anteriormente, as práticas de formação à distância, vieram revolucionar o mundo de educação escolar assim como o mundo de formação profissional, que mais rapidamente aderiu a esta modalidade de educação, tendo colocado novos desafios e novas oportunidades às instituições de educação para as que operavam de forma tradicional. Essas mudanças devem-se essencialmente a mudanças tecnológicas, sociais, demográficas e particularmente na política, na introdução de novas medidas na Política Linguística (**PL**) como iremos examinar mais adiante.

Quanto à tecnologia, podemos sempre recorrer a uma panóplia de meios virtuais, que temos à disposição, aprendendo assim de forma lúdica e divertida, o **PLNM** sem nos preocuparmos com os rígidos horários e deslocarmos, como foi focado no capítulo anterior.

É frequente os jovens preferirem a visualização de vídeos no Youtube, pelo interesse na conjugação de imagem com som facilitando o processo de aprendizagem de qualquer língua estrangeira, ou então, criar grupos de interação social como as redes sociais, por outro lado, também exploram espaços de aula com Blogues e Fóruns, Wikis ou simplesmente pesquisar as páginas Web na descoberta lexical e gramatical.

Em primeiro lugar destacamos as **redes sociais**, por ser um fenómeno indubitavelmente deste início de século XXI, sendo um espaço virtual com grande potencial na crescente utilização no âmbito de ensino-aprendizagem de qualquer língua estrangeira. O facto de combinarem um conjunto de ferramentas de comunicação síncrona e assíncrona facilitam a sua disseminação em contexto educativo.

De acordo com Bryam (2008:201) a rede social é uma plataforma poderosa, pois permite partilhar experiências e aprender sessões de formação com acesso a diferentes

recursos sendo benéfico no ensino-aprendizagem de uma determinada **LE**. Através das **redes sociais**, é possível partilhar documentos e informações importantes para o desenvolvimento do conhecimento linguístico do **PLE**, para além dos aprendentes rapidamente absorverem informações de diferentes maneiras, seja imagem, vídeo, texto ou mesmo de várias fontes simultaneamente.

Hoje em dia, vários milhares de cibernautas utilizam ferramentas *online* para uso diário, como as **redes sociais**, com o objetivo de partilhar interesses mútuos. Existe a necessidade de criação de um grupo de discussão composto por aprendentes que fazem deste espaço virtual, um ponto de partida para uma exploração, gradualmente mais autónoma a fim de uma maior divulgação de ideias e suscitar a curiosidade e o interesse dos aprendentes. Estes grupos de aprendentes podem-se reunir nestas redes sociais com a finalidade de partilhar informação relativamente às atividades dadas pelo tutor/professor.

As redes sociais evoluíram de tal forma que hoje podemos utilizar uma câmara Web para comunicar de forma síncrona estabelecendo contato direto com o tutor e obter conhecimentos linguísticos como se tratasse duma aula presencial.

No que diz respeito, à **rede social** em contexto de ensino-aprendizagem em **PLE**, destacamos alguns exemplos como o Facebook (<http://facebook.com>), Orkut ou Hi5, sendo ferramentas que possibilitam a criação de um espaço pessoal e de interação com diferentes membros, nomeadamente com os colegas de turma e professor, na qual o utilizador poderá publicar textos, fotos, vídeos ou usar outros aplicativos.

Mas o espaço virtual mais completo, do ponto de vista de aquisição de desenvolvimento da linguagem, de um idioma estrangeiro, é na possibilidade de comunicar *online* com a opção de utilização de uma câmara Web, de forma semelhante ao Skype, em que intervenientes expõem suas ideias e esclarecem questões dos conteúdos linguísticos. Esta

ferramenta pode ser utilizada no ensino aprendizagem de **PLE**, como uma aproximação do ensino presencial, isto é, os aprendentes trocam ideias e comentários nos perfis ou falam diretamente em frente a um ecrã como se tratasse de uma aula presencial e excluindo todas as barreiras do isolamento.

Relativamente aos **Blogues** destacamos a sua relevância no encorajamento à leitura e escrita do PLNM, estimulando a capacidade de autoexpressão e escrita, respeitando sempre a individualidade do aprendente, isto é, um espaço virtual de aprendizagem extremamente útil e cujo potencial resulta num incremento à motivação da aula virtual.

Porém, a exigência da participação frequente do tutor/professor é requerida, com vista a estimular e acompanhar regularmente as postagens e os comentários que vão sendo adicionados, evitando assim, possíveis atitudes de desânimo e de abandono do blogue, quando se verifica uma grande acumulação de informação.

Em síntese, os **Blogues** também são considerados ferramentas de escrita colaborativa muitas semelhantes às **Wikis**, mas normalmente utilizado pelo professor/tutor na construção de percursos formativos dos aprendentes, isto é, como um portefólio reflexivo das aquisições do desenvolvimento da linguagem, podendo ser um espaço de partilha de informações entre os aprendentes, para além de ser para o professor uma excelente forma de avaliar os conhecimentos retidos.

Quanto às ferramentas de escrita colaborativa já mencionadas, referimos a importância das **Wikis** (<http://wikispace.com>) permitindo a qualquer aprendente de forma fácil criar conteúdos, editar e apagar, tal como criar o seu próprio espaço Wiki, mediante a inscrição na plataforma. Na realidade, hoje em dia é bastante utilizada em ambientes de aprendizagem, visto como um espaço de colaboração e participação dos aprendentes na realização de trabalhos de grupo em sala de aula ou até mesmo em casa na sequência de trabalhos escolares.

Na modalidade **E-learning** considera-se um espaço de transmissão de conteúdos temáticos em que o professor/ tutor, poderá intervir com vista a dinamizar, corrigir e adicionar novas ideias que irão aflorar o desenvolvimento da linguagem na aquisição do **PLE**.

Em síntese, estimamos que o encorajamento à participação e ao trabalho colaborativo, de um determinado tema, desperta enormemente o interesse dos aprendentes. Assim como os Blogues, contemplam uma interação assíncrona e estimulam as capacidades de escrita colaborativa (vários colegas produzem a página), pode-se também inserir imagens e som, o que nos parece ser um espaço virtual fundamental na aprendizagem do PLNM.

Em relação à utilização de **vídeos**, diferentes investigadores e estudos científicos em torno da transmissão de conhecimentos de línguas referem uma série de funções que o vídeo pode desempenhar facultando a aprendizagem e compreensão da informação. Como por exemplo a função: motivadora, informativa, formativa e de avaliação para docentes e estudantes, expressiva, criativa, lúdica, artística, comunicativa e por fim de investigadora de processos sociais (Serna, 2005:32).

Relativamente às ferramentas de publicações de vídeos apresentamos o maior consumo na Internet, o YouTube (www.youtube.com), os inúmeros vídeos à disposição possibilitarão um leque de escolha de diferentes temáticas da aquisição do **PLE**, servirão como debate numa sessão *on-line* entre intervenientes.

No intuito de aprofundarmos a temática dos **vídeos** no Youtube, quando se pesquisou com a expressão “aulas de português”, um resultado de 618 000 surgiu no ecrã, visualizado no dia 09 de Agosto de 2013. Existe de facto uma vastidão de vídeos sobre o tema que na maioria são realizados e inseridos no Brasil.

Os jovens aprendentes revelaram nesta investigação o seu interesse, em usar este meio virtual na modalidade **E-learning**. A possibilidade de editar esses vídeos, incluindo anotações, discurso em balões, pausa e hiperligações para outros vídeos podendo ser de grande valor no ensino-aprendizagem, uma vez que o aprendente não é somente um mero observador de quem assiste o vídeo, mas também aquele que modifica o seu conteúdo e dita comentários em torno do assunto, esclarecendo determinadas dúvidas subjacentes à temática.

Como refere Moran, um bom vídeo é interessante para introduzir um novo assunto, para despertar a curiosidade e a motivação para novos temas. Isso facilitará o desejo de pesquisa nos aprendentes para aprofundar o assunto do vídeo e da matéria. Para além disso, o vídeo consegue conjugar a intuição com a lógica, a emoção com a razão. Ele faz isso, mas ele começa a partir do sensorial, do emocional e o intuitivo até se atingir o raciocínio

“The video is sensorial, visual, spoken language, musical and written language. Languages that interact interconnected, added together, not separated, that’s where its strength comes from. The videos hit all our senses and in many ways. The video seduces us, informs, entertains, projects in other realities (the imaginary) and in other times and spaces. The video combines the kinesthetic-sensorial communication with the audiovisual, the intuition with the logics, the emotion with the reason. It does so, but it starts from the sensorial, from the emotional and the intuitive to reach later the reasoning” (Moran,1995:2)

O mesmo autor defende que, apesar de acreditar nas potencialidades desta ferramenta no âmbito pedagógico, assegura que tal só é conseguido com um trabalho bem estruturado e com a presença do professor/tutor.

Em linhas gerais, supõe-se que o professor saiba manejar estes vídeos didáticos, expressamente realizados para a apresentação de conteúdos curriculares, sendo desenhados e produzidos e experimentados e, desse modo, avaliados para posteriormente serem implementados no processo de ensino-aprendizagem adaptados aos aprendentes e ao

professor. Mas os **vídeos** não servem apenas para motivar e animar o ensino-aprendizagem do **PLE**, pois cria uma certa dinâmica participativa e aperfeiçoa determinadas habilidades expressivas a nível oral e perceptivas de uma língua estrangeira.

Para Almenara (2007:144) as vantagens das gravações audiovisuais possuem inúmeras vantagens tais como: registo dos elementos da comunicação verbal, na possibilidade de revisar-se o conteúdo de forma ilimitada, observação em sequências, etc. Deduz-se que este meio contribuirá evidentemente na aquisição de **LE**, tendo o aprendente a possibilidade de recuar e observar atentamente todo o desempenho a nível fonológico e ter a possibilidade de tirar proveito dos conteúdos sem limitações.

Como vimos a utilização do **E-learning** contempla diversos espaços virtuais de ensino-aprendizagem presentes em modalidade de educação à distância, em que se destaca os registos em **fóruns** preparados apenas para esse efeito pelas instituições, na troca de mensagens instantâneas no uso do correio eletrónico. Efetivamente, no que diz respeito à interação, os registos efetuados podem ser analisados e medidos, inclusive, servirem de alvo de avaliação posterior, justificando sua importância neste meio de aquisição do **PLE**.

Entre as diversas tecnologias utilizadas no ensino **E-learning**, o **Forum** é uma das principais ferramentas requeridas na aprendizagem colaborativa *online*. De acordo com Henri et Lundgren (2001:69) afirmando que “...le Forum est la technologie privilégiée de l'apprentissage collaboratif en ligne”. No entanto, convém ter em conta a restrição de ser assíncrona e textual, num espaço dividido por temas, do interesse particular de cada participante, na qual evolui a conversação à medida que são postados conteúdos.

No uso de Skype ou Messenger, nos Chats, reforça-se a exclusividade da comunicação síncrona de ambos os intervenientes no processo que, por vezes, exige um grande ajustamento de horários, por parte dos professores e aprendentes.

Aprofundando algo mais sobre a temática da **videoconferência e a audioconferência verificou-se a sua contribuição no desenvolvimento da linguagem são vitais em todos os seus componentes .**

Primeiramente destaca-se a importância de **videoconferência** revelou-se capaz de enviar/receber documentos em tempo real, também de forma síncrona e também poder comunicar com pequenos grupos ou então individualizada diretamente com o professor, o que permite uma maior relação entre os participantes, facilitando o seguimento visual e percepção do contexto em que se produz a comunicação. Antigamente, a qualidade de áudio e de vídeo tinha pouca qualidade o que comprometia a comunicação, com o avanço tecnológico e o aumento da velocidade da rede é possível um feedback mais real, próximo de uma situação presencial. Mas essa questão da infraestrutura tecnológica foi ultrapassada, com os avanços do mundo moderno e agora temos ao dispor um leque de ferramentas que serão descritas a seguir.

De acordo com Almenara (2007:196) são inúmeras as ferramentas de comunicação síncrona, utilizadas em atividades tais como as reuniões, coordenação e tutorias de grupo em tempo real.

- NetMeeting;
- VRVS;
- Skype;
- Yahoo Messenger, etc

Inclusivamente, propomos a **videoconferência** como solução viável ao ensino **E-learning** do **PLE**, como ferramenta de comunicação síncrona, essencialmente úteis em situações comunicativas que requerem a presença de voz e imagem real. Um dos requisitos fundamentais da videoconferência é a interação entre os participantes com um feedback constante, sendo efetivamente a mais similar com o ensino presencial.

O mesmo autor refere algumas vantagens e inconvenientes associados à videoconferência que valerá a pena mencionar sob a análise crítica nesta investigação. Como as vantagens de videoconferência em contextos educativos são inúmeros, destacamos as mais significativas:

- Toda a ação didática deve ser bem planificada;
- Interação com profissionais especializados facilitando a resposta a muitas questões de aprendentes;
- Promove a experiência de multiculturalidade;
- Aumento da motivação dos aprendentes;
- Melhor nível de retenção de conhecimentos;
- Melhoria nas habilidades comunicativas dos aprendentes, na capacidade de apresentação e expressão oral;
- Redução de custos em deslocamentos e riscos de acidentes;
- Aumenta o rendimento das reuniões na gestão de tempo.

Os referidos inconvenientes da videoconferência assinalados por Almenara (2007:179) a ter em consideração, muitas das vezes, são entraves à adesão.

- O custo dos equipamentos e fornecimento de rede;
- Problemas na compatibilidade entre os equipamentos e *software* adaptado na visualização dos vídeos;
- Os professores em geral possuem pouca experiência na utilização destes recursos e falta de tempo de preparação;
- Os aprendentes precisam de familiarizar-se com este meio técnico e no uso de microfone e câmara de Web adequada;
- Em caso de uma planificação deficiente por parte do professor pode ocorrer fraca participação e interação, e momentos de passividade dos aprendentes.

No que diz respeito, aos materiais de ensino utilizados nestes ambientes virtuais, importa destacar por exemplo os slides de apresentações em “Powerpoint”, conteúdos multimédia como áudio e vídeo, que reforça a memorização do desenvolvimento da

linguagem. Relativamente aos recursos sonoros, as **TIC** facilitam as diversas formas de representação, podendo ser verbal, musical, sonoro com animações de objetos, que de alguma forma, colabora na ensino-aprendizagem ajudando a construir a mensagem, materializada em diversas formas de representação simbólica motivando assim os aprendentes a atingir a aquisição de conhecimentos de uma **LE**.

Certos autores, como por exemplo (Moreno, 1999) apela à utilização dos meios sonoros que facilita a aquisição de conhecimentos, motivados pela perceção sensorial e da experiencia de cada individuo. Por outro lado, à luz desta investigação, acreditamos que com base na fundamentação anterior referida, toda e qualquer projeção de imagem, vídeo e/ou som durante o processo de aquisição de uma língua estrangeira permitirá uma facilitação de memorização dos conhecimentos linguísticos estimulando claramente as aulas na modalidade via **E-learning**. Em síntese, os materiais sonoros e em vídeo permite clarificar e reforçar conceitos de uma forma mais apelativa podendo estimular a imaginação dos aprendentes do **PLE**.

Conforme o autor Almenara (2007:132) defende a forma de utilizar o vídeo na aplicabilidade do ensino-aprendizagem fazendo referência que este serve como um excelente instrumento de transmissão de conhecimento, avaliação, motivador, entre outros conforme indica a figura 3 apresentada no esquema seguinte.



Figura 3 – Formas de utilizar o vídeo no ensino-aprendizagem

Fonte: Almenara (2007:132) – Nuevas Tecnologias Aplicadas a la Educación

Relativamente às ferramentas de avaliação submetidas aos aprendentes importa realçar o envio de email com tarefas a realizar, provas de autoavaliação e de avaliação final como os questionários.

Neste sentido a avaliação da aprendizagem/ensino em contexto modalidade **via E - learning**, será entendida como um ato de situação e verificação dos conhecimentos, comportamentos dos aprendentes em situação de aprendizagem dentro dos fóruns correspondentes, bem como o acompanhamento do desenvolvimento desses mesmos conhecimentos e comportamentos que contribuem para que o aprendente consolide aprendizagens que se esperam significativas para o seu contexto pessoal, social e profissional dentro do **PLE**, tudo isto, sob a observação e análise do tutor/professor. Não obstante, a tarefa de avaliação do processo de ensino e aprendizagem *online* não deve ser entendida apenas como uma tarefa única e exclusiva do tutor/professor, mas como uma atividade feita também em colaboração com o estudante.

2.1.9. Estudo de caso - Aplicações *online* de aprendizagem de PLNM

Quanto ao recurso da utilização simples de páginas Web, importa realçar a importância de aplicações que hoje em dia se pode ter acesso e que cada vez mais são numerosas e aperfeiçoadas, que se podem revelar muito práticas e menos entediadas que o uso do livro. Sob todas essas perceções, investigamos neste trabalho a utilização destas aplicações *online*, como a ferramenta social e interativa, cujos conteúdos e processos de ensino contemplam



tanto ao professor quanto ao aprendente, numa experiência que possibilita um envolvimento entre mestre-aprendente e aprendente-aprendente na busca do desenvolvimento de habilidades comunicativas em outras línguas.

Figura 4 - Aplicação online da Mosalingua

Entre estas, importa destacar a MosaLingua, Babbel, LiveMocha e Busuu que propõem aprendizagem de diversas línguas estrangeiras. Estas aplicações podem ser usadas em simples Smartphones, Android, Phone, iPod Touch, iPad e Android. e outros meios tecnológicos, facilitando ao utilizador na memorização de vocabulário recuperado numa base de dados interna das referidas aplicações. Em suma, elas permitem uma aprendizagem interativa e dinâmica e permitem melhorar a escrita e inclusivamente a compreensão, graças à possibilidade de ouvir os registos de áudio. Para além disso, a aprendizagem é centrada nas situações da vida quotidiana e com testes interativos permitindo medir os resultados. Os utilizadores das aplicações podem igualmente trocar entre eles e partilhar seus resultados com a comunidade.

Inúmeros benefícios possuem estas aplicações, mas entres elas, a mais cativante ao aprendente é o facto de termos acesso 24h/24h, sem necessidade de recorrer ao professor e despojados de livros e dicionários dispendiosos e densos. Por outro lado, demonstra que a ênfase na interação incrementa na satisfação do aprendente com o processo ensino-aprendizagem via Internet. A interação nestas aplicações encoraja o pensamento crítico, a solução de problemas, análise, integração num ambiente totalmente virtual.

Como estudo de caso, apresenta-se em análise o site Livemocha, pelo facto de ser considerada como uma rede social, curso virtual de ensino de línguas que adota em seus princípios metodologias de ensino de idiomas a partir dos usos efetivos destes como prática social, destinada para a aprendizagem/ensino de línguas estrangeiras nomeadamente do **PLE**.

Conforme o site do Livemocha indica, “*Our methodology is structured around the Whole-Part-Whole learning model.*” Dividindo-se em três pilares fundamentais: na demonstração, na desconstrução e na prática.

O Livemocha presenteia materiais didáticos de utilização mundial desenvolvidos por Pearson¹ e Harper Collins², além de ensino gratuito e cursos *online* em mais de 32 idiomas, com níveis que variam entre o básico e o intermediário. No entanto, por uma questão de sustentabilidade do serviço, o site propõem uma instrução adicionalmente personalizada através de cursos pagos, disponíveis para as línguas espanhola, francesa, inglesa, alemã, espanhola e italiana, pagos em dólar.

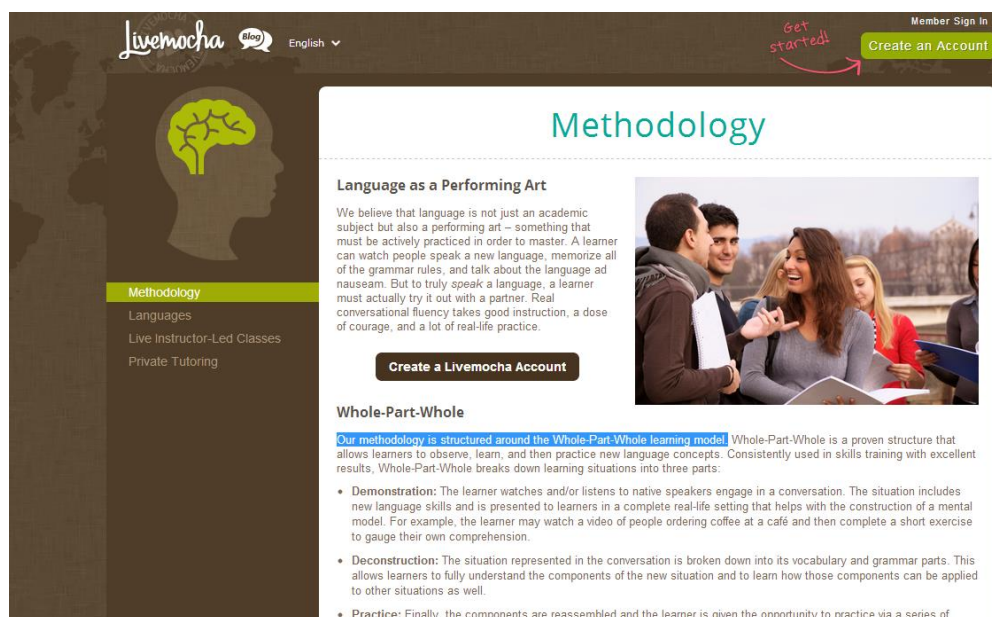


Figura 5 - Aplicação *online* do LiveMocha
Fonte: livemocha.com

A grande vantagem de utilização desta aplicação, diz respeito à possibilidade de desenvolver habilidades comunicativas, dentre as quais se destacam o processo de compreensão e produção escrita (ler/escrever) e o processo de compreensão e produção oral (ouvir/falar). Em suma, conclui-se a grande utilidade, pois a grande maioria de sites não possui a assimilação de todos estes elementos no desenvolvimento do **PLE**.

Partindo, para outro meio de aprendizagem temos as ditas páginas Web 2.0, que têm sido utilizados por inúmeros professores do ensino do **PLE**, a nível internacional. Como

exemplo, apresentaremos um site pedagógico pelo professor José Batista que mencionou a utilidade deste mediante a seguinte declaração oficial no seu site:

“A implementação do Projecto Educacional em contexto educativo permitiu constatar que as ferramentas tecnológicas têm efectivamente enormes potencialidades, quer dentro quer fora da sala de aula, pois, além de “quebrarem” a rotina, contribuíram para a inovação das práticas pedagógicas, despertando a motivação, o interesse e o empenhamento dos alunos, bem como tornaram o processo de ensino e de aprendizagem mais enriquecedor e adaptado às exigências do novo paradigma de ensino, onde os estudantes puderam desenvolver não só competências específicas das diversas disciplinas, mas também a nível das várias literacias, preparando-os, assim, para o presente e para o futuro. O balanço de todo o trabalho desenvolvido no âmbito do Projecto Educacional é, até ao momento, bastante positivo e compensador.”

Fonte: <http://joseantoniobatista1.blogspot.fr> visitado no dia 12/05/13

Este projeto denominado “Navegar é preciso” possui os objetivos seguintes:

- ✓ Desenvolver a capacidade de expressão/produção oral e escrita, a literacia digital, a autonomia, o espírito crítico e criativo.
- ✓ Conhecer/explorar ferramentas da **Web 2.0**
- ✓ Incentivar os alunos e professores para a utilização das **TIC** em contexto educativo;
- ✓ Criar/publicar conteúdos diversos;
- ✓ Promover o trabalho colaborativo e a partilha de saberes e experiências;
- ✓ Contribuir para uma aprendizagem mais estimulante, significativa e inovadora;

Como refere o autor deste projeto que veio a comprovar a mais-valia das ferramentas tecnológicas no novo paradigma de ensino, pois têm efetivamente enormes potencialidades, quer dentro quer fora da sala de aula, estimulando ainda mais a vontade de aprender uma LE.

Conclui-se, assim que qualquer que seja a tecnologia utilizada na aprendizagem em contexto modalidade via **E-learning**, é fundamental fazer uma preparação e análise, por parte do professor/tutor, com vista a recorrer aos recursos tecnológicos que permitirão práticas inovadoras e promovam o desenvolvimento linguístico dos aprendentes. Revela-se essencial uma boa organização e a pedagogia mais adequada a este sistema de ensino, de forma como esses recursos serão utilizados garantindo assim uma aprendizagem de qualidade no **PLE**.

2.2. ANÁLISE DA ESTRATÉGIA DA POLÍTICA LINGUÍSTICA

Efetivamente a **LE** assume um papel e um alcance estratégico e económico extraordinário, é indispensável encarar a **LP** na Europa e no Mundo, como um bem imaterial, um valor inestimável, não só no âmbito identitário e cultural de um povo com grande peso na história mundial, devido aos descobrimentos e feitos históricos como também reconhecido a sua importância nas populações mais jovens, por uma riqueza cultural deixada pelos seus antepassados. E assim verificamos que a maioria absoluta dos nossos compatriotas têm orgulho em ser português e valoriza a sua língua, almejando a expansão do **PLE** contando com os poucos recursos que existem na difusão da **LP**.

Mas, hoje em dia, esse património deve ser entendido por uma língua de futuro, de progressão e de reconhecimento do desenvolvimento social e económico, graças a difusão do **PLE**, alimentada pela situação favorável do Brasil e da Angola do ponto vista económico, cuja tendência é revelar-se cada vez mais numa potência política e económica forte, no cenário mundial, que se desenvolve neste século XXI.

Mas a expansão da língua portuguesa, segundo a opinião de (Sequeira,2007:7) deve-se em grande parte ao Brasil, pela sua dimensão populacional conforme expressa a seguinte

afirmação: *“como maior país lusófono que contribuiu para o estatuto do português como língua de comunicação internacional”*.

É natural, na comunidade lusófona persistir o interesse em continuar a saber falar e escrever português, embora distanciado das origens e das raízes maternas continua-se a sentir essa paixão pela **LP** valores inculcados pela família valorizando a sua identidade cultural e linguística, pretendendo dar oportunidade aos seus progenitores de terem acesso à **LP**. Com vista à obtenção desse objetivo, o governo português e algumas parcerias com instituições, definiram uma política de língua (**PL**), enfrentando enormes desafios face à aposta na promoção e difusão da **LP** em todo mundo.

A situação anterior da PL era animadora já que o domínio da língua vinha crescendo de forma exponencial, graças ao apoio de Portugal e do Brasil. Face a crescente internacionalização das economias em que a importância do valor da língua era crucial e vital para a realização das trocas comerciais além das fronteiras. Por esse motivo, a língua portuguesa era vista nos tempos dos descobrimentos, como língua de prestígio e de expansão, tratava-se de um idioma de coesão entre várias culturas aproximando os povos de vários continentes nos seus interesses diversos.

Mas como é atualmente a língua portuguesa vista no exterior?

Nesse sentido, faremos uma abordagem à Política da Língua Portuguesa na Europa e no Mundo na alínea seguinte de forma sucinta.

2.2.1 Política da Língua Portuguesa na Europa e no Mundo

“f) Assegurar o ensino e a valorização permanente, defender o uso e promover a difusão internacional da língua portuguesa;”

Fonte: Constituição da República Portuguesa Artigo 9.º, Tarefas fundamentais do Estado,

No contexto do estudo feito, e porque cada vez mais se verifica uma emigração lusófona que se alastra na Europa devido à conjuntura económica e política, importa analisar a atual posição da política de língua do **PLE**, e qual o programa estratégico que Portugal adotará futuramente na difusão da língua portuguesa.

O ensino do **PLE** na Europa tem vindo a sofrer profundas alterações ao longo do tempo, com a promulgação de diversas leis e transições sucessivas de diversos órgãos de gestão, cujo objetivo final era de desenvolver estratégias que promovessem a aprendizagem da Língua e Cultura Portuguesas através do Ensino do Português no Estrangeiro, afirmando o seu estatuto internacional.

Para se compreender a política de língua do Estado Português, importa abordar as duas componentes essenciais dos eixos principais a atingir, primeiramente a questão da normalização da língua nacional, em segundo lugar, a tão almejada defesa e divulgação da língua fora do território nacional. Neste segundo ponto, em relação à promoção da língua e cultura portuguesa no estrangeiro, o governo de Sócrates (2005 a 2009) pretendeu criar meios em conjunto com parceiros da (CPLP) visando atingir certos objetivos tais como:

“Desenvolver, em cooperação com os parceiros da CPLP, uma estratégia conducente a reforçar a utilização do português como língua de comunicação internacional; ... destinadas a garantir o ensino do português aos lusodescendentes e a favorecer a integração da língua portuguesa em currículos estrangeiros; recorrer a utilização intensiva dos meios audiovisuais e das tecnologias de informação e comunicação com vista a fomentar a

aprendizagem do português como língua não materna; ...” (Programa do XVII Governo Constitucional, 2005-2009, www.portugal.gov.pt)

Como se pode observar, a cooperação entre os parceiros mencionados anteriormente impulsionaram o princípio da utilização dos meios em multimédia na finalidade de promover a LP no estrangeiro. As entidades institucionais reconheceram a importância do potencial da Internet, não havendo fronteiras que distanciem as pessoas, mais precisamente os lusodescendentes na exploração de *sites* criados especificamente na aquisição do **PLNM**.

Inúmeros *sites* foram projetados, de forma a dar um exemplo desse tipo de informação, temos o caso concreto do site do (Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, IP), quando se faz referência ao Centro Virtual. Ao aprofundar esta ferramenta, chegou-se à conclusão que esta área foi criada para oferecer um serviço de maior qualidade a todos os que procuram aprender, ensinar ou traduzir português, conhecer a língua e cultura portuguesa ou aperfeiçoar as suas competências, através do programa de formação a distância.



Figura 6 – Site do Centro Virtual Camões

Fonte: <http://cvc.instituto-camoes.pt/>

Para além disso, outro decreto-lei foi aprovado n.º 165/2006 de 11 de Agosto, o recurso aos meios audiovisuais e às **TIC** é apontado como um importante instrumento de divulgação

do português como língua não materna. Na realidade, veio trazer uma maior aproximação dos lusodescendentes, entre Portugal e o país de acolhimento, bem como para um maior conhecimento sobre Portugal. Por outro lado, visa preparar os aprendentes para pesquisas eficazes dada a enorme quantidade de informação disponível na Internet.

A rede de docência de língua e cultura portuguesa no estrangeiro, tem sido gerida pelo programa existente Instituto Camões, assim como todos os Centro de Língua Portuguesa e os Centros Culturais espalhados pelo Mundo e nomeadamente na Europa espalhados pelo mundo, surge como instrumento multidireccionado de divulgação da LP.

Para além do Instituto Camões, ainda temos outras instituições do universo da política governativa, nas quais foram atribuídas competências da política cultural externa visando a promoção da língua portuguesa no exterior.

Tutela	Instituição
Ministério dos Negócios Estrangeiros	Instituto Camões
	Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento
	Missão para a CPLP
	Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas
No Ministério da Educação	Gabinete de Assuntos Europeus e Relações Internacionais
Ministério da Ciência e Ensino Superior	Gabinete de Relações Internacionais da Ciência e do Ensino Superior
	Fundação das Universidades Portuguesas
Ministério da Cultura	Gabinete das Relações Culturais Internacionais
	Instituto Português do Livro e das Bibliotecas
	Instituto Português do Património Arquitectónico
	Instituto do Cinema, Audiovisual e Multimédia
ICEP Portugal – Investimentos, Comércio e Turismo	

Fonte: Stock, 2005: 64

Figura 7 – Instituições do estado com competências na política cultural externa

Face ao panorama recente das políticas internas e externas de Portugal, a rede escolar tem vindo a sofrer alterações, com cortes nos recursos humanos, submetendo-se ao restrito orçamento previsto anualmente e assim decretado pelo Governo.

No entanto, dentro do contexto da aplicação do **E-learning**, recentemente foi anunciado na comunicação social, mais propriamente no canal de televisão TVI, um programa de previsão completamente oposto daquele que se tem presenciado nas últimas décadas, visando a inclusão do **ensino E-learning** do **PLE** que temos feito abordagem na investigação em curso.

José Cesário, Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas “referiu que o governo pretende criar um sistema de «ensino à distância tutorizado» para abranger os alunos que se encontram em comunidades mais remotas. *«Não é E-learning puro. Tem de ser tutorizado»*. Admitiu que este projeto «não é barato», vai custar «umas centenas de milhares de euros» e «vai depender da existência de meios”.

Fonte:<http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/portugues-comunidades-emigracao-estrangeiro-lingua-tvi24/1341971-4071.html> de 2012-04-18

O desejo evidente do Estado das Comunidades Portuguesas ao reconhecer o grande potencial das TIC ao permitirem armazenar, gerir, transmitir e disseminar informação conducente à aprendizagem e à produção de conhecimento, apresentam um potencial promissor na formação dos aprendentes de **PLE**.

Debate-se e reflete-se nas razões de tais medidas previstas pelo Estado português, no futuro do ensino do **PLE** a nível internacional, levantam-se algumas reticências, será por razões de ordem financeira, relacionada com uma economia de custos, perspectiva não consensual com a frase mestre de abertura deste capítulo, quando a Constituição da República afirma assegurar o ensino e defender o uso e promover a difusão internacional da língua portuguesa.

Talvez a justificação da viabilidade do ensino, por este meio, seja na oferta de uma maior diversidade de ofertas, passando pela possibilidade de abarcar novos públicos, normalmente afastados dos cenários de formação presencial, o que será um verdadeiro desafio tanto para os docentes envolvidos como também para os aprendentes.

Na perspetiva da União Europeia (UE), outras iniciativas são almeçadas no sentido de alcançar uma Europa multilingue em que qualquer cidadão europeu pode aprender línguas conforme indica a figura 8.

Ano Europeu das Línguas - 2001

O Ano Europeu das Línguas (2001) foi uma iniciativa da União Europeia e do Conselho da Europa, na qual participaram quarenta e cinco países europeus.

PRINCIPAIS MENSAGENS DO ANO EUROPEU DAS LÍNGUAS:

1. **A Europa é e será sempre multilingue.**
2. **A aprendizagem de línguas cria oportunidades.**
3. **Qualquer pessoa pode aprender línguas.**

Figura 8 – Medidas criadas pela Comissão Europeia
Fonte: <http://ec.europa.eu/languages/languages-of-europe>

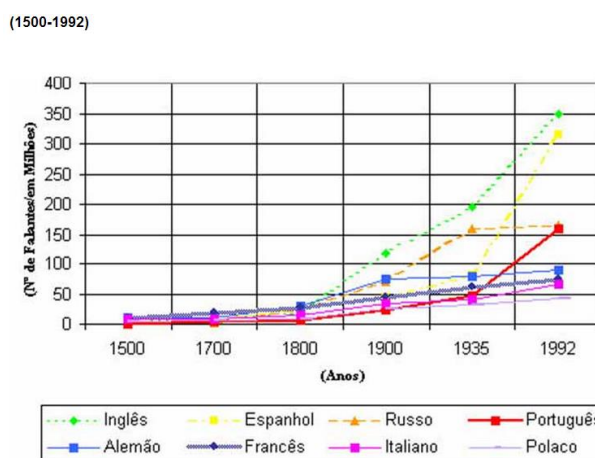
A nível da UE, não foi possível descobrir dados estáticos exatos sobre o número de falantes do **PLE** no Espaço Comum Europeu, apenas identifica-se de um modo generalizado, algumas ações, como por exemplo, indica a (Figura 8) que reforçam um ideal de uma Europa multilingue com um plano de pluralismo cultural e linguístico. Apesar da obstante da língua inglesa estar em crescimento como língua franca por excelência, podemos assistir a lutas entre Estados Nacionais e determinadas comunidades perseverantes divulgação das suas línguas e culturas.

Nesse âmbito de intervenção de contribuição de diversidade linguística, como refere o artigo de Fossum (2003:320) deve-se ter especial consideração na preocupação da União Europeia em atingir essa prioridade conforme declara a seguinte expressão:

“The Union contributes to the preservation and to the development of these common values while respecting the diversity of the cultures and traditions of the peoples of Europe as well as the national identities of the Member States and the organization of their public authorities at national, regional and local levels.”

Em suma, fazer estimativas sobre o nº de falantes do **PLE**, não se torna uma tarefa simples ou consensual. Em particular da língua portuguesa as previsões são numerosas e seus valores variam em relação a muitos fatores, como por exemplo, (localização geográfica, emigração, regionalização e a própria globalização, etc.).

Uma fonte estatística indicada pela Universidade de Helsínquia, na Finlândia abordou esta temática com uma estimativa da posição da **PLE** que identifica a evolução da língua desde o ano 1500 até 1992, em se verificou um crescimento a partir de 1935, de forma abrupta, tal como aconteceu com inglês, alemão e espanhol.



Fonte: Jean-Claude CHASTELAND e Jean-Claude CHESNAIS, *La Population du Monde: Enjeux et problèmes*, Paris, PUF/INED, 1997.

Figura 9 – Estimativa Nº de Falantes de cada uma das 8 principais Línguas Europeias

Fonte: http://www.helsinki.fi/portugues/lingua_portuguesa.htm

O mesmo estudo da Universidade informa que **PLE** é considerada a 6º Língua Materna do mundo como refere a expressão seguinte: “O Português é, recentemente, a sexta língua materna a nível mundial ... Além de ser língua oficial de oito estados - Portugal, Brasil,

Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Timor-Leste e São Tomé e Príncipe - de quatro continentes, é ainda idioma de trabalho em doze organizações internacionais”

Conforme indica o Decreto-Lei n.º 234/2012 estima-se que aumentou consideravelmente o número de pessoas que articulam a LP.

“ A Língua Portuguesa, que tem uma dimensão global e possui inequivocamente um enorme valor económico e cultural por ser falada em todos os continentes por cerca de 250 milhões de pessoas, tem assim todas as condições para ser valorizada, devendo por isso ser feito um investimento adequado e efetivo para a sua promoção.”

Se, nestas linhas orientadoras o antigo Governo pretendia investir adequadamente verbas destinadas ao ensino do PLE reconhecendo o valor económico e cultural em todo o mundo. Contrariamente presenciamos nos dias atuais com a falta de apoio financeiro na internacionalização da LP.

Parece igualmente seguro afirmar que, tendo em conta a situação económica dos países que patrocinam o ensino do PLE, esse crescimento do número de falantes mencionados no ponto anterior ficarão à mercê de provisões e aprovações orçamentais, sendo lamentável a insensibilidade para esta questão da promoção do PLNM.

Importa igualmente definir verbas fixas pelos diversos governos que fazem parte integrante da Lusofonia, desenvolvendo assim incentivos na criação de instrumentos para adequar os conteúdos às necessidades.

Em síntese, tudo indica que o **PLE** é uma língua de expansão tanto na Europa como a nível Mundial. Conforme revela um artigo do Observatório da Língua Portuguesa: *“Temos as fronteiras estáveis mais antigas da Europa, somos a terceira língua europeia mais falada no mundo e o idioma mais usado no hemisfério sul.”* **Fonte:** http://observatorio-lp.sapo.pt/pt/editorial_3

No artigo integrante do suplemento do Diário económico nº 5564 de 3/12/12 foi revelado o

INDICADORES

4^a

O português já é a quarta língua mais falada do mundo com cerca de 250 milhões de falantes.

3,7%

Cerca de 3,7% da população mundial fala português e detêm 4% da riqueza mundial.

7,2%

Os oito países que têm o português como língua oficial ocupam 7,2% da superfície continental da Terra.

Figura 10 –Estimativa N° de Falantes nível mundial

Fonte: Suplemento Universidades & Emprego- Diário económico nº 5564

peso da importância da LP a nível mundial em que na página 6, na entrevista efetuada foram revelados dados precisos sobre os falantes do PLE, números interessantes que ronda 250 milhões sendo a 4^a língua mais falada no mundo. No entanto, o PLE ainda é considerado em muitos países da Europa, como uma língua rara e desvalorizada, talvez pela falta de ação de uma Política Linguística, por parte das entidades governativas e dos incentivos (ordem financeira, recursos humanos com formação qualificada).

Temos vindo a assistir lutas entre estados nacionais e comunidades linguísticas em defender suas línguas e culturas, como no caso exemplificativo de França, em que Ministra de Educação tem vindo a encerrar alguns departamentos do PLE nas Universidades impossibilitando o acesso ao ensino, referenciando que esta seja considerada como língua rara tal como o árabe, apesar do crescimento massivo da comunidade lusodescendente e simultaneamente da procura ter aumentado por parte dos aprendentes nos últimos tempos.

Importa neste contexto político e económico da atualidade, a união de forças e providenciar parcerias, isto é, intercâmbios entre países, com o forte apoio de investimento da Comunidade Europeia em que cada país tenha oportunidade de divulgar sua língua e cultura,

com a mesma primazia, sem dar lugar à discriminação linguística que tem visivelmente ocorrido em muitos países da UE.

2.2.2. Política linguística: esforços na definição

O conceito de política linguística normalmente é associado ao objeto de estudo da Sociolinguística, enquanto disciplina académica. Mas recentemente faz parte integrante do conteúdo programático de diversos cursos superiores, o que traz utilidade na divulgação da língua e cultura portuguesas no estrangeiro.

No esforço de definir um conceito preciso sobre política linguística, leva-nos a pesquisar o assunto, recorrendo a uma bibliografia mais aprofundada na temática. Para se compreender este conceito, segundo o sociolinguístico Jean Louis Calvet, encara-a num conjunto de escolhas conscientes nos domínios da língua e da vida social, mais propriamente associada à vida nacional, isto é, corresponde obviamente às estratégias definidas pelo poder político. Vejamos por exemplo a seguinte exposição:

“Nous considerons la politique linguistique comme l’ensemble des choix conscientes effectues dans le domaine des rapports entre langue et vie sociale, plus particulièrement entre langue et vie nationale, et la planification linguistique comme la recherche et la mise en oeuvre des moyens necessaires a l’application d’une politique linguistique.” (Calvet,1999:155)

Resumindo, primeiramente constata-se que só existe política linguística quando se dá a possibilidade de escolha. Essa escolha pode coexistir entre diferentes variedades linguísticas na presença de uma comunidade.

Este autor, depois de ter diferenciado duas funções revelou claramente, a função simbólica e a prática, ligadas fortemente à planificação linguística cuja ação atua sobre a

própria língua, desdobrando-se em duas áreas singulares conforme indica a figura 11. A nível da ação sobre a língua, temos uma planificação dentro do aspeto da ortografia, do léxico e das formas dos dialetos.

No contexto da ação sobre as línguas dá-se importância à escolha da língua nacional, da própria organização em situação do plurilinguismo e da repartição funcional entre outras.



Figura 11 –Modelo com a articulação da Política de língua e com Planificação linguística
Fonte: Calvet, La Guerre des langues et les politiques linguistiques, 1987:155

Do ponto de vista da autora Mateus (2003), resume em poucas palavras, o cerne da **política linguística** conforme indica a expressão: *“Todas as línguas constituem formas preferenciais de identificação cultural no uso que delas faz o falante no seu quotidiano e contribuem para a realização do indivíduo como membro de uma comunidade”*. Além de que, a mesma autora referenciou que a necessidade de definir uma política de língua decorre destas duas razões:

“...carácter psico-social e cultural, obviamente reforçadas por interesses económicos que hoje se inserem num contexto mundial.”

Nos últimos anos, algumas medidas têm sido mudadas na atual política de língua do **PLE**, mais especificamente, no que diz respeito às estratégias da política de língua, com vista

à promoção e divulgação do **PLE**, em que o Governo visa adotar como eixos principais, o uso das TIC e dos meios audiovisuais, garantindo o ensino aos lusodescendentes conforme indica as seguintes linhas de orientação:

“Desenvolver, em cooperação com os parceiros da CPLP, uma estratégia conducente a reforçar a utilização do português como língua de comunicação internacional; encetar negociações, baseadas no princípio da reciprocidade, com os países de acolhimento das comunidades portuguesas, destinadas a garantir o ensino do português aos lusodescendentes e a favorecer a integração da língua portuguesa em currículos estrangeiros; recorrer a utilização intensiva dos meios audiovisuais e das tecnologias de informação e comunicação com vista a fomentar a aprendizagem do português como língua não materna; incrementar a promoção da cultura portuguesa no estrangeiro...” Fonte: (Programa do XVII Governo Constitucional, 2005-2009, www.portugal.gov.pt)

Em síntese, a **Política de língua está associada um conjunto de ações precisas e levadas a efeito pelas autoridades governativas de uma comunidade, que visam o benefício individual e coletivo dos cidadãos que utilizam a língua**. Esse é o seu objetivo principal, mas na prática nem sempre o benefício individual é respeitado quando constatamos novas medidas que prejudicam o ensino-aprendizagem, com a incrementação de propinas e novas formas de ensino pouco tradicionais ou pura e simplesmente na aplicação de cortes nos recursos financeiros causando problemas na comunidade lusófona, muitas das vezes, desmotivando os filhos dos emigrantes na possibilidade de ter oportunidade de saber a língua materna dos seus progenitores.

Resumindo, face a todas medidas que têm sido aprovadas pelo atual Governo, a divulgação internacional da língua portuguesa está comprometida e numa situação de incerteza face ao futuro, a valorização da língua portuguesa no exterior, deixou de ser uma prioridade, quando se assiste o encerramento contínuo de centros de línguas e despedimentos

em massa de professores do ensino de **PLE**, de facto, não se pode afirmar que o Governo visa garantir o ensino da língua portuguesa aos lusodescendentes.

Tal como cita Silva que revela as finalidades económicas e política, em torno dum marketing agressivo a favor da imagem exterior de Portugal, sem ter respeito pelas necessidades linguísticas da comunidade emigratória, a política cultural externa é usada no intuito de revelação de poder quando se “montra de regime, com forma superior de legitimação, encenação e emblematização politica” (Silva, 1997: 42)

Em síntese, com vista a manter a utilização da LP na comunidade lusófona, em que a comunidade perpétua sua cultura e riqueza da língua, uma intervenção sociolinguística constitui um instrumento privilegiado na gestão da participação individual e coletiva.

É crucial antes de mais questionar o papel do Estado, no desenvolvimento ou não, pelas suas ações, contribui, para manter tal cultura, ou seja, se permite tal grupo social existir e reproduzir-se em preservar a sua linguagem, para construir, para expressar e transmitir essa cultura.

No tópico a seguir, iremos focalizar alguns pontos, dessa problemática relacionada com o planeamento linguístico.

2.2.3. Planeamento linguístico

“ Nous considérons ...la planification linguistique comme la recherche et la mise en œuvre des moyens nécessaires à l’application d’une politique linguistique ”

(Calvet, 1987 :155)

A política linguística começa naturalmente na exigência de um planeamento linguístico, cujos domínios de intervenção são múltiplos, que podem variar segundo as carências do terreno, como por exemplo, a instauração ou reforma da escrita, gestão do plurilinguismo dentro do mesmo país, a standardização de um dialeto que poderá futuramente vir a ser uma língua oficial, na qual exige constituição de gramática, um dicionário, uma terminologia para atividades técnicas e científicas.

Planeamento linguístico (**PL**) requiere uma política linguística bem direcionada. A finalidade é a mudança deliberada, uma escolha explícita entre diversas alternativas apresentadas, isto é, há uma descrição de medidas exatas que influem o desenvolvimento das línguas, por vezes, incidem na realização de ações na resolução de um problema do âmbito linguístico.

Se formos refletir sobre o conceito do planeamento linguístico, a função passa pela conceção de planos médio/longo prazo, na tentativa de resolver e estruturar os problemas linguísticos ocorrentes, com vista a melhorar a implementação da língua sob vários aspetos (económico, sociopolítico, cultural, individualizada).

Alguns investigadores da área linguística consideram o planeamento linguístico, como um conjunto de ações premeditadas que visam a fins particulares, no que diz respeito ao uso da língua numa determinada comunidade.

Robert L. Cooper afirma que o **PL** refere-se a esforços deliberados no intuito de influenciar o comportamento dos outros, no que diz respeito à aquisição, à estrutura, às funções associadas ao código linguístico de uma determinado idioma. O mesmo autor defende que na maioria dos casos a função da linguagem é meramente constitucional como refere (Cooper, 1989:100).

“Language planning refers to deliberate efforts to influence the behaviour of others with respect to the acquisition, structure, or functional allocation of their language codes.”
(Cooper, 1989:45)

Mudando de prisma, o autor Chaudenson, considera que o planeamento linguístico, é algo necessário e adaptado à **PL**, “...des actions définies dans le cadre de la politique et programmées dans celui de la planification”. (Chaudenson, 1996:116)

De facto, grandes mudanças são efetuadas e aplicadas deliberadamente, nos sistemas de código de línguas ou falando ou ambos que são planeados por organizações, conforme expressa o autor (Rubin et Jernudd, 1975:16), *“Language planning is deliberate language change; that is, change in the systems of languages code or speaking or both that are planned by organizations”*.

Na realidade a escolha de uma determinada língua possui um significado social, não de admirar que as tentativas para influenciar a forma que a língua é utilizada foram cuidadosamente planeadas com a opção de escolha institucional. Tal como refere (Fason, 1984:246) na seguinte expressão: *“C’est l’existence de choix qui rend la planification possible.”*

O objetivo da planificação pode passar pelas intervenções na língua, em termos estruturais, no sistema linguístico, na intervenções sobre o seu funcionamento social e/ou intercultural atingindo a própria gestão do plurilinguismo. Simplificando, provoca uma

mudança intencional da língua e no apoio das medidas que visa um fim propositado na escolha feita.

Na maioria das vezes, a intervenção do **PL** abrange as utilizações oficiais e/ou públicas da língua, respeitando a linguagem da comunicação do quotidiano informal, onde as escolhas são deixadas à mercê da escolhas individualizadas num ambiente enriquecido de fatores multiculturais.

Naturalmente, a língua não se deve assumida apenas como um instrumento de comunicação, ela assume funções simbólicas numa sociedade. Muitas vezes, as decisões políticas são fundamentadas num valor simbólico da língua, como fator de unificação ou de separação numa comunidade, sobre as necessidades reais de comunicação. Por esse motivo, o autor Baylon defende o peso da responsabilidade das instituições, pesando mais do que as análises feitas na **PL**, para além da área sociolinguística nos poder apoiar nessa função extenuada. Baylon refere *“Les considérations politiques, sociales et économiques pèsent plus les analyses linguistiques dans la planification. La sociolinguistique ne peut donc qu’aider à découvrir la solution des difficultés.”* (1996:173)

Neste contexto, na citação de Salomão (2006:109) faz todo o sentido, quando refere: *“podemos afirmar que a Política de Línguas Estrangeiras é um subdomínio do Planeamento Linguístico, pois constitui, de forma alargada, responsabilidade da governação, além de pretender implementar-se em vários sectores da sociedade, e não apenas no da educação”*.

O que nos leva a depreender que todos os esforços devem ser feitos por parte do Governo, não apenas de Portugal mas também do Brasil e dos países aliados ao **CPLP**, em definir um **PL** que tenha em conta as variedades lexicais dos diferentes países, na introdução de aulas virtuais destinados aos milhares de emigrantes lusófonos e seus descendentes, uma

vez que será mais sistema de ensino mais flexível, para os aprendentes de **PLE** ou difundir centros de línguas com o suporte de parcerias internacionais.

Mas de forma geral, pode-se considerar o **PL** como um conjunto de esforços deliberado, visando a modificação das línguas no que concerne ao seu “Statut planning” e seu “Corpus planning”. Quanto ao “Statut planning”, seu principal objetivo é o reconhecimento oficial do governo do estatuto de uma língua em relação a outras conforme cita (Kloss, 1968:72). Relativamente ao “Corpus planning”, entre as quais poderá se mencionar na incidência nas atividades tais como reformas ortográficas, proposição de neologismos, ou seja, visa modernizar ou adaptar às transformações da realidade presente, tal ação é considerada como uma reforma a uma determinada língua.

Tal como foi feito pela Aliança francesa, na defesa da língua francesa, com objetivos bem definidos em prol da expansão e preservação do idioma referido. Não é por acaso, que se afirma que o **PL** seja considerado também por “aménagement linguistique” que trata das transformações dos sistemas linguísticos cujo propósito passa pelo desenvolvimento das relações interlinguísticas, em espaços sociais.

Para Loubier (2008:31) o “aménagement linguistique” consiste numa “organisation des situations sociolinguistiques qui résulte de d’action d’un double processus d’ajustement d’un espace social à la dynamique des forces d’évolution qui l’anime : l’autorégulation et la régulation officielle de l’usage des langes”.

Portanto, se o papel do **PL** é resolver problemas linguísticos e enviar a realização concreta de soluções encontradas, graças ao apoio sistemático das instituições responsabilizadas, temos visto uma inércia na atualidade relativamente ao idioma português, quando se verifica um impedimento da mesma em tantos departamentos de línguas

estrangeiras em universidades, escolas secundárias na qual promovem outras línguas (italiano, alemão) cuja sua aplicabilidade é restringida num espaço reduzido.

Por outro lado, tal PL exige no panorama atual uma reformulação, com a finalidade de tratar do assunto da mudança do sistema de ensino mediado por computador, com os tais recursos virtuais à disposição da comunidade lusodescendente.

2.2.4. Problemas das políticas linguísticas

“Si l’on constate qu’aujourd’hui la question de la langue est considérée, dans les faits, comme négligeable par les politiques, il faut en conclure que le temps est venu de la poser à nouveau sérieusement.” Denis Griesmar

Os problemas originados pelo contato de diversas línguas diferentes obrigam às instituições da política uma definição de uma política linguística ativa, necessitando de criar diversos estatutos em diversas línguas. A existência das línguas oficiais, significa as línguas que podem ser legítimas dentro da vida política, na administração, na justiça e no ensino, carece obviamente duma regulamentação cuidadosa e prudente

Nesse ponto de vista, os governos tem duas soluções a sua disposição: reconhecer a pluralidade das línguas oficiais, como por exemplo (no caso da Suíça, Bélgica ou no Canadá) ou então, impor uma só língua oficial, é o caso da (França) com uma diversidade de dialetos espalhados em todo o território, temos o caso do bretão e basco. Mas tal exemplo é bastante recorrente em muitos países multilingues. Na mesma linha de pensamento, da concomitância dos dialetos, no caso de África, a parte do mundo onde existe mais dialetos, o inglês, o português e o francês são muitas das vezes as línguas oficiais. Mas em muitos países, a vontade de defender os direitos das línguas em minorias têm tendência hoje a aparecer situações muito complexas.

No caso particular da França, em que a língua oficial é o francês, onde são cada vez mais frequente haver aprendentes inscritos nas línguas regionais que pretendem seguir o ensino secundário e universitário sendo como uma mais-valia para a região.

Em suma, as línguas regionais não abafam a língua oficial, neste caso concreto temos o (francês) pelo facto de coexistir uma forte intervenção de planeamento linguístico. Conforme se vê nesta imagem oficial destacamos as diversas línguas regionais de França.

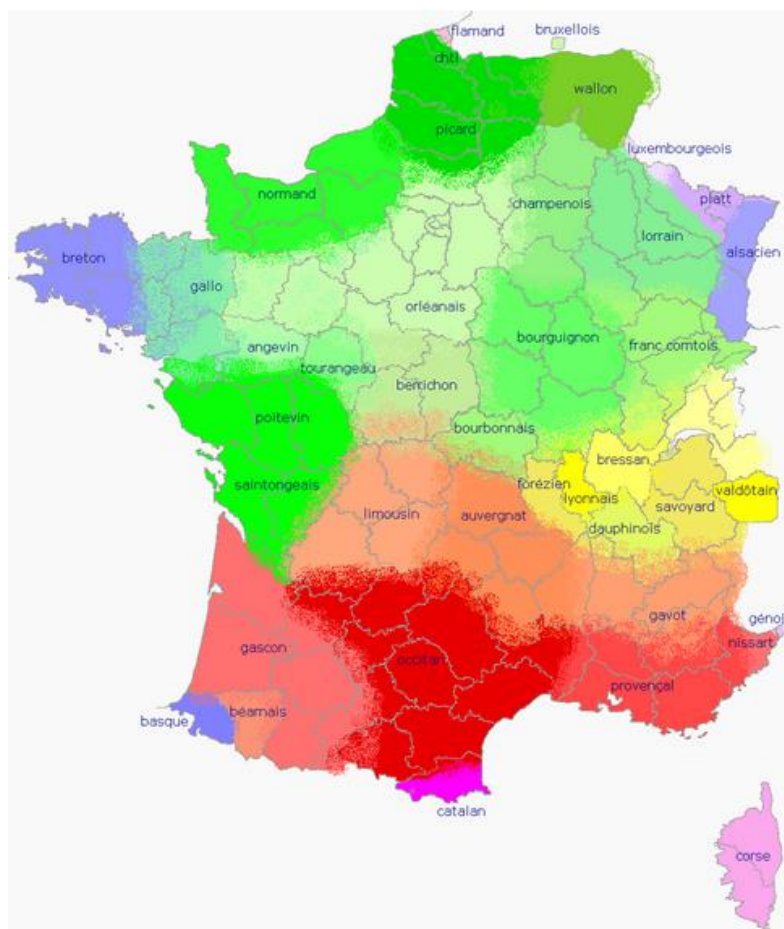


Figura 12– Dialetos regionais em França.

Fonte: http://www.lexilogos.com/france_carte_dialectes.htm

Em inúmeros países, podem surgir problemas na ordem de definição da política linguística, quando a vontade de defender os direitos das minorias quer prevalecer em relação às línguas oficiais eleitas, criam-se sempre situações muito complicadas e de tensão social.

Voltando a mencionar novamente o exemplo de França, país particularmente monolíngue com exceção daqueles que falam por exemplo (breton, basque e niçoise), línguas regionais, que não tem estatuto de línguas oficiais como a língua francesa, conforme foi referido na fig. 12.

Na realidade, a intervenção de confiança das instituições europeias, dentro das políticas nacionais, favorecem as línguas em minoria, cada vez mais, não importando a sua complexidade e a sua importância a nível internacional.

Os problemas linguísticos que surgem em contato com os diversos dialetos regionais, obrigam as instituições da política a saber lidar com diversidade linguística e, por outro lado, criar mecanismos de defesa definidos na política linguística em prol da língua oficial. Isto é, a língua que deve ser utilizada legitimamente da vida política, da administração, na justiça e no ensino. Como exemplo prático temos o caso do crioulo em Cabo Verde, a população utiliza na expressão oral no seu quotidiano, era uma língua utilizada pelos residentes como um idioma de defesa no combate contra a escravidão, mas hoje em dia, utilizam por valorização da sua identidade histórica. No entanto, por persistir uma política linguística forte, predomina a língua portuguesa como língua oficial utilizado legitimamente nas instituições e na vida administrativa.

2.2.5. Intervenção Quadro Europeu Comum de Referência face ao ensino do PLE

Por breves palavras, importa compreender do que se trata especificamente este Quadro de Referência. É uma obra elaborada no âmbito do Projeto “Aprendizagem das Línguas e Cidadania Europeia” desenvolvido pelo Conselho Europeu, que visa sobretudo proporcionar um enquadramento coerente e transparente como um instrumento linguístico essencial para a

harmonização do ensino/ aprendizagem, das línguas vivas na Europa. Em suma, a principal finalidade assenta numa Política Linguística para uma Europa Multilingue e Multicultural.

No domínio linguístico a abordagem de competência que se traduz na adesão do Quadro Europeu Comum de Referência (doravante designado por **QECR**), destinado a pôr em prática uma ferramenta comum, para todos os países europeus, sobre os métodos do ensino-aprendizagem de línguas para que todas as classes de pessoas, disponham de meios para adquirir um conhecimento das outras línguas europeias.

Basicamente foram delineados certos objetivos no **QECR** que serão apresentados de forma resumida:

- ✓ Fazer face a situações do quotidiano em outro país e ajudar os estrangeiros a permanecer, isto é, cujo valores se fundamentam na **mobilidade e a cooperação**;
- ✓ Melhorar a compreensão recíproca entre os cidadãos europeus, isto é **tolerância**;
- ✓ **Favorizar o plurilinguismo** como um processo a desenvolver ao longo da vida por cada indivíduo;
- ✓ **Evitar a marginalização** daqueles que não possuem capacidades de comunicar noutra língua a não ser a sua própria;
- ✓ **Promover a diversidade linguística e cultural**;
- ✓ **Desenvolver habilidades** gerais do aluno e o **know-how necessárias** à aquisição de qualquer outro idioma, no intuito de melhorar a perceção dos objetivos;
- ✓ **Reforçando a motivação e facilitar a aquisição do conhecimento** havendo uma grande coerência e transparência do domínio da aprendizagem de línguas, entre as línguas e entre os Estados membros.

Fonte: Edições Asa de 2001 – QECR para as Línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação

Para além disso, numa aula de língua estrangeira, deve haver a preocupação de privilegiar o desenvolvimento de competências de várias ordens, desde as mais gerais, que pretendem desenvolver no aprendente o saber, o saber-fazer, o saber-estar, saber-ser e o saber-aprender, no momento da realização de uma dada tarefa, até às mais específicas, de que se destaca a competência comunicativa, que compreende as componentes pragmática, sociolinguística e linguística. (QECR, 2001:31-35). É a esta última competência que são

associados os conhecimentos fonológicos, sintáticos, sistemáticos e lexicais de uma língua que iremos abordar mais a frente neste tópico.

Deste modo, o **QECR** reforça a motivação e simplifica para os empregadores um reconhecimento das competências que cada indivíduo possui, sem atender à situação económica e seu estatuto na sociedade.

Outro objetivo do **QECR**, trata-se de organizar uma certificação definindo os termos específicos, com critérios, apreciações, que devem permitir uma maior transparência de resultados. Além de visar uma formulação de itens de avaliação de forma positiva e de colocar em prática uma aprendizagem da consciência das suas competências, dirigida aos aprendentes fixando objetivos realistas, pode-se escolher o seu material de aprendizagem e treinar sua autoavaliação.

No âmbito da aplicação das **TIC** na aquisição das competências linguísticas, o instrumento **QECR** refere a sua importância no processo de ensino-aprendizagem como indica o seguinte excerto:

*“Fizessem o necessário para conseguir pôr em prática um sistema europeu eficaz de troca de informação, englobando todos os aspectos da aprendizagem e ensino das línguas vivas e de pesquisa neste domínio e **fazendo uso pleno das novas tecnologias da informação.**”*

Fonte: QECR para as Línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação: Pág 21

Nesse sentido, a Comissão Europeia identificou problemas na cidadania europeia tais como: xenofobia e manifestações ultra-nacionalistas sendo um impedimento na integração e mobilidade europeia. Com vista a combater essa problemática sublinhou-se que as *“...estratégias para diversificar e intensificar a aprendizagem de línguas, de modo a promover o plurilinguismo num contexto pan-europeu”*, (QECR,2001:23) e evocou-se a atenção para a importância do desenvolvimento de mais laços educativos e de intercâmbio e

da exploração do **enorme potencial das novas tecnologias da informação e da comunicação**”.

Em suma, o **QECR** apenas encoraja os aprendentes de línguas estrangeiras na utilização das novas tecnologias que incluem pesquisa em página da Web e acesso a Base de Dados, entre outras ferramentas de multimédia referenciados:

- **Capacidade para utilizar as novas tecnologias, procurando informação nas bases de dados, nos hipertextos, etc.)**
- **Utilizar novas tecnologias (multimédia, CD-ROM, etc.)**

Efetivamente, esta ideologia encara mais uma vez o cuidado em utilizar às TIC como uma ferramenta auxiliar e, jamais como meio exclusivo de ensino de uma **LE**, sendo claramente visível a possibilidade de afetação dos aspetos da aprendizagem e ensino das línguas vivas.

Para Maurais (1987:499) a noção de igualdade dentro da comunicação, não se limita absolutamente ao reconhecimento voluntário da importância, entre as diferentes línguas utilizadas pelas comunidades vizinhas, mesmo se um estrangeiro considere que essa língua seja muito diferente dum ponto vista linguístico. Afirma também que as línguas europeias são suficientemente parecidas umas com as outras, quanto ao discurso e do ponto de vista linguístico.

Em síntese, o papel primordial da atuação prevista pelo **QECR** é essencial, apesar das línguas europeias serem consideradas com a mesma importância, estas serão sempre diferentes, fundamentalmente deve ser respeitado as fronteiras entre as normas linguísticas de forma a ser mantidas, estabelecidas ou invertidas por um conjunto de interações complexos, implicando conjunturas e necessidades sociais, económicas e políticas contando com recursos didáticos das **TIC**.

2.2.6. Competências do Quadro Europeu Comum de Referência

Com o objetivo de melhor se compreender, como funciona o Ensino de línguas estrangeiras na Europa, de seguida apresentar-se-á os níveis existentes de competências referenciados no **QECR**. Este Quadro Europeu, já traduzido em 18 línguas, determinando os 6 níveis de competências (A1 ao C2), com a descrição das competências a atingir, para as línguas europeias, conforme indica a Figura 13.

Níveis Comuns de Referência - Escala Global		
Utilizador proficiente	C2	É capaz de compreender, sem esforço, praticamente tudo o que ouve ou lê. É capaz de resumir as informações recolhidas em diversas fontes orais e escritas, reconstruindo argumentos e factos de um modo coerente. É capaz de se exprimir espontaneamente, de modo fluente e com exactidão, sendo capaz de distinguir finas variações de significado em situações complexas.
	C1	É capaz de compreender um vasto número de textos longos e exigentes, reconhecendo os seus significados implícitos. É capaz de se exprimir de forma fluente e espontânea sem precisar de procurar muito as palavras. É capaz de usar a língua de modo flexível e eficaz para fins sociais, académicos e profissionais. Pode exprimir-se sobre temas complexos, de forma clara e bem estruturada, manifestando o domínio de mecanismos de organização, de articulação e de coesão do discurso.
Utilizador independente	B2	É capaz de compreender as ideias principais em textos complexos sobre assuntos concretos e abstractos, incluindo discussões técnicas na sua área de especialidade. É capaz de comunicar com um certo grau de espontaneidade e de à-vontade com falantes nativos, sem que haja tensão de parte a parte. É capaz de exprimir-se de modo claro e pormenorizado sobre uma grande variedade de temas e explicar um ponto de vista sobre um tema da actualidade, expondo as vantagens e os inconvenientes de várias possibilidades.
	B1	É capaz de compreender as questões principais, quando é usada uma linguagem clara e estandardizada e os assuntos lhe são familiares (temas abordados no trabalho, na escola e nos momentos de lazer, etc.) É capaz de lidar com a maioria das situações encontradas na região onde se fala a língua-alvo. É capaz de produzir um discurso simples e coerente sobre assuntos que lhe são familiares ou de interesse pessoal. Pode descrever experiências e eventos, sonhos, esperanças e ambições, bem como expor brevemente razões e justificações para uma opinião ou um projecto.
Utilizador elementar	A2	É capaz de compreender frases isoladas e expressões frequentes relacionadas com áreas de prioridade imediata (p. ex.: informações pessoais e familiares simples, compras, meio circundante). É capaz de comunicar em tarefas simples e em rotinas que exigem apenas uma troca de informação simples e directa sobre assuntos que lhe são familiares e habituais. Pode descrever de modo simples a sua formação, o meio circundante e, ainda, referir assuntos relacionados com necessidades imediatas.
	A1	É capaz de compreender e usar expressões familiares e quotidianas, assim como enunciados muito simples, que visam satisfazer necessidades concretas. Pode apresentar-se e apresentar outros e é capaz de fazer perguntas e dar respostas sobre aspectos pessoais como, por exemplo, o local onde vive, as pessoas que conhece e as coisas que tem. Pode comunicar de modo simples, se o interlocutor falar lenta e distintamente e se mostrar cooperante.

Figura 13 – Competências do Quadro Europeu Comum de Referência

Fonte: Edição Asa 2001 – QECR para as Línguas - Aprendizagem, ensino, avaliação

Estes 6 níveis são decompostos em 11, eles mesmos subdivididos em “sub-competências”. Cada um pode ser objeto de uma análise que permite determinar o teor das sessões de aprendizagem. Uma lista de especificação descreve o que se pode aprender face ao contacto de uma língua estrangeira europeia como por exemplo os (conteúdos), (conhecimento) e (capacidades) linguística.

Com vista ao enquadramento da temática concernente ao “**Desenvolvimento da Linguagem**” iremos identificar e classificar as componentes da competência linguística segundo o instrumento orientador já referido anteriormente, o **QECR**. Identifica-se nesta lista as seguintes competências:

- **Competência lexical;**
- **Competência gramatical;**
- **Competência semântica;**
- **Competência fonológica;**
- **Competência ortográfica;**
- **Competência ortoépica.**

Fonte: Conselho da Europa: Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, Porto, ASA Editores, 2001 no dia 07 de março de 2013

No intuito de clarificar os componentes linguísticos será feito uma abordagem individual de cada um deles, clarificando sua importância na aquisição do **PLE**.

Destaca-se na mesma ordem de apresentação:

1. **Competência lexical** - que se expressa na utilização de expressões bem elaboradas ou no uso de palavras isoladas, por outro lado, “consiste no conhecimento e na capacidade de utilizar o vocabulário de uma língua e compreende elementos lexicais e gramaticais” (QECR, 2001:159);
2. **Competência gramatical** - na habilidade de classificar segundo as classes de palavras e na habilidade de produzir frases formadas de acordo com os princípios da gramática que

rege a língua. Abarca a especificação dos elementos, das categorias, das classes, das estruturas e processos e a próprias relações;

3. **Competência semântica** - que se traduz na capacidade de produzir com sentido respeitando a forma, algo que é tratado com consciência e que o aprendente detém na organização do significado conforme e citado (QECR, 2001:165) na citação seguinte: “da consciência e do controlo que o aprendente possui sobre a organização do significado”;
4. **Competência fonológica** - baseado na capacidade de perceber, reconhecer, discriminar as unidades sonoras da língua (fonemas) e de as reproduzir e produzi-las em contextos específicos. Por outro lado, na capacidade de produzir variantes ou realizações fonéticas de um fonema sendo conhecido por alofones;
5. **Competência ortográfica** - na capacidade de reconhecer e produzir diferentes tipos de escrita respeitando de forma correta todas a palavras, e sua pontuação e as convenções tipográficas tendo por base os sistemas alfabéticos;
6. **Competência ortoépica** – na capacidade e pronunciar corretamente palavras inéditas e resolver ambiguidades aplicando assim, um conhecimento prévio das convenções ortográficas, em diversas situações insólitas.

Para além das referidas anteriormente, o **QECR** faz alusão a outras competências, que não deixam de ter sua importância no contexto da aquisição da linguagem de línguas estrangeiras que valerá a pena aqui mencionar, por exemplo:

Competência sociolinguística – na capacidade do aprendente saber lidar com situação social em que deve ser detentor de determinados conhecimentos culturais do contexto

situacional. Na maioria dos casos, deve-se ter em conta as regras de delicadeza, as expressões populares, os dialetos e sotaques distintos, as próprias diferenças de registo e culturais;

Competência pragmática - quando se trata da realização dos atos de fala concernente ao ambiente decorrido do discurso. Ao aprender uma língua estrangeira, é provável que o aprendente comece com pequenas intervenções, normalmente com a pronúncia de palavras isoladas e posteriormente na extensão de uma única frase;

Competência funcional - no que diz respeito à capacidade de reconhecer e produzir enunciados e textos escritos na comunicação para fins funcionais específicos por exemplo relativamente (questões, argumentação, dar/receber conselho...).

Além disso, o instrumento **QECR** menciona a vital importância da competência da comunicação, para atingir competência linguística, importa destacar os elementos visíveis na competência da comunicação: receção, produção e interação quando: *“A comunicação é parte integrante das tarefas, envolvendo-se os participantes na interacção, na produção, na receção ou na mediação, ou combinando duas ou mais destas actividades...”*

Assim como defende Maurais (1987:507), sem um conhecimento apropriado da língua oficial, administrativo ou nacional, será talvez difícil, a um indivíduo aceder ao poder, de participar na vida política, de esperar obter um nível de educação superior ou de obter um emprego almejado e satisfatório. Na realidade, um conhecimento muito reduzido de uma língua pode privar um indivíduo de concorrer a certos concursos públicos, impedido de participar em pleno na via social, económica e política de uma coletividade.

Em conclusão, resume-se que é preciso um grande investimento pessoal por parte dos aprendentes de **PLE**, isto é, um empreendimento total na tentativa de atingir a competência linguística, englobando todas as competências mencionadas em detalhe anteriormente.

Brito considera que as *“as TIC permitem leituras variadas, pelo que alfabetizar hoje é muito mais que saber apenas ler e escrever; é sobretudo interpretar os vários tipos de informação disponibilizada pelas tecnologias. Lê-se hoje por várias razões, havendo necessidade de se cruzar a informação a que temos acesso”* Fonte: www.esse.ips.pt/nonio/esp_aberto/santiago.doc, pág 1.

Nesse caso, a exigência de dominar tais competências, podendo ser articulado em paralelo, com a cooperação dos meios virtuais, das TIC e dos elementos de Multimédia mencionados, de forma a permitirem, ao indivíduo, o desenvolvimento de uma personalidade mais rica e complexa, por consequência proporcionará uma maior capacidade de aprendizagem linguística e também uma maior abertura a novas experiências culturais.

2.2.7. Violação das Normas Europeias e do QECR

Em Portugal, no 2009 foram feitas grandes alterações na aprovação da publicação, com a Portaria n.º914/2009, divulga-se o seguinte documento, o Quadro de Referência para o Ensino Português no Estrangeiro, o já referido **Quarepe**, publicado pelo Ministério da Educação e Ciência. Atualmente está em vigor as provas de certificação com dez níveis de progressão linguística, abolindo o nível C2 do utilizador proficiente. Contrariamente ao anterior **QECR** que possuía apenas 6 níveis. Como justificação em ponderação nesta investigação temos a expressão:

“Por essa razão, cada um dos cinco níveis acima indicados pode ser dividido em dois subníveis (A1.1. e A1.2, A2.1 e A2.2, B1.1 e B.1.2, B2.1 e B2.2, C1.1 e C1.2), começando no nível de iniciação, até ao nível avançado. Esta divisão compreende uma perspetiva de flexibilidade, transparência e coerência, que decorre da identificação de competências a trabalhar, e escolha de conteúdos adequados às necessidades comunicativas dos aprendentes ... Fonte:<http://www.instituto-camoes.pt/epe-inscricoes/progressao-linguistica>

PÚBLICOS	ANO ESCOLAR	N.º MÍNIMO DE HORAS POR ANO ESCOLAR	NÍVEIS DE CERTIFICAÇÃO
6 - 10 anos 1.º ciclo	1.º	60	A1.1
	2.º	60	A1.2
	120		
	3.º	60	A2.1
	4.º	60	A2.2
	240		
	5.º	60	
	6.º	60	
	7.º	60	B1.1
	8.º	60	B1.2
11 - 14 anos 2.º ciclo	9.º	60	
	540		
	10.º	60	B2.1
	11.º	60	B2.2
15 - 18 anos Secundário	12.º/13.º	60/60	C1.1
	720		C1.2

Figura 14 – Ensino do Português no Estrangeiro

Como se pode constatar nas divergências desse documento face ao **QEQR**, a certificação dos cursos em **PLE** contraria o protocolo delineado inicialmente, podem estar de acordo com as “*normas internacionais*”, **mas violam em parte as normas europeias, quanto aos níveis de certificação e na aplicação de propinas aos encarregados de educação.**

Mudando de sujeito, de uma forma resumida também houve alterações na capacidade de financiamento dos referidos cursos, quanto à aplicação de propinas. Apenas convém mencionar que não incentiva a difusão da língua portuguesa conforme a informação dada pela Rede de Educação Pré-Escolar, Ensino Básico e Secundário do **PLE** na Europa, de acordo com a argumentação do debate do parlamento de Portugal em 2012, especificando algumas características da atual política de língua implementada na Europa com base na lei aprovada no Decreto-Lei n.º 234/2012.

“...à recente decisão do Governo de passar, pela primeira vez, a cobrar uma propina pela frequência dos cursos de Português no Estrangeiro. Esta decisão gerou um amplo descontentamento nas comunidades portuguesas. ..., é nossa convicção que o Ensino do Português no Estrangeiro se deve manter gratuito, como forma de promover o uso e difusão da Língua Portuguesa e contribuir para a manutenção e reforço da ligação entre as Comunidades Portuguesas e Portugal.” **Fonte: Apreciação Parlamentar n.º 42/XII (2.ª) do Decreto Lei N.º 234/2012**

Apesar de ter sido promulgado a lei por este Governo vigente, tais medidas contrariam com efeito a Constituição da República Portuguesa, quando estabelece como tarefa fundamental do Estado assegurar aos filhos dos emigrantes o ensino da Língua Portuguesa (artigo 74.º), bem como defender o uso e a promoção internacional da Língua (artigo 9.º) em condições de igualdade e não discriminação (artigo 13.º) **Fonte:DL n.º 234/2012 do Diário República n.º 210, de 30/10/12**

Com todas as agravantes mencionadas anteriormente, com a possível integração do sistema de ensino-aprendizagem do **PLE** por via **E-learning** poderemos estar perante um cenário crítico, tanto para os encarregados de educação como para os aprendentes da língua portuguesa, na Europa. Em busca de respostas, quanto ao desejo de aprendizagem via **E-learning** do **PLE**, se fará este estudo apresentado mais adiante, no capítulo da «Abordagem Metodológica».

Mas por outro lado, temos medidas positivas por parte do Ministério de Educação em Portugal, no desenvolvimento da competência comunicativa, que tiveram um impacto enorme na alteração ensino do **PLE** no estrangeiro. Vejamos alguns exemplos dessas medidas, no tópico seguinte, com vista a elucidar que determinadas ações da política de língua, podem fazer toda a diferença, no êxito da difusão de uma língua.

2.2.8. Diretrizes do Ministério de Educação no desenvolvimento da competência comunicativa

Algumas medidas têm sido tomadas pelo Ministério de Educação em relação ao ensino do **PLE**, no entanto o resultado obtido em Junho de 2005, veio ser positivo na criação de um documento orientador no **PLNM**, no currículo Nacional no estabelecimento do programa adequado aos aprendentes que até então, não tinham acesso às aulas de **PLE**.

De acordo com o documento, saber uma língua implica dispor de um conjunto de competências (gramatical, discursiva, sociolinguística e estratégica) que constituem a competência comunicativa e que permitem a um falante compreender e produzir enunciados nessa língua.

Contudo, aprender uma língua materna é um processo natural que se inicia logo que nascemos e na qual estamos aptos na sua aquisição naturalmente conforme defende a autora (Sim-Sim,1998). Uma competência que começa por volta dos seis meses, em começamos a produzir os primeiros sons e, aproximadamente com cinco anos, já se dispõe de um vocabulário essencial na conversação. As crianças processam o *input*, ou seja, o material linguístico a que estão expostas, segmentam-no, associam sequências fónicas a significados, e vão armazenando informação que lhes permite ir-se apropriando da gramática adulta.

Ao depararmos com a necessidade da aquisição de **L2** do **PLE**, as dificuldades aumentam gradualmente e temos que contar com vários fatores que fazem toda a diferença tais como (motivação, idade, personalidade, aptidão linguísticas, capacidade cognitiva, etc), até construir uma competência comunicativa suficiente para um aluno ter capacidade de compreender e produzir enunciados nessa língua.

A sociolinguística veio focar que a língua é um fenómeno social e não apenas mental. Nesta perspetiva que Hymes (1971, 1972), reagindo à ‘competência linguística’ de Chomsky,

insistiu na adequação do uso da língua à situação comunicativa e desenvolveu a ideia de “competência comunicativa”, salientando que “há regras de uso sem as quais as regras de gramática seriam inúteis” (1971: 10). Para Hymes, a sintaxe e as formas da língua são usadas em situações concretas de comunicação e integradas em contextos. A competência comunicativa revela-se assim uma das competências fundamentais na aprendizagem de uma **PLE**, em conjunto com auxílio das ferramentas de multimédia ao dispor visando assim um ensino completo e eficiente.

Neste enorme potencial, temos a Internet que constitui uma ferramenta formidável, a utilizar na aprendizagem de línguas. Como afirma Vogel, (2001: 141) “The Web serves as a platform for communication exchanges between learners and native speakers or between different groups of learners in different countries.”

Assim, se o grau de imersão na sociedade ou em família, não for suficiente para estes aprendentes por falta de integração em grupos falantes do português **L2** ou o ensino tradicional do **PLE**, não contempla a região da localização geográfica da residência do aprendente, teremos como alternativa o uso da ferramenta **E-learning**.

Mas será esta capaz de criar uma comunidade virtual viável e motivante é necessário uma grande variedade de estratégias de interação, e ter objetivos claros, energia e motivação? A Internet poderá contribuir ao desenvolvimento da competência comunicativa, criando situações reais de comunicação que sejam inovadoras e possam surpreender e estimular os aprendentes?

Nessa lógica de ideologia, mencionaremos aspetos fundamentais que estão inseridos no “Desenvolvimento da Linguagem”, de qualquer aprendente de um idioma estrangeiro, a ter em consideração sendo abordado no tópico a seguir.

2.3. DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

“Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de palavrar.

As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas.”

Fernando Pessoa (1995:140)

A abordagem à questão da Política da Língua Portuguesa (**PLP**), no estrangeiro, associada às ferramentas de comunicação em **TIC**, sem referir a importância de uma estratégia bem definida, das ações necessárias ao sucesso do Desenvolvimento da Linguagem dos aprendentes, poria em causa todo o processo de aquisição do **PLE**.

A questão fulcral que se questiona neste tópico, está diretamente relacionado com os componentes linguísticos do **Desenvolvimento da Linguagem**, na medida que poderão ficar comprometidos aquando se desenvolve um processo de ensino-aprendizagem do **PLE** virtual.

2.3.1. Componentes linguísticos do Desenvolvimento da Linguagem

Com base na leitura do livro publicado pela autora (Sim-Sim:1998) poderemos descrever uma lista de componentes presentes no processo de aquisição do Desenvolvimento da Linguagem que farão todo sentido serem analisados nesta investigação.

- **Componente fonológica** – dos sons às palavras
- **Componente lexical e semântica** – dos conceitos e das palavras
- **Componente sintática** – das palavras às frases
- **Componente pragmática** – linguagem em contexto

Curiosamente, existe porém uma certa analogia, entre alguns componentes e as competências discriminadas anteriormente no instrumento **QEQR**. Sem aprofundar cada um deles ao detalhe, será feito uma abordagem ligeira no intuito de relacionar com o sistema de ensino via **E-learning**.

2.3.2. Componente fonológica – dos sons às palavras

Desde o nascimento do aprendente, até ao momento de mestria linguística de uma determinada língua, decorre um processo lento e trabalhoso, na medida em que a aquisição da linguagem é um fenómeno muito complexo que incorpora vários níveis do sistema de linguagem, quanto mais se trata de uma aquisição de uma língua estrangeira em que o contacto com o idioma é casual.

Quando as crianças adquirem um idioma, elas precisam de aprender a distinguir os sons dessa língua uns dos outros e a produzir estes sons apropriadamente, referimo-nos ao **sistema fonológico**. Em relação aos diferentes tipos de conhecimento, o fonológico é bastante importante na aquisição da linguagem, pois envolve a capacidade de perceber, discriminar, manipular e emitir os sons da fala.

De acordo com Sim-Sim (1998:225), a consciência fonológica é um conhecimento que permite, analisar e reconhecer, de forma consciente, as unidades de som de uma determinada língua, tal como as regras de distribuição e sequência do sistema de sons de uma língua. Na realidade, é uma habilidade que o aprendente é solicitado a subtrair um ou mais sons de uma palavra, inverter a ordem dos sons de uma palavra ou aglutinar sons apresentados isoladamente para formá-la.

Consolidando com esta ideia, a mesma autora defende que se constata uma sensibilidade às regras fonológicas da língua, inicia-se precocemente e que o gosto por rimas e jogos de palavras são indicadores de um conhecimento das regras fonológicas ultrapassando assim, o mero uso com fins comunicacionais. Em suma, conclui-se que a discriminação auditiva e a articulação de sons são contempladas num ambiente com interação constante entre o aprendente e o professor, podendo ser efetuado num ambiente presencial ou por modalidade via **E-learning** com recurso às ferramentas tipo videoconferência.

Neste sentido, vários autores mencionam a importância de decodificar as palavras, sendo um processo de identificação da forma ortográfica mas também da atribuição de uma pronúncia tal como descreve o autor (Citoler et al, 1996 citado por Rodrigues, 2011: 80) na seguinte expressão:

“Na leitura e na sua aprendizagem estão assim estreitamente implicadas duas grandes funções: a decodificação (reconhecimento e identificação de palavras) e a compreensão da informação escrita” (Citoler et al, 1996)

Parece pois, inegável que após uma clarificação da temática fonológica em que se verifica nesta investigação que a componente fonológica é inseparável da prática da leitura da linguagem escrita. O desenvolvimento da componente fonológica, requer uma consciência de que a língua falada se segmenta em unidades distintas, ou seja, a frase segmenta-se em palavras, por sua vez esta segmenta-se em sílabas, e posteriormente em fonemas e quanto melhor esta habilidade for trabalhada, mais bem-sucedido será o processo de compreender a língua. Se o aprendiz, não desenvolver esta componente fonológica, de modo a ser capaz de separar e categorizar os diversos sons, pode eventualmente mais tarde revelar problemas na escrita mais precisamente, a nível da ortografia.

Por fim, poderemos tirar algumas conclusões relativamente ao ensino exclusivo via **e-learning**, em contraste com a aprendizagem-ensino tradicional, em que a informação linguística, o (*input linguístico*) não chega ao ouvido do aprendiz na forma de discurso contínuo, mas sim, em forma de palavras isoladas, cuja musicalidade da fala é essencial no processo do conhecimento da língua. Como já referimos anteriormente, com exceção provavelmente, das aulas mediadas por videoconferência, por exemplo, por meio do Skype, do MSN, etc. Em suma, é um processo com possibilidade de omissões e em certa medida ineficaz quanto à transmissão do **PLE**, na capacidade de transmissão de todos os componentes exigidos e mencionados anteriormente.

2.3.3. Componente lexical e semântica – dos conceitos e das palavras

Numa perspectiva mais estritamente linguística, Sim-Sim (1998:109) considera que o desenvolvimento lexical é iniciado antes da produção das primeiras palavras, sendo um processo contínuo e que se prolonga por toda a vida do sujeito e cujo efeito se reflete nas interações sociais e nas aquisições escolares, no caso particular da compreensão da leitura. O desenvolvimento lexical contempla aquisição de novos vocábulos e significados e também pelo estabelecimento da rede de relação entre eles.

Esta autora reforça ainda, a ideia de que o papel do professor pedagogicamente é reduzir as diferenças sentidas nas assimetrias sociais, dos aprendentes e assim estimular o desenvolvimento lexical promovendo assim um ensino adequado a todos os públicos.

Por outro lado, a mesma autora afirma que “*conhecer uma palavra é reconhecer em simultâneo uma sequência de sons e seu significado particular.*” Sim-Sim (1998:110) Assim sendo, os rótulos lexicais são etiquetas que colamos aos conceitos associados, qualquer aprendente do **PLE**, será tanto mais rico quanto mais amplo e variado for o conhecimento desses rótulos.

Relativamente à componente lexical, importa incluir que atingimos o conhecimento de uma palavra pelo uso da palavra em contexto, a precisão lexical e sua abrangência são fortemente influenciadas pelo contexto vivencial do aprendente. Caso o aprendente de **PLE** pretenda aprender uma nova palavra, precisará de associar uma sequência fónica representando um significado específico. Portanto, o significado indicado pelo conjunto de sons expressa um conceito na mente do aprendente.

Quando se trata da aquisição de uma língua estrangeira, dá-se ênfase ao desenvolvimento da componente lexical, com vista a adquirir um vasto conhecimento sobre o

sistema da língua, na medida em que requer uma compreensão do seu modo de funcionamento. Assim sendo a aquisição da componente lexical focaliza os conhecimentos relativos à forma e ao significado da palavra, na qual o aprendente terá adquirido o conhecimento a nível lexical e for capaz de reconhecer, pronunciar, escrever e conhecer seus usos, saber estabelecer suas relações semânticas ao usar corretamente no contexto situacional.

Não obstante, diversos teóricos, entre os quais destacamos Cruse (2004:238) em oposição, afirma que a “...a palavra é usada de diferentes formas e com diversos significados”. Acontece com alguma raridade, a evidência que por vezes numa língua, uma mesma palavra pode-se aplicar a diferentes objetos distintos, e conseqüentemente atribuição de significado diferentes, como no exemplo a seguir demonstrado, as designadas palavras homógrafas:

- Ele apagou o fogo com uma **mangueira**.

- Ele colheu uma manga que estava no alto da **mangueira**.

Nesse sentido, devemos sempre considerar o contexto do ensino do **PLE** via **E - learning**, visando a cultura e tradições em que tal é transmitida, tal como refere Sim-Sim (1998:123) “...só a repetição da palavra em contextos diferentes permite o aperfeiçoamento do significado”. Imaginemos no caso de expressarmos a palavra “Cara” no Brasil e em Portugal, têm sentidos óbvios diferentes.

Como a mesma autora refere “*Atingimos o conhecimento de uma palavra pelo uso da palavra em contexto, o que significa que a amplitude e precisão lexical são fortemente influenciados pelo contexto vivencial do sujeito*” Sim-Sim (1998:124)

Far-se-á deste modo, uma referência ao componente semântico, sendo este o responsável do estudo do significado das palavras. Faria et al (2005:37) refere que o termo semântico deve ser entendido numa grande variedade de questões relacionadas com o significado. Aprender e saber uma língua implica conhecer os significados acordados de determinadas cadeias de sons, sabendo combinar estas unidades noutras mais vastas, também elas portadoras de significados.

De facto, conhecer o significado das palavras é importante, pois só assim o aprendiz será capaz de seleccionar a palavra certa para construir a sua mensagem. Daí se torna vital, como refere a autora Sim-Sim (1998:111) definir a categorização do conceito de acordo com os atributos e as propriedades que fazem diferenciar a facilidade de aquisição do conceito.

Tal como referiu a mesma autora, no “... *processo de categorização agrupamos entidades que, de algum modo, são similares, diferenciando-as de outras.*”

Finalmente, o léxico e a semântica carecem ser retidos como as habilidades discursivas, também precisará ser adquirido lentamente num ambiente propício em que as interações sociais e as aquisições escolares estimulam corretamente à aquisição do **PLE**, isto é, em que o aluno interioriza progressivamente a língua e constrói um pensamento consciente acerca do povo que fala essa língua. Neste caso concreto, no ensino via **E-learning**, essa competência linguística, poderá ser comprometida na presença de um discurso escasso e, na maioria das vezes, articulando apenas palavras isoladas, num ambiente empobrecido em que a aquisição lexical é restringida.

2.3.4. Componente sintática – das palavras às frases

A escrita e a leitura não são adquiridas de forma natural, instintivamente, pois a escola assume um papel fulcral neste processo de obtenção de saberes.

Ao conceito de **competência sintática** está claramente associado ao domínio regras e padrões que definem as condições de organização e combinação de palavras de modo a formarem frase como defende a autora Sim-Sim (1998:145)

Na realidade, o aprendente ao crescer linguisticamente não se apropria unicamente dos itens lexicais, mas adquire simultaneamente as regras que permite combinar esses itens em cadeias fráicas.

Além disso, elas adquirem a inflexão e regras de formação destas palavras (sistema morfológico) e também as regularidades de sua sintaxe.

Quanto ao processo de aquisição morfológica a mesma autora defende que aquisição da linguagem é uma apropriação de um sistema regulado por regras e nunca uma aprendizagem memorizada de itens lexicais flexionados. Erros comuns frequentes nos aprendentes de **PLE** são visíveis quando são cometidos erros de “*sobregeneralização*”, em situações semelhantes apresentadas no exemplo seguinte: “*cãos, fazi e funis...*” referenciados em Sim-Sim (1998:158).

Como explicar sucintamente tal ocorrência, na medida que tais formas nunca foram ouvidas pelo aprendente, o que nos leva a crer que é importante a extração de regras mediante o contexto da linguagem apresentado.

Conclui-se, que inicialmente o aprendente começa a compreender e a produzir palavras isoladas, e posteriormente na sua evolução organiza frases com estruturas mais complexas dependente do “*input linguístico*” proporcionado.

Por fim, analisa-se à luz desta investigação, que o domínio das regras sintáticas do **PLE**, não está completamente atingido quando começam as aulas presenciais com professor, pois são até mesmo muitos limiares, por vezes só terão as noções com ajuda dos professores e assim apresentam as dificuldades sentidas, favorecendo-se sempre um ambiente de interação que facilite as aquisições em marcha.

Numa perspetiva diferente, mas complementar, num ambiente totalmente virtual apenas com acesso a meios audiovisuais, criados na aprendizagem de **PLE**, a existência de lacunas linguísticas estarão presentes mais frequentemente e o tempo de aquisição poderá ser mais lento, isto é, o domínio implícito dessas regras manifestam-se quando falamos ou interpretamos o que ouvimos anteriormente, sendo a partir daí que se materializa o conhecimento sintático.

Tal como defende o autor Serra et al. (2005:11), *“O domínio da linguagem escrita é uma ferramenta fundamental aos seres humanos, pois é por ela que se alcança a cultura, os conhecimentos e as técnicas do nosso mundo complexo e preponderantemente tecnológico”*.

De uma forma sintética, poder-se-á afirmar que as dificuldades da linguagem escrita não se restringe à utilização e compreensão da linguagem por si só, pois baseia-se “...na codificação fonológica (fonética verbal) que os faz fracassar na soletração, leitura e escrita, isto é, quando têm de transformar letras ou palavras num código verbal” (Serra et Al. 2005:12).

Dessa forma, o que na maioria das vezes acontece, nas aulas de **PLE** via **E-learning**, é uma escassez dos meios possíveis de conversação diretamente com o tutor/professor e, por sua vez, não se verifica uma materialização evidente dessa aquisição sintática, em contraste com o ensino tradicional que se torna rico e favorecendo a sua aplicação no quotidiano.

Porque de facto, a mestria do domínio das regras sintáticas são adquiridas com a ajuda dos professores/tutores, pois compreendem melhor as dificuldades colocadas pelos aprendentes no momento exato da realização de exercícios cuja interação é primordial neste processo.

De acordo com a ideia da autora em Sim-Sim (1998:147) em que defende o domínio do **componente sintático** “*manifesta-se pela adesão automática a tais regras quando falamos ou interpretamos o que ouvimos, sendo por isso a materialização do conhecimento sintático do falante.*”

O que nos leva a interpretar que tal domínio depende, obviamente, da frequência de ocorrência das referidas estruturas no meio linguístico em que o aprendente interage com seu professor/tutor.

Neste sentido, semelhantemente Leiria defende (2001:132) que para se saber uma palavra, é necessário aprender a sua pronúncia e grafia; a sua flexão; as propriedades sintáticas; as propriedades semânticas e as suas relações sintagmáticas e paradigmáticas.

Tal situação não se contempla no universo exclusivamente via **E-learning**, como foi referido anteriormente, nesse sentido alertamos ao facto dessa problemática da aquisição **competência sintática**, sendo necessário uma reconstrução dinâmica de representações do mundo através de estratégias de reprodução e propriedades sintáticas a reter.

2.3.5. Componente pragmática – linguagem em contexto

O domínio duma língua não implica apenas ter conhecimento das regras estruturais subjacentes, pois a forma como é dito poderá dar um significado distinto na interpretação do aprendente em relação ao contexto social dos intervenientes. É precisamente do que trata a componente pragmática, o que dizemos, a quem o dizemos e como o dizemos varia obviamente de acordo com as circunstâncias presentes.

Posto isto, a componente pragmática da linguagem privilegia o modo como se verificam, na vida real, os intercâmbios linguísticos e comunicativos. Nesta componente, há, no entanto, que ter em conta alguns fatores inerentes às regras de conversação, organização, iniciativas comunicativas, manter a conversação, aprender “a tomar e dar a vez”, a responder apropriadamente no momento mais adequado.

Para Morris a pragmática consiste no estudo da *“relação dos signos com os interpretadores...”* ou seja, o estudo da origem, utilização e efeitos dos signos no interior do comportamento em que ocorrem. (Morris, 1946 citado Lyons, 1977, pág.99)

Já para Sequeira, a pragmática diz respeito *“...ao uso funcional dos recursos linguísticos (valores enunciativos dos actos verbais e dos seus efeitos no interlocutor) bem como ao domínio do discurso, da coesão e da coerência, à identificação de tipos e formas de texto, à ironia e à paródia.”* (Sequeira, 2007:15)

Num prisma linguístico afirma Sim-Sim (1998:189) que se *“...trata de um estudo do uso da língua em contexto social em que apropriação das regras do uso da língua é a base da competência comunicativa e o processo a ela conducente é gradual e progressivo.”*

Esta competência é dividida, segundo o Quadro Europeu (QECR), em competência discursiva, funcional e de conceção. Todas envolvem o conhecimento do utilizador aprendente dos princípios segundo os quais as mensagens são:

- a) Organizadas, estruturadas e adaptadas (**competência pragmática discursiva**);
- b) Utilizadas para a realização de funções comunicativas (**competência pragmática funcional**);
- c) Sequenciadas de acordo com os esquemas interacionais e transacionais (**competência pragmática de conceção**)

Como refere o QECR (2001:35) sublinha que *“As competências pragmáticas dizem respeito ao uso funcional dos recursos linguísticos (produção de funções linguísticas, actos de fala) e criam um argumento ou um guião de trocas interacionais. Diz também respeito ao domínio do discurso, da coesão e da coerência, à identificação de tipos e formas de texto, à ironia e à paródia. ...no forte impacto das interações e dos ambientes culturais nos quais estas capacidades são construídas.”*

Em conclusão, no ensino via **E-learning**, na maioria das vezes, a componente pragmática é deixada de lado, durante o processo de aprendizagem-ensino existe um impacto reduzido de interações e de ambientes culturais propícios à aquisição dessa capacidade que o aprendente deverá reter, em contraste, temos o ensino tradicional que sendo enriquecido dos aspetos anteriores focados, tornando essa aquisição do **PLE**, mais propenso no desenvolvimento da linguagem de uma língua estrangeira.

2.3.6. Análise dos componentes presentes no ensino via E-learning

Questão essencial na investigação: **Será que o ensino via E-learning contempla essas habilidades abrangendo os vários níveis do sistema de linguagem?**

Na perspectiva da linguística (Sim-Sim,1998:259) “...a linguagem adquire-se e desenvolve-se através de processos de interação com os falantes da língua usada em contexto social em que se cresce”.

Em suma, a aquisição da linguagem é consequência da nossa herança genética, a apreensão de uma língua é o reflexo do meio em que nos desenvolvemos.

Efetivamente, podemos considerar o processo de interação entre intervenientes fundamental na evolução do aprendente, situação essa contemplada no ensino tradicional, em que o professor mediatiza todo o processo de ensino-aprendizagem face a face, na presença de dúvidas acerca da matéria lecionada, será possível esclarecer/resolver de imediato as lacunas linguísticas. Por outro lado, não se contempla uma interação eficaz no ensino via **E-learning**, com exceção das aulas proporcionadas via Skype ou MSN, tipo videoconferência em que ambos intervenientes interagem positivamente, simultaneamente, na qual o aprendente poderá expor suas dúvidas tal e qual como numa aula presencial e o professor dar explicações aprofundadas da matéria a lecionar.

De igual modo, no mundo da escrita não se contemplam os gestos e expressões faciais apesar de desempenhar um papel importante na aquisição da linguagem durante o processo de aquisição via **E-learning**. As crianças precisam de adquirir todas essas habilidades para que em cada caso, eles podem ser usados para receção de idioma e sua produção com êxito.

Urge, portanto a indispensabilidade da realização, de uma avaliação individual de cada aprendiz que apresenta dificuldades em determinado componente linguístico, permitindo determinar as competências que devem ser treinadas com mais intensidade para garantir a eficácia do ensino via **E-learning**. Para tal, é fundamental que os professores possuem formação específica, possam estar habilitados a responder de forma adequado e eficaz às dificuldades sentidas dos aprendentes de uma língua estrangeira.

Em síntese, o processo da apreensão do **PLNM** não ocorre rapidamente e muito menos sem esforço, sem as referidas aulas presenciais que ocorrem na rede escolar do **PLE**, ao contrário, por via **E-learning** parece-nos evidente “...a informação linguística (input linguístico) não chega ao ouvinte na forma de palavras isoladas, mas sim em discurso contínuo, o que implica a organização em frases, envolvidas pela musicalidade da fala” (Sim-Sim:1998,98).

Em reflexão, deduzimos se não existe tal musicalidade da fala, não se processa o conhecimento da língua. Nesse aspeto, reformamos a importância de ser possível integrar meios orais, em cada sessão, como anteriormente referimos, como se trata-se de uma aula perfeitamente normal em que a única diferença é o facto da separação física e geográfica. Ora, tal competência para comunicar verbalmente e por escrito, exige a capacidade não só para produzir e compreender corretamente enunciados linguísticos, como para o fazer de forma adequada ao contexto cultural em causa.

Com o presente estudo, verificamos que existe uma inter-relação entre todos os componentes mencionados anteriormente, isto é, são saberes que se cruzam entre si e dependem uns dos outros apesar de possuírem funções distintas, estão intimamente ligados e fundamentais no crescimento do saber linguístico de um aprendiz.

Na sequência da consciência de que todos os componentes são fundamentais na aquisição do PLE, devendo ser retido num discurso contínuo, organizado na mente do aprendente na construção de um saber como um todo.

No âmbito da aquisição do **PLE** via **E-learning** tais componentes devem ser cuidadosamente adquiridos, tirando partido das **TIC**, conforme expressa um estudo sobre o Conhecimento da Língua, da investigadora Inês Duarte relativamente à eventualidade do uso dos recursos tecnológicos. *“Com recurso progressivo a enciclopédias infantis, dicionários e prontuários, em papel ou eletrónicos, bem como ao corretor ortográfico, deve também ser encorajado, a partir do momento em que as crianças já automatizaram o processo de decifração.”* (Duarte:2011,26).

CAPÍTULO III

CAPÍTULO III- METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

3.1.Abordagem Metodológica

“Uma metodologia completa constitui-se por uma abordagem organizada para atingir um objetivo, através de passos preestabelecidos.”

Resende, 2001

Neste capítulo apresentamos a problemática do estudo, os objetivos do estudo de investigação, a fase de recolha e análise dos dados mencionando a estratégia empregue, a natureza dos dados que se pretende recolher, as fontes e os instrumentos utilizados para o efeito.

A ciência desenvolve-se a partir de projetos de investigação que começam por ser teorias implícitas, ou seja, ideias provenientes do próprio investigador que posteriormente, após um processo de investigação metuculoso, bem delineado, apura respostas concretas, minuciosas e concisas que se traduzem em dados empíricos verificáveis. Segundo Quivy & Campenhoudt (2008, p.25) define o processo científico como “ o facto científico é conquistado, construído e verificado”, ou seja construído sobre os preconceitos, construído pela razão e verificado pelos factos.

O problema que motivou o desenvolvimento desta investigação foi formalizado na questão: *Quais são as expectativas dos aprendentes na difusão do E-learning na Política de Língua do Ensino do Português no Estrangeiro?*

As contribuições teóricas e práticas sugeridas pelo trabalho de pesquisa podem ser descritas como resultados atingidos nos objetivos apresentados mais a frente.

3.2. Materiais e Métodos

A metodologia pressupõe um conjunto de etapas a seguir num trabalho científico com o objetivo de obter e analisar as características dos vários métodos indispensáveis, suas capacidades, suas potencialidades, suas limitações ou distorções. Para além, de ser uma explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exata de toda ação desenvolvida no método ou caminho do trabalho de investigação.

Especificação da “metodologia da pesquisa é a que abrange maior número de itens, pois responde, a um só tempo, às questões como? com quê? onde? quando?”. Os métodos “constituem etapas mais concretas da investigação, com finalidades mais restrita em termos de explicação geral dos fenómenos menos abstratos. Pressupõe uma atitude concreta em relação ao fenómeno e estão limitadas a um domínio particular” (Marconi, 2001, 105 e 106).

Neste capítulo destinado aos Materiais e Métodos, inicia-se com a apresentação do tipo de estudo no primeiro subcapítulo, seguido da apresentação dos objetivos de investigação e das questões de investigação e das hipóteses que advém dos objetivos apresentados. De seguida é apresentada a população e amostra bem como as considerações metodológicas sobre a população e amostra em estudo.

Posteriormente é descrito os instrumentos de recolha de dados, assim como, os seus itens e as variáveis que o constituem. Termina-se com a explanação da discussão de resultados, fruto de longo trabalho de investigação e da caracterização da tipologia de análise estatística aplicada à investigação.

Em síntese, numa primeira etapa da investigação, far-se-á uma análise a alguns estudos empíricos em torno da temática **E-learning** no ensino de **LE**.

Após a realização de uma pesquisa bibliográfica e de dados disponíveis em sítios na internet, e por meio de fontes jurídicas, recorreu-se à metodologia da investigação simultaneamente de carácter qualitativo e quantitativo.

A razão pela qual se optou pela aplicação de dois métodos, deve-se ao facto de ter-se interesse em analisar com mais clareza o objeto de estudo, sendo este de grande complexidade. A justificação dessa escolha assenta na perspetiva da opinião de Reichardt e Cook (1986), "afirmam que um investigador para melhor resolver um problema de pesquisa não tem que aderir rigidamente a um dos dois paradigmas, podendo mesmo escolher uma combinação de atributos pertencentes a cada um deles".

Foi possível usarmos a metodologia quantitativa, na recolha das questões fechadas, no questionário destinado aos aprendentes das aulas de PLNM. Porém, com vista a uma grande diversidade de opiniões apostou-se também na recolha respostas de forma espontânea e livremente, apresentou-se a possibilidade de deixar quatro respostas abertas, cuja metodologia é qualitativa.

Em suma, optou-se pelas duas metodologias em simultâneo, de forma a enriquecer e por forma a obter o maior número possível de respostas, para que as mesmas sejam as mais heterogéneas possíveis. A escolha do inquérito por questionário, teve como critério de seleção, principalmente pela rapidez da recolha e análise de dados e por ser mais acessível, pelo curto espaço de tempo para sua realização. Convém justificar a forma da conceção do referido questionário, teve-se em conta o público-alvo, daí se justifica ser um questionário com uma linguagem bastante simples e sintetizado, com vista a evitar o abandono a meio do preenchimento do mesmo.

3.3. Definição do objeto de estudo

Foi focado no presente estudo, a temática do uso da plataforma **E-learning** na aprendizagem do **PLE**, face às novas medidas da internacionalização da **LP** na Europa.

Trata-se duma pesquisa desenvolvida durante a fase da Dissertação do Mestrado Português Língua não Materna, da Universidade Aberta, que engloba inúmeras áreas transversais como Unidade Curricular «Política de Língua, Multilinguismo e Interculturalidade», «Metodologia da Investigação e das TIC Aplicadas ao PLNM» e o «Desenvolvimento da Linguagem», na qual se pretende identificar a opinião dos aprendentes e avaliar se futuramente haverá uma satisfatória adesão à plataforma do ensino via **E-learning**. Ao longo da investigação, criou-se uma expectativa, de se obter uma amostra significativa dos interessados, por parte da rede escolar, daqueles que frequentam ou já frequentaram o atual sistema escolar na Europa.

3.4. População e Amostra

A amostra é uma parte da população, sendo um subconjunto de elementos populacionais que representam o melhor possível a população que é alvo de investigação. De acordo com Fortin (2009), o plano de amostragem serve para descrever a estratégia a utilizar para seleccionar a amostra.

Com a pretensão de analisar a opinião dos aprendentes que frequentam o ensino do **PLE** (1º Ciclo, 2º Ciclo e 3º Ciclo), e assim determinar o funcionamento plataforma de **E-learning** face ao contraste do ensino presencial do **PLE**, no estrangeiro, aplicar-se-á um questionário enviado por via *e-mail* e também haverá ao dispor uma página de Internet com o referido questionário on-line. Numa idade compreendida entre os 6 anos até aos 20 anos; de ambos os sexos; participando voluntariamente na investigação e ter a capacidade de responder

de forma escrita ao instrumento de investigação com a colaboração da divulgação dos professores em aula.

Posteriormente aplicou-se o questionário utilizando outros meios de comunicação, pelo facto da participação dos professores ter sido reduzida. Optou-se também pela divulgação via *online*, com questionário disponível que será apresentada no seguinte link: <https://www.onlinepesquisa.com/s/779a2cb> na qual se revelou ser extremamente eficaz na obtenção de resultados esperados e previstos inicialmente pela orientação do Coordenador do Mestrado de (PLNM).

3.5.Pertinência e objetivos da investigação

A investigação em ciências humanísticas exige uma definição clara e concreta daquilo que se pretende investigar, aliado a um método de trabalho coerente e bem delineado, em que a criatividade e capacidade de adaptação do investigador devem estar sempre presentes.

Os objetivos da investigação devem ser elucidativos da finalidade do estudo, sendo através destes que são especificadas as variáveis – chave e a população-alvo.

Apresentam-se, seguidamente, os objetivos gerais e os objetivos específicos do questionário:

Objetivos gerais:

- Avaliar o grau de familiarização dos aprendentes com a Internet, bem como a sua utilização ou expectativas de utilização das mesmas no contexto educacional no âmbito da língua portuguesa no estrangeiro;
- Avaliar as perceções dos aprendentes face a um novo panorama de ensino na adesão à plataforma do **E-learning** por parte da rede escola face a intervenções futuras do **PLE** na Europa.

Os objetivos específicos desta investigação são os seguintes:

- Analisar as características sociodemográficas dos aprendentes que frequentam o 1º Ciclo, 2º Ciclo e 3º Ciclo;
- Analisar a tecnologia da linguagem como uma tecnologia facilitadora do conhecimento;
- Verificar se este meio de comunicação contribuirá numa aproximação das comunidades da língua portuguesa e fomenta a expansão do **PLE**?
- Verificar se o ensino de línguas por via **E-learning** será eficaz em todos os aspetos linguísticos: tanto a nível da consciência semântica, da consciência fonológica ou da consciência pragmática (fatores determinantes)?
- Estimar se o **PLE** é bem estruturado para implementar um sistema de ensino mediado somente pelo computador (fatores restritivos).
- Analisar a relação da qualidade do ensino **PLE** quando esta é apenas de uso exclusivo do acesso ao conhecimento por meio **E-learning**?

3.6. Formulação de hipóteses

As hipóteses assumem uma afirmação por parte do investigador indicando uma tentativa de predição ou solução para o problema ou questão inicial, apesar de poder assumir uma solução ou uma explicação provisória para o problema, as hipóteses são claramente uma suposição do investigador perante o problema.

Após o delinear de forma concisa dos objetivos inerentes a investigação, as questões de investigação tornam-se pertinentes no sentido de uma maior especificação dos objetivos do investigador na recolha da informação. Fortin (2009) define uma questão de investigação como sendo “uma pergunta explícita respeitante a um tema em estudo que se deseja examinar, tendo em vista desenvolver o conhecimento que existe”.

Este estudo tem como questões de investigação as seguintes hipóteses:

- Como contribui o **E-learning** na divulgação da LP na aproximação das comunidades da língua portuguesa?
- Será a tecnologia da linguagem uma tecnologia facilitadora do conhecimento?
- O ensino de línguas por via **E-learning** será eficaz em todos os aspetos linguísticos: tanto a nível da consciência semântica, da consciência fonológica ou da consciência pragmática?
- Haverá uma política de língua bem estruturada para implementar um sistema de ensino mediado somente pelo computador.
- A qualidade do ensino PLNM será posta em causa com o uso exclusivo do acesso ao conhecimento por meio **E-learning**?

3.7. Instrumentos de recolha de dados e sujeitos de investigação

O presente estudo irá se circunscrever ao universo dos aprendentes da Língua Portuguesa na Europa, será elaborado um questionário cuja maioria das perguntas serão fechadas conforme se verifica no (Anexo I).

Atendendo o escalão etário dos inquiridos, ao tempo disponível para a realização do estudo empírico e aos condicionalismos de tempo do próprio investigador, construiu-se um questionário com base em questões fechadas, com exceção de algumas questões abertas, sendo essenciais a sua aplicação na investigação, como forma de permitir de alguma maneira, a liberdade de expressão dos indivíduos em análise. Sempre que tal se verificou pertinente, foi ainda acrescentada uma questão aberta, por exemplo:

-“Porquê” ou “Por que razão” ou “Outro. Qual?”;

, a fim de contemplar itens não previstos, que refletissem a opinião objetiva dos aprendentes.

Com base no número oficial de inscritos que ronda os 14 000 aprendentes do **PLE**, conseguiu-se uma amostra significativa de **156 inquiridos** que frequentam ou já frequentaram recentemente o ensino na Europa.

O questionário aplicado aos **aprendentes** que frequentam o **1º Ciclo, 2º Ciclo e 3º Ciclo do PLE** divide-se em duas partes, a primeira parte recai sobre os dados sócio-demográficos tais como: a idade, o sexo e a escolaridade.

✓ **Elementos sociodemográficos dos aprendentes que frequentam o 1º Ciclo, 2º Ciclo e 3º Ciclo no ensino do PLE**

A segunda parte do questionário destina-se à recolha de informação relativamente as expetativas do funcionamento plataforma **E-learning** face ao contraste do ensino presencial do **PLE** na Europa, correspondentes descritas em baixo no tópico de “resultados” e consta no anexo (Anexo I).

De acordo com Fortin (2009), qualquer investigação origina questões morais e éticas pelo que é necessário proteger os direitos e a liberdade dos indivíduos que participam no estudo. A ética exerce um poder sobre a sociedade para proteger todos os indivíduos, mas principalmente aqueles que não se podem proteger a si mesmo. Os estudos de investigação conduzem a questões de ordem moral, daí a necessidade de salvaguardar os direitos e a liberdade dos indivíduos que cooperam no estudo.

Assim, neste estudo procura-se respeitar os cinco princípios éticos: o direito à autodeterminação, o direito à intimidade, o direito à confidencialidade e anonimato, o direito à proteção contra o desconforto e prejuízo e o direito a tratamento justo e leal.

Dando-se início à aplicação do questionário e após a sua concretização foi produzido um pedido de divulgação direcionado ao Sra. Diretora Coordenadora do Ensino de Português em França (Dr.^a Adelaide Cristóvão), que consta em anexo (Anexo II), com objetivo de obter

a sua autorização por email para efetuar a respetiva recolha de dados divulgando assim aos professores que estão no ativo, com vista a recolherem diretamente aos seus aprendentes. A resposta proferida pelo Sra. Diretora Coordenadora do Ensino de Português em França (Dr.^a Adelaide Cristóvão) foi favorável, no entanto, alguns requisitos deviam ser respeitados o que atrasou em muito o cumprimento do prazo estipulado da entrega da dissertação. A mesma exigiu que se reenvia-se o questionário no mês seguinte, justificando que no período em foi abordada, era um momento desfavorável para a realização da aplicação do questionário, pelo facto, dos professores estarem sobrecarregados com relatórios e pedindo que enviasse posteriormente. Para além disso, sugeriu também a alteração do questionário havendo a possibilidade de traduzir em francês, facilitando assim a compreensão dos aprendentes menos dotados no **PLE**.

No entanto, apesar de ter havido um seguimento rigoroso e atencioso aos seus pedidos, todo este atraso impediu o sucesso da aplicação do questionário em época normal de aulas alastrando-se para a fase final do ano letivo 2012/2013. Por esse motivo, no ponto seguinte será explicado ao pormenor, as etapas decorridas até a efetivação final da amostra classificativa neste estudo académico.

3.8.Etapas da recolha dos dados

A escolha da forma de envio do referido estudo, teve por base a ideia de ser mais viável abrangermos o máximo de aprendentes que se encontram espalhados pela Europa. Inicialmente optou-se unicamente pela forma de envio de email à Coordenadora do Ensino de Português na Europa, destinados a todos os professores em missão do ano letivo 2012/2013, mas apesar dos enormes esforços, não houve um retorno positivo dos resultados passíveis de ser uma boa amostra significativa ao estudo. Posteriormente, recorreu-se ao meio mais

promissor de divulgação, a participação no site on-line, colocando o questionário on-line referido anteriormente no ponto “população e amostra”.

Finalmente, por forma a estimular uma maior participação ao estudo, aplicou-se o questionário por via telefónica, estabelecendo-se os contatos diretamente aos aprendentes da região, tendo sido enviado o questionário antecipadamente com a devida autorização dos pais. O retorno de um modo geral foi muito positivo, existindo uma grande participação por parte dos aprendentes.

Em síntese, o desenvolvimento do processo da recolha de dados deu-se conforme as seguintes fases:

- 1º Questionário enviado por email pela Coordenadora do Ensino aos professores;
- 2º Questionário aplicado *online* à disposição sendo divulgado aos emails dos professores partilhados pelo orientador Profº Ricardo Salomão;
- 3º Questionário feito telefonicamente aos aprendentes residentes em França sendo aplicado com a devida autorização dos pais;
- 4º Recolha de dados foi feita da seguinte maneira: por meio do site *online*, recebidos por correio em formato papel ou por email e posteriormente todos os dados foram introduzidos com rigor no referido site;
- 5º Realizou-se a coleta e levantamento de dados registo numa grelha feita em Excel;
- 6º Descrição e análise das informações;
- 7º Conclusões sobre o estudo.

Os questionários foram realizados nas datas de 13/03 a 14/07 de 2013. O pedido oficial por email foi enviado à Dr.^a Adelaide Cristóvão no dia 13/03.

O inquérito por questionário realizado, pode ser consultado integralmente nos anexos do relatório em formato Excel. Em seguida, passou-se à análise e interpretação dos resultados obtidos que permitiu retirar conclusões sobre o estudo.

CAPÍTULO IV

CAPÍTULO IV - ABORDAGEM DOS RESULTADOS

4.1. Apresentação, análise e interpretações dos resultados obtidos

Findo o processo de revisão do questionário, e após a verificação por parte do orientador, procedeu-se à sua aplicação. Foi feito este estudo de investigação, aos aprendentes que costumam frequentar aulas de **PLE**, no nível do ensino primário e secundário. Após o preenchimento dos campos relacionados com a idade, o sexo e a escolaridade, logo de seguida, surgem as perguntas relacionadas com o tema estudado.

O questionário permitiu-nos recolher informações factuais acerca dos inquiridos, no universo de 156 inquiridos, verificou-se que a maioria é do sexo feminino (92 inquiridos) e um valor inferior do sexo masculino com (62 inquiridos) conforme se pode verificar no (Gráfico 1).

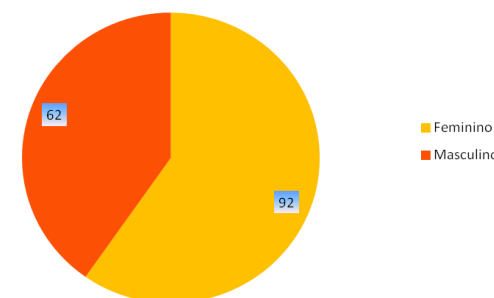


Gráfico 1 – Distribuição dos inquiridos por sexo

Em síntese, verifica-se que a faixa etária predominante se situa entre os 11 a 25 anos (52%) na qual 81 inquiridos fazem parte dessa fatia maioritária.

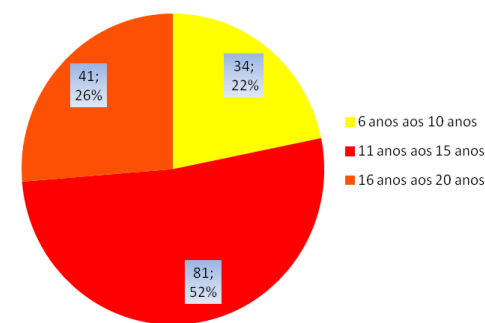


Gráfico 2 – Distribuição dos inquiridos por intervalos etários

Em relação à questão da escolaridade, obteve-se um valor maioritário com valor exato de (64 inquiridos/41%) que estudam no liceu que corresponde ao 3º ciclo de estudos de referência portuguesa. Logo de seguida, temos os (52 inquiridos/33%) que pertencem ao colégio, havendo como referência o 2º ciclo de estudos. Por último, temos um valor mais reduzido, com (40 inquiridos/26%) que se refere aos inquiridos da primária que corresponde ao 1º ciclo de estudos, conforme se pode verificar no (Gráfico 3).

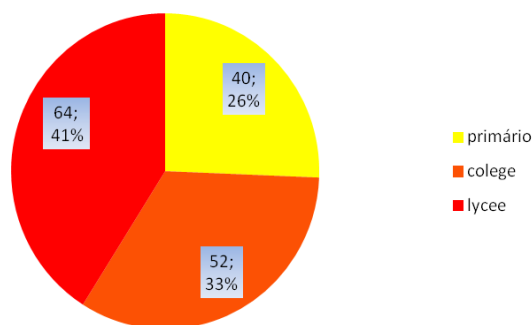


Gráfico 3 - Distribuição dos inquiridos por Escolaridade

No que diz respeito ao número de anos de aprendizagem formal da língua portuguesa, no estrangeiro no ensino regular, a grande maioria dos inquiridos estuda a língua há mais de 3 anos (100 aprendentes /64,10%) e há apenas 2 anos temos como resultado (41 aprendentes /26,28%). Importa, contudo, destacar que 12 inquiridos já fizeram parte do ensino de **PLE**, mas que também manifestaram a sua opinião na investigação.

Há quantos anos estudas o português? *

Número de respostas: 156

41 (26.28%)

Há 2 anos

100 (64.10%)

Mais de 3 anos

12 (7.69%)

Já estudei

3 (1.92%)

1 ano

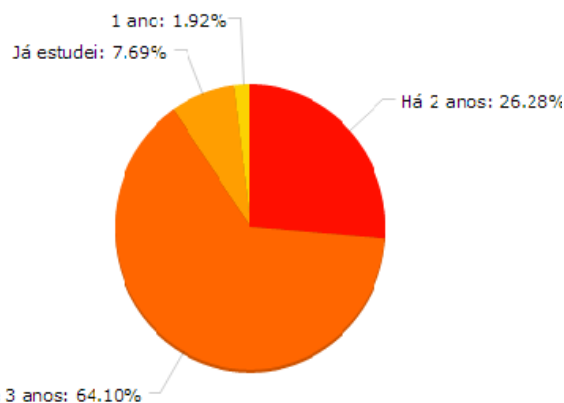


Gráfico 4 – N° Anos de aulas de português no estrangeiro

No que concerne ao hábito de utilização do computador em casa, para a aquisição da língua portuguesa, (52,56%) afirmou não o fazer em casa, sendo que uma grande percentagem utiliza que ronda os (47,44%). De facto, os dados revelam um acesso frequente à Web, com vista ao aprofundamento de conhecimentos em português. (ver gráfico 5)

Tens o hábito de utilizar um computador em casa na aprendizagem da língua portuguesa? *

Número de respostas: 156

74 (47.4%): sim

82 (52.6%): não

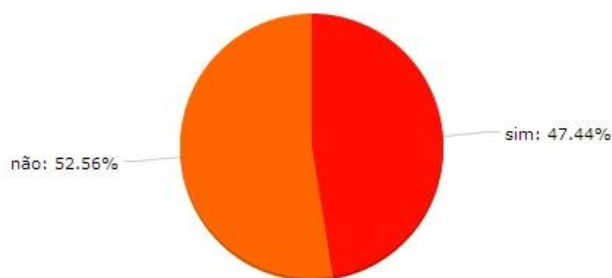


Gráfico 5 – Utilização do computador em casa na aprendizagem do português

No caso específico de utilização do computador em sala de aula com interação do professor, já referenciadas no contexto de aprendizagem do **PLE** (Gráfico 6), questionando os inquiridos se estes utilizaram nas aulas, na qual se verificou um resultado de (77,60%) afirmando não utilizar o computador e um resultado apenas de (22,40%) havendo declarado ter aproveitado do seu potencial durante o decorrer de uma aula presencial do **PLE**.

6. Já utilizaste o computador em sala de aula com o apoio do teu professor? *

Número de respostas: 156

35 (22.4%): sim

121 (77.6%): não

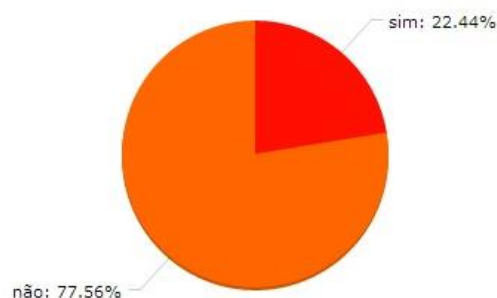


Gráfico 6 – Utilização do computador em contexto sala de aula

Procurámos indagar os inquiridos, acerca das circunstâncias da utilização das ferramentas que têm por hábito mais utilizar em sala de aula, sendo sido admirável os resultados, na maioria (81 inquiridos/ 29%) afirmou utilizar frequentemente os CD que são anexados aos livros de português, havendo uma exploração feita, na maior parte das vezes, sob o apelo do professor em contexto de aprendizagem com a finalidade de estimular os mesmos na aquisição de conhecimentos lexicais e interiorização fonética.

Um total de (73 inquiridos / 26,16%) destacou o papel muito relevante da utilização do computador no esclarecimento de termos específicos utilizando a pesquisa Google sempre que surgem dúvidas, despertando o interesse geral na procura de soluções usando a Web. De seguida, com alguma relevância temos a importância de ver vídeo no Youtube (30 inquiridos / 10,75%) e também consultar um dicionário *online* (27 inquiridos / 9,68%) cuja utilização é requerida frequentemente.

No outro extremo, com pouca utilização ou pela pouca relevância atribuída, encontram-se as ferramentas seguintes, descritas na ordem de preferência começando pela seguinte listagem: comunicar por email (25 inquiridos), comunicar por Skype (18 inquiridos), comunicar no blog (14 inquiridos), ver Powerpoint (11 inquiridos).

Em síntese, importa, no âmbito deste projeto, debruçarmo-nos sobre a relevância da extrema necessidade dos inquiridos requererem com tanta frequência, o uso do Motor de Busca na pesquisa lexical e no recurso didático (CD/DVD) à disposição que fazem parte do manual. A força evidente que prevalece no papel dos vídeos integrados no Youtube, revela também a importância no desenvolvimento da linguagem na componente fonética que muitas vezes reforça a aprendizagem.

Quais são as ferramentas que utilizas na aprendizagem de português em sala de aula? *

Número de respostas: 156

81 (29.03%)

Ver os Cds ou Dvd que fazem parte do manual de português

27 (9.68%)

Consultar um dicionário online

73 (26.16%)

Tirar dúvidas sobre uma palavra desconhecida no Google

30 (10.75%)

Ver uma aula de vídeo no Youtube

14 (5.02%)

Comunicar no blog

25 (8.96%)

Comunicar por email

18 (6.45%)

Comunicar no Skype com professor/colegas de turma

11 (3.94%)

Ver Powerpoint

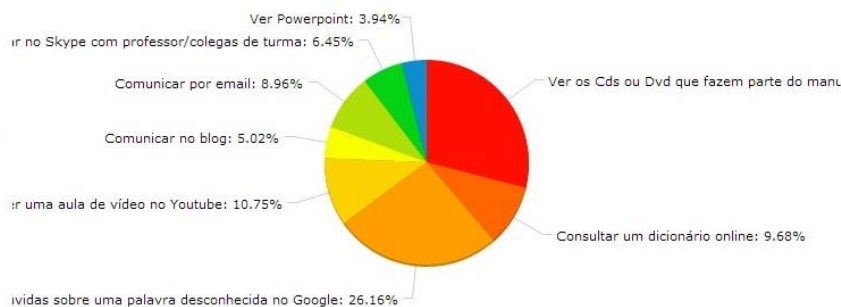


Gráfico 7 – Utilização das ferramentas em contexto sala de aula

Relativamente à questão 8, refere-se a possibilidade dos aprendentes considerarem mais fácil o ensino de português à distância mediante o acesso à Internet, com o uso dos diversos meios eletrónicos usados (Android, Iphone, tablet, Ipad, portátil, etc.), os inquiridos tendem a discordar havendo um total de (93 inquiridos / 59,6%) que responderam negativamente.

Por outro lado, verifica-se uma grande percentagem (63 inquiridos / 40,4%) que tende a concordar com este meio de aprendizagem, na sua maioria pertencendo ao 3º ciclo.

Consideras mais fácil a aprendizagem do português mediante o acesso à Internet? *

Número de respostas: 156

63 (40.4%): sim

93 (59.6%): não

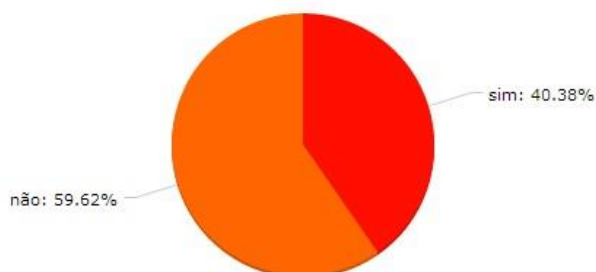


Gráfico 8 – Percepção da facilidade de aprendizagem usando Internet

No que concerne à questão 9, aplicou uma questão aberta na tentativa de compreender a percepção dos inquiridos quanto à motivação essencial de terem escolhido a opção anterior. Na realidade, a opinião geral dos inquiridos diverge claramente neste ponto. Efetivamente existem dois grupos distintos, com resultados muito próximos, embora a maioria se tenha posicionado negativamente, em relação à facilidade do uso da Internet na aprendizagem da língua portuguesa.

Vamos assim destacar as razões mais evidentes, tanto do grupo que rejeitou este tipo de ensino, como também destacaremos os pontos fortes daqueles que afirmaram gostar deste meio de aprendizagem.

O Grupo que votou negativamente de (93 inquiridos / 59,6%), pertencem à classe dos aprendentes do 1º ciclo e 2º ciclo revelou que é contra facilidade de aprendizagem com recurso Internet referenciando os seguintes pontos fracos:

- ✓ Impossibilidade de colocação de dúvidas com o professor;
- ✓ Existência de muitas coisas erradas em português na Internet por exemplo vídeos com má pronúncia;
- ✓ Porque não temos professor para jogar e aprender;
- ✓ Menos interessante e por vezes mal explicado;
- ✓ Tirar dúvidas e ensinar a pronunciar corretamente;
- ✓ Face a face é mais vantajoso, o professor corrige de imediato os erros;
- ✓ Podemos acabar aprendendo o errado ao invés do português correto;
- ✓ Sensação de ficar sem orientação e sem ser guiado;
- ✓ Não se interage com colegas e professor não tirando partido da aprendizagem oral;
- ✓ Em termos de aprendizagem correta do português, a Internet não dá explicações avançadas e esclarecedoras desta aprendizagem.

Em relação ao Grupo que participou positivamente a favor da ferramenta da web, (63 inquiridos / 40,4%), na maioria pertencente ao 3º ciclo, demonstrou que a aprendizagem pela modalidade via *E-learning* é mais simples e prático, sendo um excelente meio facilitador do conhecimento em **PLE**, e inclusivamente destacaram alguns pontos fortes:

- ✓ Porque ajuda a aproximar e comunicar com a Comunidade que falam português;
- ✓ Ajudar a enriquecer o vocabulário;
- ✓ Permite comunicar no âmbito de blogs ou redes sociais com outras pessoas de língua portuguesa;
- ✓ Existência de vídeos no Youtube pode ensinar a pronunciar palavras;
- ✓ As tecnologias são um bom apoio, na sala de aula;
- ✓ Faz a aula ficar mais viva;
- ✓ As TIC são um bom apoio porque ensina mais rapidamente;
- ✓ O Moodle ajuda a conseguir muito material didático;
- ✓ Os PowerPoint e os vídeos estimulam as aulas e aprende-se mais sobre a cultura portuguesa;
- ✓ As TIC ajudam a aprender a gramática, vocabulário e verbos;
- ✓ O processo de ensino e aprendizagem com acesso à internet é bem mediatizado;
- ✓ O processo da interação proporciona um processo educacional com autonomia e flexibilidade no uso do conhecimento;
- ✓ As aulas com as TIC são mais interessantes e divertidas;
- ✓ Maior acessibilidade a diferentes conteúdos educativos;
- ✓ Temos tradutores à disposição;
- ✓ Com o Skype posso falar com colegas de outros países.

Com a aplicação do questionário procurou-se, na questão 10, igualmente, averiguar a frequência com a familiarização de acesso às ferramentas da Web e constatou-se que a maioria (95 inquiridos / 60,90%) afirmaram utilizar a Internet diariamente. Por outro lado, também temos um grupo distinto que utiliza regularmente (2 a 3 vezes por semana) obtendo assim um valor correspondente de (41 inquiridos / 26,28%). Contudo, em minoria temos os (13 inquiridos / 8,33%) que apenas usa a Internet uma vez por semana e apenas (3 inquiridos) que nunca usam a Internet.

Quantas vezes utilizas a Internet por semana? *

Número de respostas: 156

95 (60.90%)
Todos os dias

41 (26.28%)
Regularmente

13 (8.33%)
1 vez por semana

4 (2.56%)
1 vez por mês

3 (1.92%)
Nunca

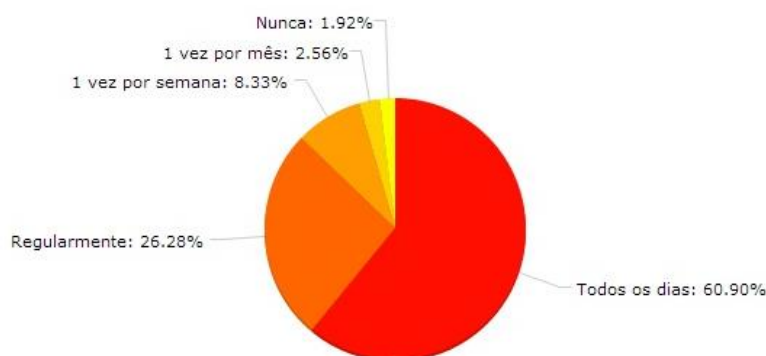


Gráfico 9 – Frequência de utilização da ferramenta da Internet

Pretendeu-se apurar se os inquiridos são monitorizados aquando a utilização da Web 2.0. por parte dos progenitores e a opinião geral dos aprendentes refere que a maioria (99 inquiridos / 63,46%) se encontram sozinhos na navegação na Internet e outra percentagem bastante significativa, tinham liberdade total na navegação. Na realidade verificou-se uma maioria (41 inquiridos / 26,28%). A opção que obteve um menor número de respostas foi a forma de estar “acompanhada” que obteve a minoria (16 inquiridos / 10,26%), o que poderá estar relacionado com o facto de serem os mais os mais jovens, na faixa etária entre 6 a 10 anos.

Quando acedes à Internet normalmente estás acompanhado ou sozinho? *

Número de respostas: 156

99 (63.46%)
Sozinho

16 (10.26%)
Acompanhado

41 (26.28%)
Tenho liberdade

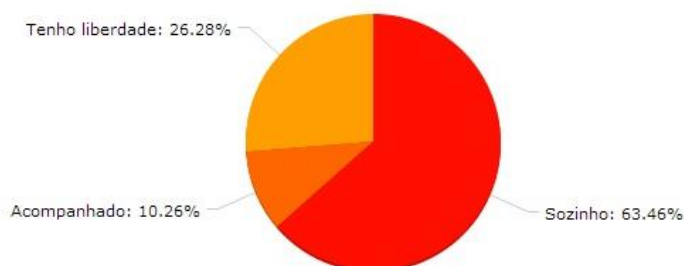


Gráfico 10 – Monitorização do modo de utilização de Internet

A questão que se segue, a nº 12, visa recolher a opinião dos inquiridos sobre o facto de aderirem às aulas de português mediante o acesso à Internet. A opinião é menos distribuída, pois a grande maioria afirma negativamente (99 inquiridos / 63,50%). A restante participação (57 inquiridos / 36,50%) considera fundamental ser capaz de utilizar este meio num processo de ensino e de aprendizagem de modo mais flexível e de maneira autónoma.

Gostaria de teres as aulas de português através da Internet? *

Número de respostas: 156

57 (36.5%): sim

99 (63.5%): não

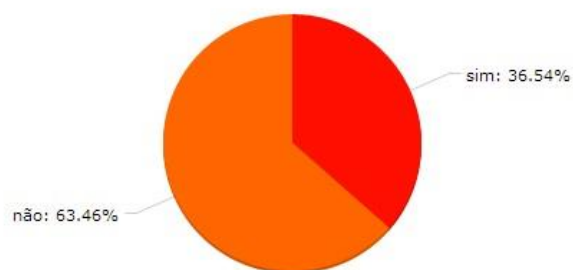


Gráfico 11 – Pretensão do uso da Internet na aprendizagem do português

No sentido de recolher informações sobre as razões principais que levam os inquiridos, a justificarem a sua escolha na questão anterior, que diz respeito na possibilidade de terem aulas de português mediante a Web.2.0. A maioria que afirmou não estar interessado, apresentou as seguintes justificações, nas quais serão apresentadas as mais relevantes no estudo em se destacam de forma sucinta nos próximos tópicos:

- ✓ A aula presencial contribui na boa aprendizagem a nível da oralidade;
- ✓ É mal explicado e não interagimos com o professor e colegas;
- ✓ Não nos ensina a compreender os exercícios e tirar dúvidas;
- ✓ Mais complexo sem professor;
- ✓ Provoca isolamento e desmotivação;
- ✓ Existências de fontes erróneas e pouco fiáveis;
- ✓ Tornava-me mais dependente das tecnologias e faz mal à saúde;
- ✓ Distração com outros programas (jogos, facebook, etc)

Os inquiridos que optariam por este meio de ensino fundamentaram da seguinte forma, apresentada de forma sucinta nos próximos tópicos:

- ✓ No local de residência não tenho acesso às aulas de português;
- ✓ Tipo de ensino flexível nos horários e prático no seu modo de funcionamento;
- ✓ Permite melhor gestão de tempo e sem restrições de local;
- ✓ Podemos rever e avivar a língua portuguesa;
- ✓ Facilita o processo de aprendizagem;
- ✓ Colabora nas pesquisas e procura de conteúdos para complementar as aulas presenciais;

Procurou-se indagar acerca da perceção dos aprendentes de aprenderem o **PLE** utilizando a Internet mas desta vez sem terem o apoio do professor em contexto educacional. Um total de (113 inquiridos / 72,40%) destacou não ter interesse em aderir às aulas via **E-learning**, sem ter o apoio fundamental do professor. Em contrapartida, temos (43 inquiridos / 27,60%) que apostam no meio de ensino à distância, sem recurso ao professor.

Importa, no âmbito deste projeto, debruçarmo-nos sobre a relevância destes participantes que estão de acordo na aprendizagem via **E-learning**, considerarem no seu questionário que o ideal é a combinação dos dois meios (recurso às TIC sem professor/tutor) conforme apresentado no gráfico 12.

Achas que poderás aprender mais facilmente a língua portuguesa se utilizares a Internet sem teres o apoio do professor? *

Número de respostas: 156

43 (27.6%): sim

113 (72.4%): não

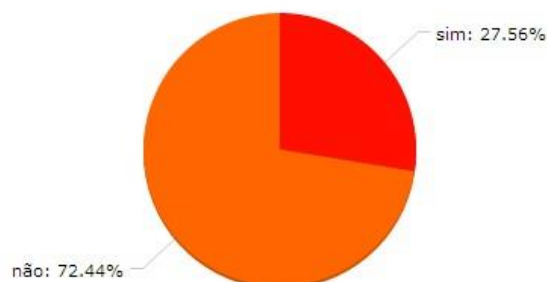


Gráfico 12 – Pretensão do uso da Internet na aprendizagem do português sem professor

No que diz respeito à questão seguinte, na caracterização da pretensão da utilização das diferentes tecnologias, ferramentas e organizou-se de acordo com a preferência dos inquiridos com a tipologia seguinte conforme apresentado. (ver gráfico 13)

- Jogo de palavras
- Vídeo
- Áudio
- Diciopédia

Quais são as tuas escolhas no caso de começares a aprender português na Internet?
(são aceites várias opções) *

Número de respostas: 156

97 (39.11%)

Jogos de palavras

91 (36.69%)

Vídeo

45 (18.15%)

Áudio

15 (6.05%)

Diciopédia

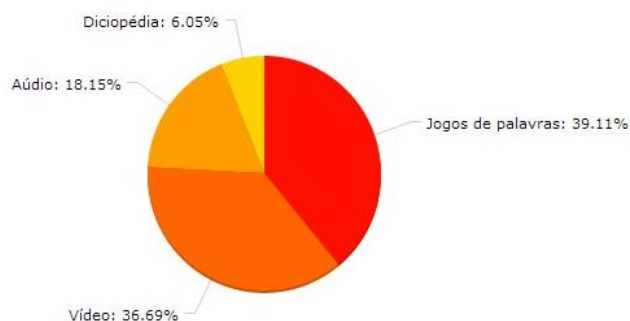


Gráfico 13 – Pretensão das diferentes tecnologias da Web na aquisição do PLE

Na questão 17, contemplou-se a aplicação duma questão aberta, na tentativa de saber quais seriam outras ferramentas úteis na aprendizagem do **PLE**, na qual obtivemos uma maioria dos inquiridos que prefere utilizar os seguintes tópicos:

- Redes Sociais (facebook)
- Skype e MSN
- Blogs e Fóruns da Comunidade Lusófona com professores *online*
- Sites oficiais com conteúdos lúdicos e didáticos
- Jogos didáticos

Um dos objetivos do questionário era, precisamente, levar os aprendentes a refletir na possibilidade de aderirem a um novo paradigma de ensino na adesão à plataforma **E-learning**, por parte da rede escolar, face a intervenções futuras da **PLP** na Europa e, assim avaliar a sua

pretensão futura a este tipo de ensino mediatizado com as novas tecnologias. Assim, podemos apontar os seguintes resultados conforme se pode (ver gráfico 14)

Se os teus pais te derem a escolher entre aprenderes o português em sala de aula ou via Internet, qual será a tua escolha?

Número de respostas: 154

70 (45.45%)

Sala de aula presencial

20 (12.99%)

Mediante a Internet

48 (31.17%)

Ambos em conjunto

16 (10.39%)

Pouco importa

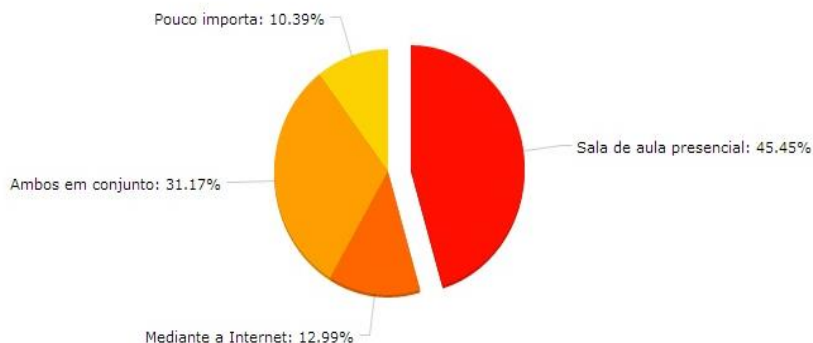


Gráfico 14 – Pretensão em aderir ao ensino E-learning na aquisição do PLE

Constatou-se que 70 inquiridos dos 156 (70 aprendentes /45,45%) afirmaram preferirem o ensino tradicional ao invés do ensino mediatizado à distância. Apesar de tal facto, 48 aprendentes (31,17%) afirmaram preferir ter os dois meios em simultâneo, isto é, em contexto de sala de aula presencial com professor, poder tirar partido das novas tecnologias com intuito de dinamizar as aulas e desenvolver desse modo as competências linguísticas em **PLE**.

Por outro lado, temos 20 aprendentes que preferiam ter aulas exclusivamente via **E-learning**, procurámos igualmente, indagar acerca das circunstâncias da preferência da mesma, questionando estes, e ficou-se a saber que a maioria não tinha hipótese de ter aulas presenciais nas proximidades. O tipo de ensino proposto (via **E-learning**) era a solução ideal para continuar a explorar e conhecer melhor a língua materna dos seus progenitores.

Quanto à motivação principal que leva os aprendentes a aprender o Português, as respostas dispersam-se: 90 inquiridos tendem a concordar que se trata para “falar com família e amigos”, mas por outro lado, temos 54 concordam quando afirmam que “..querem conhecer

cultura de origem de meus pais”. Com valores muito aproximados, temos 45 inquiridos que afirmam serem forçados a aprenderem o **PLE** pelos seus progenitores. Tal poderá estar associado ao facto de, não terem a motivação necessária nas aulas tradicionais e pode-se confirmar nos resultados que se trata da classe etária mais jovem em análise desta investigação. Num prisma diferente, e de grande expetativa profissional, trata-se do resultado de 42 inquiridos afirmarem que a aprendizagem servirá para trabalhar em países lusófonos.

A última opção escolhida, pelo facto de gostar ou ter gostado das aulas apenas obteve 23 inquiridos.

Porque queres aprender o Português? *

Número de respostas: 156

54 (21.26%)

Porque quero conhecer a cultura de origem dos meus pais

42 (16.54%)

Para depois poder trabalhar com países lusófonos

23 (9.06%)

Porque gosto/gostava das aulas de português

45 (17.72%)

Porque os meus pais me obrigam

90 (35.43%)

Para falar com amigos e família

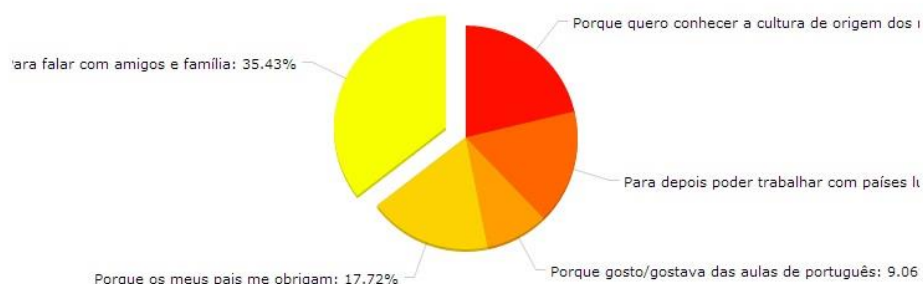


Gráfico 15 – Motivações individuais dos aprendentes na aquisição do PLE

Na questão 20, quase a totalidade dos aprendentes (153 inquiridos- 98,1%) respondeu afirmativamente que o meio de ensino via **E-learning**, contribui favoravelmente na aproximação da Comunidade que partilha a mesma língua conforme se pode confirmar mediante (gráfico 14).

Por fim, associada a esta questão, questiona-se os inquiridos numa questão aberta para dar opinião livremente, da forma como esta comunidade se aproxima e em que medida acontece essa vinculação. As respostas foram curiosamente distintas e trouxeram ideias

promissoras da utilidade do ensino via **E-learning** e na própria razão existencial da coesão da comunidade lusófona, que serão evidenciadas mais adiante na listagem a seguir.

Consideras que o E-Learning, contribui na aproximação das Comunidades de Língua Portuguesa e na difusão da língua portuguesa, aos que não tem acesso ao ensino tradicional? *

Número de respostas: 156

153 (98.1%): sim

3 (1.9%): não

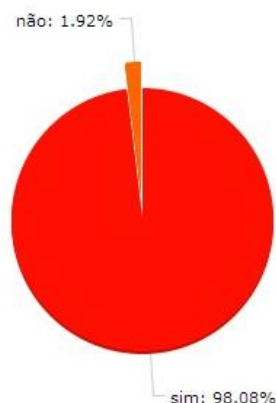


Gráfico 16 – Contribuição E-learning na aproximação das Comunidades de Língua Portuguesa

Na última questão, aplicou-se uma questão aberta, na tentativa de saber quais seriam os motivos de aproximação da Comunidade da Língua Portuguesa, na aprendizagem do **PLE** com base no ensino via **E-learning**, tendo a maioria dos inquiridos, mencionado os seguintes tópicos na justificação da seguinte escolha:

- ✓ Os aprendentes que não têm professor podem ter oportunidade de continuar a aprender;
- ✓ Como as aulas são *online* permitem a pessoas de países diferentes interagirem e organizarem encontros interculturais;
- ✓ As **TIC** aproximam a comunidade dando ferramentas essenciais à aprendizagem da LP;
- ✓ Pela diversidade de conhecimentos a explorar num ambiente descontraído e sem restrições de tempo e lugar.
- ✓ As ferramentas **TIC** permitem abarcar um grande número de alunos sem acesso aos professores aumentando assim a Comunidade da Língua Portuguesa;
- ✓ Sobretudo quando usam o Skype ficam sem timidez perante os outros aprendentes que são melhores na língua portuguesa.
- ✓ O processo de aprendizagem é mais contextualizado quando é mediado e interativo
- ✓ Abrange uma comunidade excluída pelo ensino tradicional;

- ✓ O **E-learning** pode-lhes permitir a aprender a língua portuguesa e assim a sua difusão e promoção no mundo inteiro.
- ✓ É mais uma ponte para a língua portuguesa chegar aos que querem aprender e não podem ter acesso ao ensino tradicional;

Assim, conclui-se numa resposta generalizada que na grande maioria, os aprendentes do **PLE**, defendem o uso do **E-learning** como uma ferramenta potencial na contribuição da expansão da **LP**, a nível internacional, abrangendo comunidades lusófonas desprovidas da rede escolar veiculado pelo Instituto de Camões.

Apesar das opiniões entre os vários grupos se dividirem, todos são de acordo de que esta permitirá, de forma massiva, uma maior aproximação da Comunidade Lusófona espalhada no mundo inteiro, com tendência a crescer progressivamente.

4.2. Discussão dos Resultados

Nesta questão iremos refletir e apresentar as apurações referentes ao presente estudo de investigação tendo em consideração os objetivos específicos e as hipóteses levantadas associadas à fundamentação teórica.

Por conseguinte, realizados e apurados os resultados dos questionários, procedeu-se a uma análise que permita realizar inferências e estudar os dados recolhidos, aumentando, simultaneamente a compreensão sobre os mesmos. A análise de conteúdo constitui-se assim como um meio de investigação que permite descrever com objetividade, o conteúdo patente na comunicação dada pelo público-alvo. Apresentando-se como um processo sistemático, caracterizado por trabalhar os dados recolhidos de diversas formas, organizando-os, dividindo-os em categorias, sintetizando-os e retirando-lhes as ideias mais importantes.

No que diz respeito às características sociodemográficas dos aprendentes, importa mencionar que os resultados foram semelhantes aos referentes ao 1º Ciclo e o 2º Ciclo, verificou-se uma percentagem em minoria mas ainda com grande impacto, revelaram uma resistência clara ao ensino via **E-learning**, além de terem um acesso restrito e supervisionado pelos progenitores, destacando a preferência da exclusividade do professor em sala de aula. Em contraste, temos o grupo do 3º Ciclo, grupo esse que se apresenta maioritariamente a preferência por este tipo de ensino, pelo facto de serem um grupo mais autónomo, na aquisição de conhecimentos e por outro lado, mostra-se detentor das novas tecnologias e na sua prática diária sempre que estudam o **PLE**. A razão principal que leva-nos a deduzir o porquê dessa habilidade na adaptação ao meio virtual em contraste com restantes grupos, refere-se ao fator crucial da questão da idade, a maturidade estimula sem dúvida, um sentido maior de responsabilidade no envolvimento no ensino via **E-learning**.

No que respeita ao uso da tecnologia da linguagem como uma tecnologia facilitadora do conhecimento, de facto, como tínhamos referido na fundamentação teórica, o processo da interação proporciona um processo educacional com autonomia e flexibilidade no uso do conhecimento. Apesar disso, no ensino em línguas, nomeadamente do **PLE** a maioria dos aprendentes não estão de acordo com a facilidade que estas ferramentas *online* proporcionam, pois sentem-se desorientados e a falta de interação com os colegas e professor demonstram ser um meio inapropriado para a aquisição do **PLE** devido ao facto não terem possibilidade de tirar dúvidas, nem mesmo de interagir verbalmente com os seus pares. Apesar disso, contrariando o “mito” de que o ensino via **E-learning** é uma utopia, uma grande parte dos inquiridos está a favor, na maioria pertencente ao 3º ciclo, referindo precisamente o oposto, na contribuição da aproximação da comunidade lusófona, em que partilham do mesmo universo real da língua portuguesa. Estes argumentam de uma modo generalizado que as aulas via **E-learning** possuem mais vivacidade e dinamismo e, por outro lado, abrangem diferentes conteúdos educativos e com mais acessibilidade para todos sendo um ensino flexível e confortável sem constrangimentos.

Por sua vez, quanto à contribuição do **E-learning** na divulgação da **LP**, na aproximação das comunidades da língua portuguesa a resposta foi generalizada pela maioria dos aprendentes em quase todos afirmaram ser um bom meio de divulgação da língua portuguesa no estrangeiro. Com efeito, consideraram ser excelente na aquisição de uma diversidade de conhecimentos a explorar num ambiente descontraído e sem restrições de tempo e lugar, abrangendo um número elevado de aprendentes que não têm outra alternativa de acederem ao ensino presencial da rede escolar do **PLE**. De facto, permitirá a todos os membros interagirem e organizarem encontros interculturais e difundir e promover a **LP** no mundo inteiro recebendo diariamente novos simpatizantes do idioma.

Face ao exposto, em relação à verificação do ensino de línguas por via **E-learning**, ser eficaz em todos os aspetos linguísticos, tanto a nível da consciência semântica, da consciência fonológica ou da consciência pragmática atrás referenciadas na argumentação teórica do Quadro Europeu Comum de Referência, identificamos pelas inúmeras respostas dos inquiridos que ficará comprometido o processo da aquisição fonológica e pragmática, pelo facto de existir uma reduzida conversação entre intervenientes, que obviamente dar-se-á lugar a lacunas na competência linguística, na incapacidade de perceber, reconhecer, discriminar as unidades sonoras da língua (fonemas) e de as reproduzir e produzi-las em contextos específicos do contexto cultural.

Um dos objetivos desta investigação, era de perceber até que ponto haverá uma política de língua, bem estruturada para implementar um sistema de ensino mediado somente pelo computador, na rede escolar do **PLE** a nível internacional, analisando os dados obtidos estima-se que ainda há um longo percurso, a nível de medidas para conceptualizar antes de impor este novo paradigma do ensino da **LP**.

Com base na análise dos dados empíricos, podemos ainda depreender que a política de língua deve ser bem planeada, de modo que a visão global deveria ir ao encontro da estimulação dos novos aprendentes, a aderirem ao novo sistema de ensino, devendo ter em conta os diversos fatores envolvidos neste processo de ensino-aprendizagem. Como por exemplo, não importa unicamente se a plataforma (LMS) é a mais fiável e apropriada, mas requer delinear uma metodologia que se centra sobretudo no aprendente enquanto construtor do seu percurso de aprendizagem, que se espera ser significativo para o seu contexto pessoal e profissional, com vista a atingir a proficiência linguística e com suas competências associadas, requerendo a presença de um tutor/professor à disposição do aprendente, no intuito de guiar e incentivar a aquisição das referidas competências do **PLE** que normalmente são mais comprometidas nomeadamente as componentes (fonológica e pragmática).

A avaliação global da modalidade **E-learning**, como vimos, tem pontos fortes baseados no desenvolvimento das competências importantes na formação linguística de um indivíduo autónomo, crítico e consciente da sua responsabilização como aprendente de língua estrangeira. No entanto, existem variáveis menos positivas já referidas anteriormente mas no que se refere ao contato pessoal com os aprendentes ser muito menor ou nulo, devido a esse fator, o tutor/professor terá grande dificuldade em identificar individualmente quais as competências a desenvolver com o aprendente e corrigir erros efetuados na aprendizagem do **PLE**, critérios essenciais para uma avaliação qualitativa.

Para finalizar, ao analisar a relação da qualidade do ensino **PLNM** quando esta é apenas de uso exclusivo do acesso ao conhecimento por meio **E-learning**, poderá eventualmente ser posta em causa, por parte dos aprendentes que demonstram uma enorme resistência ao aderir a este tipo de modalidade de ensino, pelos resultados obtidos diremos que o abandono e desmotivação poderá estar presente nas classes do 1º ciclo e 2º ciclo, por estes serem mais jovens, precisando evidentemente de ser orientados e supervisionados nas atividades curriculares, isto é, a presença do professor é exigida como uma bússola e é algo que não deve ser desprezado, mas sim valorizado porque pode trazer contributos positivos para o ensino do **PLE**.

CAPÍTULO V

CAPÍTULO V - CONCLUSÕES GERAIS

5.1. Conclusões

Na descoberta de um novo modelo de ensino-aprendizagem virtual do **PLE**, o papel da tecnologia é primordial, valendo a pena inovar, testar e experimentar, porque só dessa forma, poder-se-á avançar-se mais rapidamente e com eficácia no novo sistema de ensino. Urge a necessidade de conceber sistemas em multimédia interativos, centrados nos aprendentes sendo bastante atrativo e de preferência haver a possibilidade de comunicar em sistema de videoconferência, quando surgem momentos de dificuldade associada aos conteúdos linguísticos devidamente planificados numa aula virtual.

Por vezes, com base nos resultados da investigação, deparou-se que neste processo de inovação associando a uma mudança das práticas usuais de ensino-aprendizagem, como as que estão associadas aos contextos via **E-learning** origina resistências, por parte dos professores e dos aprendentes, devendo-se ultrapassar na introdução deste modelo de forma gradual e com a devida ambientação à plataforma com a formação devida de ambos os intervenientes. Porém, considera-se essencial aceitar a coexistência de graus de adesão distintos, devido ao perfil de cada interveniente ou pelo facto da natureza das inovações não se adequarem a todos os sujeitos e/ou contextos.

No entanto, se futuramente o governo mudar as regras da política de língua do **PLE** e, optar pelo ensino-aprendizagem exclusivamente via **E-learning**, estarão em causa conhecimentos fundamentais, comprometendo a eficácia da comunicação a nível oral e da questão do conhecimento pragmático, de qualquer língua segunda estrangeira, isto é, os aprendentes necessitam de interagir verbalmente pois só assim adquirem a compreensão dos

conteúdos quando expressos de forma oral, centrando-se na compreensão de termos e conceitos inseridos numa determinada cultura.

Considerando as diversas características do **E-learning** contrastadas com a educação presencial em **PLE**, considerando que a comunicação é essencial em toda forma de interação educativa, é evidente que o impacto do **E-learning** nos sistemas educacionais, assim como em professores e aprendentes, será significativo, importa é determinar qual é o ambiente educacional mais eficaz e eficiente. Apesar de ser um meio de comunicação facilitador, o uso exclusivo do **E-learning** do ensino-aprendizagem de **PLE** mostra aos seus aprendentes, como uma modalidade insuficiente na criação do conhecimento de línguas estrangeiras, em que a transmissão da componente da oralidade e pragmática são comprometidas e deficitárias, com base nos dados empíricos cedidos ao longo da investigação.

Como conclusão desta investigação, após a análise estatística conclui-se que o modelo ideal é o semipresencial, propomos assim um regime de articulação com o ensino/formação presencial, originando cenários de **b-learning**, cursos estes que, embora continuem tendo uma importante carga horária em atividades presenciais, introduziram massivamente a utilização de atividades de ensino-aprendizagem com recurso às TIC, com a finalidade da aprendizagem do **PLE** seja viabilizado num ambiente *online* frutífero, aprazível e exequível.

Podemos apurar, a partir das ponderações teóricas e pelos resultados obtidos diretamente aos aprendentes, na sua vontade de utilização das TIC é uma modalidade exequível, em contexto escolar do **PLE**. Por vezes, é necessário este complemento na integração do ensino de **PLE**, quando por exemplo estamos perante turmas numerosas, onde o diálogo professor e aprendente ficariam prejudicados pelo grande número de aprendentes e, por vezes, pela falta de tempo, com vista a esclarecer dúvidas restantes de uma aula lecionada.

Neste paradigma inédito e tecnológico, assente num novo modelo do processo em ensino-aprendizagem do **PLE** em que se interliga aprendentes e professores com acesso a conteúdos enriquecidos vieram tornar a aprendizagem mais dinâmica, para além de, não restringir a um único livro, nem o tutor/professor impor o seu conhecimento de forma limitada, porque as múltiplas fontes de informação disponíveis permitem a descoberta do conhecimento, trabalhando em modo colaborativo com colegas e professor/tutor.

Como proposta secundária e perante um cenário em que os aprendentes não podem participar do ensino presencial de **PLE**, pelos mais diversos fatores (localização geográfica, social, profissional) a alternativa evidente é a frequência do ensino na modalidade via **E-learning**, com estratégias pedagógicas bem delineadas em que o aprendente deverá ser participante ativo da sua aprendizagem, na construção do saber desenvolvido ao longo do tempo, com recurso ao computador, adquire conhecimentos e troca experiências numa dinâmica de descoberta e procura soluções, com o apoio e orientação do seu tutor/professor.

A mudança do paradigma do modelo tradicional/presencial num novo modelo de ensino, inteiramente virtual significa implementar um novo desenho institucional que será um resultado de intervenção de pessoas especializadas no ensino em parceria com especialista dos sistemas de gestão de ensino **E-learning**, criando assim as ferramentas e as metodologias cruciais ao sucesso escolar do **PLE**, fundamentado com a melhor pedagogia, adequando-se ao perfil do aprendente.

Metaforicamente, não basta ser detentor dos ingredientes mas utilizar a receita adequada, que neste caso concreto do ensino de **PLE**, ressaltamos a importância da contribuição pedagógica do professor, visando criar atitudes de colaboração, estimular a comunicação dos aprendentes, mediar o processo de aprendizagem, regulando assim a interação e investigando e esclarecendo as dúvidas que vão surgindo no pensamento dos mesmos de forma a proporcionar um ensino via **E-learning** propício ao desenvolvimento da

linguagem. Por outro lado, aconselha-se vivamente um acompanhamento, passo a passo, com a finalidade do aprendente superar as etapas necessárias, na construção da aprendizagem do **PLE**, sua eficácia depende fortemente das capacidades cognitivas destes e do seu grau de maturidade e motivação durante o processo de aquisição.

Em suma, recapitulando defendemos e propomos o uso sistemático da ferramenta do Skype ou outro meio em videoconferência, a fim de colmatar as lacunas das componentes a nível da oralidade e da pragmática em que usualmente se verifica mais dificuldades, na sua compreensão e expressividade comunicacional. Evidentemente que este recurso nos cursos via **E-learning** que periodicamente podem programar a introdução destes nas aulas, traz grandes benefícios complementares com materiais didáticos propícios ao desenvolvimento da linguagem do **PLE**. Inclusivamente, defende-se a introdução de atividades colaborativas, em que os diversos intervenientes interagem pelo diálogo, incentiva-se o envolvimento dos participantes e, nesse sentido, o ensino/aprendizagem entende-se como um processo participativo, valorizando-se a comunicação e a construção do desenvolvimento da linguagem no **PLE**.

Com respeito a essa interação entre aprendente e tutor/professor na primazia do diálogo, tal como referiu Ravenscroft (2011), *“is coevolving with these Technologies, which arguably provide social opportunities that are more open, and are used more often than was previously possible with the traditional methods of communication, **dialogue and discourse**”* (Ravenscroft , 2011:142). É fundamental elaborar uma estratégia pedagógica em que se criam ferramentas que permitem uma grande interação entre os participantes, ressaltando, que o uso por si próprio das ferramentas virtuais não garantem necessariamente o estabelecimento do diálogo.

Um dos aspetos a destacar na teoria de Ravenscroft (2011) é a focalização nas novas tecnologias em que estas, fornecem oportunidades de socializar de uma forma mais aberta e

com mais frequência do que era anteriormente possível com os métodos tradicionais de comunicação, privilegiando o diálogo e o discurso na modalidade via do ensino **E-learning**.

A razão pela qual que se recomenda uma planificação bem estruturada da **PL**, em relação às aulas do **PLE**, ao utilizar o uso exclusivo do ensino **E-learning**, refere-se à criação adequado dos materiais e ao uso dos recursos neste sistema, para além da apresentação dos conteúdos, por si só não basta para o sucesso escolar destes visados.

Nesse paradigma, os aprendentes devem ser ensinados a, primeiramente, saber pesquisar com cuidado a enorme vastidão de informação que se pode aceder na Web e adaptar-se a um ambiente que se modifica rapidamente, saber trabalhar em grupo virtualmente, saber tomar decisões e ser independente, saber identificar problemas e procurar soluções com as ferramentas deixadas à disposição propostas pelo professor.

Por este motivo, reforça-se a importância de uma boa planificação das tarefas e uso correto das ferramentas a utilizar exigindo uma formação inicial do aprendente em TIC, mas acima de tudo, do professor/tutor, para além de ter que dominar as ferramentas tecnológicas, bem como no desenvolvimento das competências acima referidas, na capacidade de transmissão dos componentes do domínio linguístico. Por exemplo, quando se trata de pesquisar, não é suficiente retirar informação do site Wikipédia sem saber a fonte, se a informação é fiável e correta, sendo um site que qualquer pessoa pode editar com certeza que se constatarão muitos erros prejudiciais à construção da identidade do aprendente, em termos linguísticos. Sempre que possível, o ensino-aprendizagem deve ser desenvolvido com ajuda profissional, ou seja, tutorado constantemente pelo professor, daí que se conclui a importância presencial do professor não será de forma alguma substituída, se o objetivo é promovermos um ensino com qualidade.

Posto isto, embora não haja uma solução predefinida, e na análise de perspetivas dos diferentes autores mencionados, podemos estimar que a realização de cursos de **PLE** em regime via **E-learning** é fundamentalmente uma boa estratégia de aprendizagem, aliada a um determinado modelo pedagógico e também importa dominar a infraestrutura tecnológica, sendo capaz de distribuir e gerir informação de forma que proporcione uma aquisição natural da competência linguística de qualquer língua estrangeira, com o objetivo de suprir as carências do ensino presencial.

Contudo, compete às entidades governativas delinear uma «**Política de Língua**» eficaz. De facto, há que delinear cautelosamente qualquer programa de ensino de língua à distância e conhecer com clareza as necessidades linguísticas do aprendente, sendo possível selecionar o tipo de tecnologia ajustada para o ensino do **PLE**.

Para além de referir a grande importância do papel do professor/tutor, no constante feedback permanente, num acompanhamento contínuo e permanente, de forma a não criar sensações de ausência e abandono aos aprendentes, complementando a aprendizagem/ensino regularmente com as ferramentas de videoconferências, com vista a garantir um ensino de qualidade do **PLE**, na Europa e a nível internacional, o qual congrega, entre outros alicerces, a motivação, motor fundamental para que se atinja um grau de satisfação acentuado, trará em retorno o sucesso na aprendizagem de um modo generalizado.

Conclui-se, portanto que esta vertente de formação dará oportunidades a todos os lusodescendentes que querem se formar em **PLE**, abrindo assim novos horizontes de progresso para todos, nas suas atividades profissionais futuras, abrangendo um maior número possível de aprendentes, em virtude das características dos recursos serem escassos, para além dos constrangimentos geográficos da Europa não permitirem a existências de centro de línguas em **PLE** de forma massiva como o regime via **E-learning** abarca.

5.2.Limitações

De uma forma geral, pensamos ter atingido os objetivos a que nos propusemos no início da investigação, apesar das limitações temporais na obtenção de respostas dos questionários aplicados, tornaram-se num impedimento em curso respeitando os prazos estimados.

Inicialmente, tivemos como primeira limitação pela falta de vontade da colaboração de alguns colegas professores do ensino primário do **PLE**, na região de residência da investigadora, em partilhar o referido questionário aos aprendentes. Contudo, tivemos que mudar de estratégia, divulgando por toda a Europa com recurso à ferramenta da web, na difusão do questionário *on-line*, cujo resultado foi imediato e satisfatório.

Estamos cientes que a realização de tal estudo necessitava de bases sólidas, resultantes de um número considerável de aprendentes, para a fundamentação e apuração de resultados, por esse motivo, adotou-se, por conseguinte, a via de delimitarmos o estudo também ao 3º ciclo do **PLE** da rede escolar circundando toda a Europa, e assim constituímos o grupo de estudo com base numa amostra disponível e significativa.

Este estudo permitiu um maior aprofundamento teórico e prático de todos os passos na formulação de um projeto científico, nomeadamente no que diz respeito às diversas teorias e postulados que serviram de fundamentação teórica e a aplicação prática de todos métodos e passos para obtenção do trabalho final. Para além de ser uma experiência marcante em termos pessoais, possibilitando uma maior familiaridade com a prática da investigação em ciências da educação.

Bibliografia

Almanera, Julio (2007). *Nuevas Tecnologías Aplicadas a la Educación*, Universidad de Sevilla, Sevilla.

Anaraki, Firouz (2004). *Developing an effective and efficient E-learning platform*, International Journal of the Computer, Assumption University of Thailand, Thailand.

Barbas, Maria (2006). *B-learning: fluxos multimodais, Lição para provas públicas de professor coordenador*, Escola Superior de Educação de Santarém, Santarém.

Bidarra, José (2009). *Aprendizagem Multimédia Interactiva*, Relógio d'Água, Lisboa.

Bryan, Alexander (2008). *Social networking in Higher Education*, National Institute for Technology in Liberal Education, EUA.

Cabero, Julio (1989). *Tecnología educativa: utilización didáctica del video*, PPU, Barcelona.

Calvet, Louis-Jean (1987). *La guerre des langues et les politiques linguistiques*, Hachette, France.

Citoler, Defior and **Sanz**, Rolando (1997). *A Leitura e a Escrita: Processos Dificuldades na sua Aquisição das Necessidades Educativas Especiais*, Dinalivro, Lisboa.

Cruse, Alan (2004). *Meaning in Language - An introduction to semantic and pragmatic*, Oxford University Press, U.K.

Cooper, Robert (1989). *Language Planning and Social Change*, Cambridge University Press, Cambridge.

Dias, Ana (2004). *Cadernos E-learning– Práticas de E-learning em Portugal*, Universidade do Minho, Braga.

Duarte, Inês (2011). *O Conhecimento da Língua: Desenvolver a Consciência Lexical*, Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa.

Faria, Isabel et al (2005). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Editorial Caminho, Lisboa.

Fortin, Marie-Fabienne (2009). *O Processo de Investigação da Concepção à Realização*, Lusociência Edições Técnicas e Científicas, Loures.

Fasold, Ralph (1984). *The Sociolinguistic of Society*, Blackwell, England.

Nagarajan, P. and Jiji, Wiselin (2010). *Online Educational System (e- learning)*, International Journal of u- and e- Service, New Delhi.

Fossum, John (2003). *The European Union In Search of an Identity*, Univ Oslo, Canada.

Gaspar, Maria Ivone (2007). *Aprendizagem Colaborativa online: Comunidades virtuais de aprendizagem e identidades no Ensino Superior*, Universidade Aberta, Lisboa.

Gil, António (2008). *Como elaborar projetos de pesquisa*, Atlas, São Paulo.

Henri F. and Lundgren Cayrol (2001). *Apprentissage collaboratif à distance - Pour comprendre et concevoir les environnements d'apprentissages virtuel*, Presses Université Québec, Canada.

Leiria, Isabel (2001). *Léxico – Aquisição e ensino do Português Europeu língua não materna*, Tese de Doutoramento, Lisboa.

Lyons, John. (1977). *Semantic*. Vol. 2. Cambridge, Cambridge University Press, U.K.

Loubier, Christiane (2008). *Langues au Pouvoir, Politique et symbolique*, L'Harmattan, Paris.

Kloss, Herbert (1968). *Notes concerning a language-nation typology: Language Problems of Developing Nations*, John Wiley & Sons, New York.

Masetto, Marcos (2004). *Conhecimento local e conhecimento universal: diversidade, mídias e tecnologias na educação*, Champagnat, Curitiba.

Maurais, Jacques (1987). *Politique et Aménagement Linguistiques*, Collection Robert, Québec.

Mateus, Maria Helena (2003). *Objectivos e Estrategias de uma Política Linguistica*, Actas do XVIII Encontro Nacional da Assoc. Portuguesa de Linguistica (APL) Iltec, Lisboa.

Moore, Michael (2003). *Handbook of distance education*, Assoc. Lawrence Erlbaum, New Jersey.

Moran, José (1995). *O Vídeo na Sala de Aula*, ECA-Ed. Moderna, São Paulo.

Moreno, Herrero (1999). *El sonido, un recurso didáctico para el profesorado*, Educación y Medios, Barcelona.

Oliveira, Lia (2005). *A Comunicação Educativa em Ambientes Virtuais*, Centro de Investigação em Educação, Braga.

Quivy, Raymond and **Campehouldt**, Luc Van (2008). Manual de Investigação em Ciências Sociais, Gradiva Tema, Portugal.

Ravenscroft, Andrew (2011). Dialogue and connectivism: A new approach to understanding and promoting dialogue-rich networked learning, The International Review Of Research In Open And Distance Learning of University Athabasca, Canadá.

Reichardt, Charles and **Cook**, Thomas (1986). Métodos cualitativos y cuantitativos en investigación educative, Morata, Madrid.

Resende, Denis (2001). Engenharia de Software e Sistemas de Informação, Brasport, Rio de Janeiro.

Ribeiro, Nuno (2007). Multimédia e tecnologias Interactivas, Editora Informática, SP.

Salomão, Ricardo (2006). Línguas e Culturas nas Comunicações de Exportação: Para uma Política de Línguas Estrangeiras ao Serviço da Internacionalização da Economia Portuguesa. Universidade Aberta, Lisboa.

Santos, Arnaldo (2000). Ensino à Distância & Tecnologias de Informação E-learning, Editora Informática FCA, Lisboa.

Serna, Manuel (2005). Tecnologias de la Información y la comunicación para la formación de docentes, Pirámide, Madrid.

Serra, Helena et al (2005). Avaliação e Diagnóstico em Dificuldades Específicas de Aprendizagem: Pistas para uma Intervenção Educativa, Edições Asa, Porto.

Sequeira, Rosa (2007). Português Língua Segunda, Universidade Aberta, Lisboa.

Siqueira, Vera (s/d). Representações em educação on-line: um estudo das falas na perspectiva dos sujeitos aprendizes, Dissertação de Mestrado da Universidade, Brasília.

Sim-Sim, Inês (1998). Desenvolvimento da Linguagem, Universidade Aberta, Lisboa.

Vogel, Thomas (2001). Learning out of control: Some thoughts on the World Wide Web in learning and teaching foreign languages, Swets & Zeitlinger Publishers, Netherlands.

Referências Bibliográficas *online*

Brito, Júlio, Pelos Caminhos de Santiago As TIC na Promoção da Leitura.
Disponível em pesquisa Web: arquivo.esse.ips.pt/nonio/esp_aberto/santiago.doc
consultado no dia 11 de Julho de 2013

Commission of the European Communities (2008).
Disponível em pesquisa Web: http://ec.europa.eu/languages/languages-of-europe/index_pt.htm
consultado no dia 19 de Junho de 2013

Commission of the European Communities (2007). High Level Group on Multilingualism: Final Report Luxembourg: Office for Official Publication of the European Community.,
Disponível em pesquisa Web: http://ec.europa.eu/education/policies/lang/doc/multireport_en.pdf
consultado no dia 10 de Maio de 2013

Rodrigues, Maria de Lurdes (2011). Problemáticas Associadas à Aquisição da Competência Leitora e Impacto na Aprendizagem Escolar, UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA, Viseu, Disponível em pesquisa Web: <http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/8723/1/trabalho%20final.pdf> consultado no dia 24 de Junho de 2013

Conselho da Europa (2001). Quadro europeu comum de referência para as línguas - Aprendizagem, ensino, avaliação.
Disponível em pesquisa Web: <http://www.dgide.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=88>
consultado no dia 12 de Fevereiro de 2013

Constituição da República Portuguesa (2005). VII Revisão Constitucional,
Disponível em pesquisa <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>
consultado no dia 23 de Março de 2013

Council of Europe .(2012) Common European Framework of Reference for Languages
Disponível em pesquisa Web: http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/Cadre1_en.asp
consultado no dia 4 de Maio de 2013

Hymes, Dell (1972). On Communicative Competence. In: J.B. Pride and J. Holmes (eds) *Sociolinguistics. Selected Readings*. Harmondsworth: Penguin, pp. 269-293.
Disponível em pesquisa Web: <http://www.homes.uni-bielefeld.de/sgramley/Hymes-2.pdf>
consultado no dia 10 de Março de 2013

Sabbatini, Renato (2007). Ambiente de Ensino e Aprendizagem via Internet A Plataforma Moodle, Instituto Edumed, Brasil
Disponível em pesquisa Web: <http://www.ead.edumed.org.br/file.php/1/PlataformaMoodle.pdf>
consultado no dia 23 de Abril de 2013

Anexos

Anexo I

Questionário em suporte de papel

Anexo II

Questionário *online*

Anexos III

Pedido de Autorização

Anexo I -Questionário 1

Questionário sobre o ensino de português (em papel)

Expectativas do *E-learning*

na Política de Língua do Ensino da Língua Portuguesa no Estrangeiro

Agradeço a todos aqueles que irão disponibilizar um pouco do seu tempo, para preencher este questionário.

No âmbito de um projeto de investigação do curso de Mestrado em Português Língua não Materna, da Universidade Aberta, solicitamos a tua colaboração neste questionário. O objetivo do questionário é identificar as expectativas dos aprendentes do *E-learning* na Política de Língua do Ensino da Língua Portuguesa no Estrangeiro. Se durante o preenchimento deste questionário surgirem dúvidas, caso pretendas colocar alguma questão ou efetuar algum comentário, contacte, por favor o seguinte email: isabelsilva@ua.pt

Agradeço que as respostas sejam objetivas e fiáveis. Coloca uma cruz nas respostas escolhidas ou escreve. Obrigado pela tua colaboração.

1. Identificação

1.1 Sexo: M F

1.2. Idade: _____

2. Classes:

1º Ciclo	
2º Ciclo	
3º Ciclo	

3. Há quantos anos estudas o português?

Há 1 anos	
Há 2 anos	
Mais de 3 anos	
Já estudei	

4. Tens o hábito de utilizar um computador em casa na aprendizagem da língua portuguesa?

Sim	
Não	

5. Já utilizaste o computador em sala de aula com o apoio do teu professor?

Sim	
Não	

6. Quais são as ferramentas que utilizas na aprendizagem de português em sala de aula? (são aceites várias opções)

Ver os Cds ou Dvd que fazem parte do manual de português	
Consultar um dicionário <i>online</i>	
Tirar dúvidas sobre uma palavra desconhecida	
Ver uma aula de vídeo no Youtube	
Comunicar no blog	
Comunicar por email	
Comunicar no Skype com professor/colegas de turma	
Outro? Qual?	

7. Consideras mais fácil a aprendizagem do português mediante o acesso à Internet?

Sim	
Não	

Por que razão? _____

8. Quantas vezes utilizas a Internet por semana?

Todos os dias	
2 ou 3 vezes por semana	
1 vez por semana	
1 vez por mês	
Nunca	

9. Quando acedes à Internet normalmente estás acompanhado ou sozinho?

Sozinho	
Acompanhado	
Tenho liberdade	

10. Gostaria de teres as aulas de português através da Internet?

Sim	
Não	

Porquê? _____

11. Achas que poderás aprender mais facilmente a língua portuguesa se utilizares a Internet?

Sim	
Não	

Porquê? _____

12. Quais são as tuas escolhas no caso de começares a aprender português na Internet?

(são aceites várias opções)

Jogos de palavras	
Vídeo	
Aúdio	
Diciopédia	

Outro. Qual? _____

13. Se os teus pais te derem a escolher entre aprenderes o português em sala de aula ou via Internet, qual será a tua escolha?

Sala de aula presencial	
Mediante a Internet	
Ambos em conjunto	
Pouco importa	

14. Porque queres aprender o Português?

Porque quero conhecer a cultura de origem dos meus pais	
Para depois poder trabalhar com países lusófonos	
Porque gosto do que fazemos nas aulas de português	
Porque os meus pais me obrigam	
Por outra razão: (para falar com a família, amigos)	

Obrigado pela sua colaboração. Enviar para: isabelsilva@ua.pt ou 27, Avenue du Tapis Vert Bat B2 – 06220 Vallauris

Anexo II – Questionário 2

Expectativas do E-learning na Política de Língua do Ensino da Língua Portuguesa no Estrangeiro

Agradeço a todos aqueles que irão disponibilizar um pouco do seu tempo, para preencher este questionário.

No âmbito de um projeto de investigação em Português Língua não Materna, da Universidade Aberta, solicito a tua colaboração neste questionário.

O objetivo do questionário é identificar as expectativas dos alunos do E-learning na Política de Língua do Ensino da Língua Portuguesa no Estrangeiro. Se durante o preenchimento deste questionário surgirem dúvidas, caso pretendas colocar alguma questão ou efetuar algum comentário, contacte, por favor o seguinte email: isabelsilva@ua.pt

Página 1

sexo *

Idade *

Nível escolar *

Há quantos anos estudas o português? *

Expectativas do E-learning na Política de Língua do Ensino da Língua Portuguesa no Estrangeiro

Agradeço a todos aqueles que irão disponibilizar um pouco do seu tempo, para preencher este questionário.

No âmbito de um projeto de investigação em Português Língua não Materna, da Universidade Aberta, solicito a tua colaboração neste questionário.

O objetivo do questionário é identificar as expectativas dos alunos do E-learning na Política de Língua do Ensino da Língua Portuguesa no Estrangeiro. Se durante o preenchimento deste questionário surgirem dúvidas, caso pretendas colocar alguma questão ou efetuar algum comentário, contacte, por favor o seguinte email: isabelsilva@ua.pt

Página 1

sexo *

Idade *

Nível escolar *

Há quantos anos estudas o português? *

Tens o hábito de utilizar um computador em casa na aprendizagem da língua portuguesa? *

sim

não

Já utilizaste o computador em sala de aula com o apoio do teu professor? *

- sim
- não

Quais são as ferramentas que utilizas na aprendizagem de português em sala de aula? *

- Ver os Cds ou Dvd que fazem parte do manual de português
- Consultar um dicionário online
- Tirar dúvidas sobre uma palavra desconhecida no Google
- Ver uma aula de vídeo no Youtube
- Comunicar no blog
- Comunicar por email
- Comunicar no Skype com professor /colegas de turma
- Ver Powerpoint

Consideras mais fácil a aprendizagem do português mediante o acesso à Internet? *

- sim
- não

Por que razão? *

Quantas vezes utilizas a Internet por semana? *

- Todos os dias
- Regularmente
- 1 vez por semana
- 1 vez por mês
- Nunca

Quando acedes à Internet normalmente estás acompanhado ou sozinho? *

- Sozinho
- Acompanhado
- Tenho liberdade

Gostaria de teres as aulas de português através da Internet? *

- sim
 não

Porquê?

Achas que poderás aprender mais facilmente a língua portuguesa se utilizares a Internet sem teres o apoio do professor? *

- sim
 não

Porquê? *

Quais são as tuas escolhas no caso de começares a aprender português na Internet?
(são aceites várias opções) *

- Jogos de palavras
 Vídeo
 Áudio
 Dicionário

Outro. Qual?

Se os teus pais te derem a escolher entre aprenderes o português em sala de aula ou via Internet, qual será a tua escolha?

- Sala de aula presencial
 Mediante a Internet
 Ambos em conjunto
 Pouco importa

Outro.Qual?

Se os teus pais te derem a escolher entre aprenderes o português em sala de aula ou via Internet, qual será a tua escolha?

- Sala de aula presencial
- Mediante a Internet
- Ambos em conjunto
- Pouco importa

Porque queres aprender o Português? *

- Porque quero conhecer a cultura de origem dos meus pais
- Para depois poder trabalhar com países lusófonos
- Porque gosto/gostava das aulas de português
- Porque os meus pais me obrigam
- Para falar com amigos e família

Consideras que o E-learning, contribui na aproximação das Comunidades de Língua Portuguesa e na difusão da língua portuguesa, aos que não tem acesso ao ensino tradicional? *

- sim
- não

Porquê? *

Obrigada pela participação!

Anexos III

Pedido de Autorização **Desde já agradeço a sua disponibilidade.** **CONSENTIMENTO INFORMADO**

Exmo. Sr.(a)

Eu sou Isabel Cristina Rodrigues Heleno Silva, Mestrando no Ramo de Especialização em Português Língua Não Materna na Universidade Aberta e estou a realizar um trabalho de investigação sobre a temática “Expectativas do *E-learning* na Política de Língua do Ensino do Português no Estrangeiro”. Gostaria de contar com a sua colaboração durante breves minutos para responder a algumas questões.

A sua colaboração é essencial mas é voluntária, as respostas são confidenciais e serão utilizadas exclusivamente para esta pesquisa. A divulgação das informações será anónima, pelo que não tem que assinar nem escrever o seu nome em nenhum local do interior deste questionário. É importante que seja o mais honesto possível e que responda a todas as questões deste questionário.

Este questionário está dividido em duas partes. A primeira parte é composta por questões relacionadas com os dados sociodemográficos. A segunda parte é constituída por diversas questões que permitem avaliar as expectativas do enino português no estrangeiro, utilizando como plataforma de ensino-aprendizagem o sistema **E-learning**.

Se tiver alguma pergunta a fazer antes de decidir, sinta-se à vontade para esclarecer todas as suas dúvidas.

Com os melhores cumprimentos e agradecimentos.

Isabel Silva n°1101287

PEDIDO PARA APLICAÇÃO DE INSTRUMENTO DE INVESTIGAÇÃO por via email

De: Isabel Silva

Enviado: quarta-feira, 13 de Março de 2013 17:48

Para: cepe.franca@instituto-camoes.pt

Cc: ,; ricsal@univ-ab.pt

Assunto: Pedido de colaboração na investigação do Mestrado em PLNM

Bom dia Dra Adelaide Cristóvão,

O meu nome é Isabel Silva e no âmbito do Programa do Mestrado em Português Língua não Materna, da Universidade Aberta (Departamento de Humanidades) encontro-me a desenvolver a tese intitulada "Expectativas do **E-learning**na Política de Língua do Ensino do Português no Estrangeiro" sob a orientação do Drº Profº Ricardo Salomão.

Venho por este meio, solicitar-lhe a divulgação de um questionário que foi elaborado com o objetivo de recolher dados, junto dos alunos de Português Língua Estrangeira, do 1º Ciclo, 2º Ciclo e 3º Ciclo através da plataforma **E-learning**. O questionário demora cerca de 10 minutos a responder e solicito que me enviem as respostas pelo email isabelsilva@ua.pt

Desde já agradeço a sua disponibilidade, em partilhar este anexo aos professores que leccionam em França.

Com os melhores cumprimentos,

Isabel Silva